



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL (MESTRADO) – UEPB/UFCG

**DA CANA-DE-AÇÚCAR AO TURISMO: UMA RECONVERSÃO
PRODUTIVA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO
MUNICÍPIO DE AREIA-PB**

Ingridt Milenna Vieira Dantas Miranda

Campina Grande, PB
2017

Ingridt Millenna Vieira Dantas Miranda

**DA CANA-DE-AÇÚCAR AO TURISMO: UMA RECONVERSÃO
PRODUTIVA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO
MUNICÍPIO DE AREIA-PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional, Curso de Mestrado da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Regional.

Área de concentração: Desenvolvimento Regional
Subárea: Turismo, Cultura e Desenvolvimento Regional
Orientador: Prof. Dr. José Luciano Albino Barbosa

CAMPINA GRANDE, PB.
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M672d Miranda, Ingridt Millenna Vieira Dantas.

Da cana-de-açúcar ao turismo [manuscrito] : uma reconversão produtiva no processo de desenvolvimento do município de Areia - PB / Ingridt Millenna Vieira Dantas Miranda. - 2017.

110 p. : il. color.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. José Luciano Albino Barbosa, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa".

1. Desenvolvimento regional. 2. Turismo. 3. Engenhos de cana-de-açúcar. 4. Reconversão produtiva. I. Título.

21. ed. CDD 338.479 1

INGRIDT MILLENA VIEIRA DANTAS MIRANDA

DA CANA-DE-AÇÚCAR AO TURISMO: UMA RECONVERSÃO
PRODUTIVA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO
DE AREIA - PB

Área de concentração: Desenvolvimento Regional

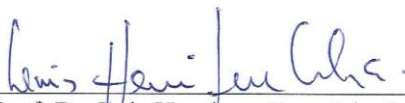
Subárea: Turismo, Cultura e Desenvolvimento Regional

Orientador: Prof. Dr. José Luciano Albino Barbosa

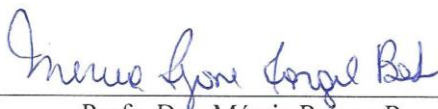
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Luciano Albino Barbosa
Orientador – UEPB



Prof. Dr. Luis Henrique Hermínio Cunha
Examinador Interno – UEPB



Profa. Dra. Mércia Rejane Rangel Batista
Examinadora Externa – UFCG

CAMPINA GRANDE-PB
2017

Sonhar mais um sonho impossível
Lutar quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender

(Sonho Impossível – Chico Buarque)

AGRADECIMENTOS

Abraçei o mar na lua cheia
Abraçei o mar
Abraçei o mar na lua cheia
Abraçei o mar
Escolhi melhor os pensamentos, pensei
Abraçei o mar
É festa no céu é lua cheia, sonhei
Abraçei o mar
E na hora marcada
Dona alvorada chegou para se banhar
E nada pediu, cantou pra o mar (e nada pediu)
Conversou com mar (e nada pediu)
E o dia sorriu...
Uma dúzia de rosas, cheiro de alfazema
Presente eu fui levar
E nada pedi, entreguei ao mar (e nada pedi)
Me molhei no mar (e nada pedi) só agradeçi

Agradecer e Abraçar (Vevé Calazans/Gerônimo)

Agradecer e abraçar a UEPB e ao Mestrado em Desenvolvimento Regional, aos professores que compõem o programa, em especial ao Professor Luciano Albino que abraçou o desafio deste trabalho. A banca examinadora: professora Mércia Batista e professor Luis Henrique Cunha. A todos os amigos mestrados, por todos os momentos de alegria e conhecimentos compartilhados.

Agradecer e abraçar ao SEBRAE, instituição que me acolheu, pelo incentivo e contribuição para a realização deste mestrado, em especial aos colegas da Agência de Campina Grande.

Agradecer e abraçar a minha família a quem devo toda e qualquer conquista, aos meus irmãos Jessica e Júnior por aguentarem as chatices de sempre e dividirmos as risadas das repetitivas histórias em cada encontro. Ao meu esposo Roberto que me incentivou, apoiou e tem sido um espelho diário de esforço na busca por conhecimento e com quem tenho construído mais essa conquista. E a mais importante de todas: a minha mãe, Edênia, que jamais mediu esforços e acima de tudo me orientou e incentivou a ser melhor a cada dia. A vocês todo meu amor e toda a minha dedicação.

Agradecer e abraçar aos amigos que me acompanharam durante essa jornada, em que desistir sempre pareceu ser o caminho mais fácil, mas, que com os conselhos e incentivos diários me fizeram ir além do que eu julgava ser capaz.

Agradecer e abraçar a “turma da curva” pelos momentos de refugio em que compartilhei as angústias, inquietações e entre um gole e um aprendizado construíram junto comigo esse trabalho do qual me orgulho, pelos muitos desafios que foram superados.

RESUMO

O município de Areia é historicamente reconhecido pelo cultivo de cana-de-açúcar e outras culturas como café, agave e sisal. Ao longo do desenvolvimento de seus processos produtivos, vários fatores foram responsáveis pela promoção de crises econômicas que estimularam mudanças, entre elas as pragas, as chuvas excessivas e a ausência de infraestrutura ferroviária. Mesmo com as dificuldades apresentadas em momentos de decadência, especialmente o cultivo de cana-de-açúcar foi responsável pela construção de um patrimônio arquitetônico cuja visitação e atividades correlatas têm sido utilizadas recentemente como alternativa econômica à crise ocorrida na década de 1990, causada especialmente pela falência da Usina de Santa Maria. A reapropriação do patrimônio arquitetônico produzido no período de funcionamento das estruturas das usinas de cana-de-açúcar aponta para um processo de reconversão produtiva baseado na proposta de reconfiguração do uso do espaço como lugar de turismo e de promoção do desenvolvimento do município de Areia. O objetivo deste trabalho é analisar como se deu esse processo. Para atingir esse objetivo, adotamos os seguintes procedimentos: (1) realizamos um levantamento histórico-econômico sobre a cidade de Areia; (2) utilizamos dados secundários e (3) realizamos entrevistas semiestruturadas com atores envolvidos na reconfiguração produtiva local, como proprietários de usinas, hotéis e restaurantes; Representante do SEBRAE; Gerentes públicos e membros de associações locais. Este conjunto de informações permitiu compreender como o turismo foi concebido como um projeto de desenvolvimento local, reagindo à fragilidade econômica vivida pelo município, combinando o interesse dos proprietários das usinas de cana de açúcar na reconversão do seu capital e o desempenho das instituições públicas responsáveis pela promoção do turismo.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Turismo; Engenhos de Cana-de-Açúcar; Reconversão Produtiva.

ABSTRACT

The municipality of Areia is historically recognized for the cultivation of sugarcane and other crops such as coffee, agave and sisal. Throughout the development of its productive processes, several factors were responsible for the promotion of economic crises that stimulated changes, among them the plagues, the excessive rainfall and the absence of railway infrastructure. Even with the difficulties presented in moments of decadence, especially the cultivation of sugarcane was responsible for the construction of an architectural patrimony whose visiting and related activities to that have been used recently as an economic alternative to the crisis that occurred in the 1990s, caused specially by the bankruptcy of the Santa Maria Plant. The reappropriation of the architectural patrimony produced in the period of operation of the structures of the sugarcane mills points to a process of productive reconversion based on the proposal of reconfiguration of the use of space as a place of tourism and promotion of the Development of the municipality of Areia. The objective of this work is analyzing how this process worked out. To achieve this objective, we adopted the following procedures: (1) we carried out a historical-economic survey on the city of Areia; (2) we used secondary data and (3) we done semi-structured interviews with actors involved in the local productive reconfiguration, such as owners of mills, hotels and restaurants; Representative of SEBRAE; Public managers and members of local associations. This set of information allowed us to understand how tourism was conceived as a local development project, reacting to the economic fragility experienced by the municipality by combining the interest of sugar cane mills' owners in converting their capital and the performance of public institutions responsible for promoting tourism.

Key words: Development; Tourism; Mill; Productive Reconversion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Areia.....	23
Figura 2 – Mapa das Usinas no Brejo (1950).....	34
Figura 3 – Mapa do “Caminhos dos Engenhos” em Areia – PB.....	41
Figura 4 – Folder Do Engenho Várzea do Coaty	42
Figura 5 – Recorte de Reportagem Sobre o Caminho dos Engenhos.....	43
Figura 6 – Mapa da Rota Civilização do Açúcar.....	64
Figura 7 – Logomarca da Rota “Caminhos dos Engenhos”	67
Figura 8 – Logomarca da Rota “Caminhos dos Engenhos” em Areia	67
Figura 9 – Sala de estar do Engenho Mineiro em Areia.....	68
Figura 10 – Produtos oferecidos ao Turista para Degustação – Engenho Triunfo.....	70
Figura 11 – Loja: Engenho Triunfo	71
Figura 12 – Restaurante Vó Maria	75
Figura 13 – Fachada – Engenho Várzea do Coaty	79
Figura 15 – Mapa de calor da procedência de turista por Estado.....	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Volume de Produção Agrícola de Areia 1994 a 2013.....	37
Gráfico 2 – Produção Agrícola de Areia 1994 a 2013 em R\$.....	38
Gráfico 3 – Número de Empregos Gerados nos estabelecimentos e MPE.....	51
Gráfico 4 – Quantidade de famílias beneficiária do Programa Bolsa Família	52
Gráfico 5 – IDHM de Areia.....	53
Gráfico 6 – Evolução do IDHM de Areia.....	54
Gráfico 7 – Fluxo Mensal de Turistas em Areia	88
Gráfico 8 – Fluxo diário no mês de Setembro.....	89
Gráfico 9 – Fluxo por dia da semana no mês de setembro.....	90
Gráfico 10 – Quantidade e Percentual de Visitantes por Região	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Número de visitantes diário no mês de setembro	89
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Indicadores de renda Areia x Paraíba	47
Tabela 2 – Status da população em relação ao trabalho	48
Tabela 3 – Renda por Setor produtivo	49
Tabela 4 – Ranking das Empresas em Areia por Atividade Econômica	50
Tabela 5 – Ranking das Empresas em Areia por Atividade Econômica	51
Tabela 6 – IDHM e Componentes Areia	54
Tabela 7 – IDHM de Areia de 1991 a 2010	55
Tabela 8 – População residente Total de 1991 a 2010	56
Tabela 9 – População residente Urbana de 1991 a 2010	56
Tabela 10 – População residente Rural de 1991 a 2010	57
Tabela 11 – Escolaridade	58
Tabela 12 – Escolaridade da População Adulta	59
Tabela 13 – Quantidade e Percentual de Visitantes por País	92
Tabela 14 – Quantidade e Percentual de Visitantes por Estado	94
Tabela 15 – Municípios da Paraíba com o maior número de visitantes em Areia	95
Tabela 16 – Municípios brasileiros com o maior número de visitantes em Areia	95

LISTA DE SIGLAS

ATURA – Associação De Turismo Rural E Cultural De Areia
CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
FMI – Fundo Monetário Internacional
IAA – Instituto Do Açúcar E Álcool
IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística
IDH – Índice De Desenvolvimento Humano
IDHM – Índice De Desenvolvimento Humano Municipal
IPHAEP – Instituto Do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba
IPHAN – Instituto Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MDF - Medium Density Fiberboard
MPE – Micro e Pequenas Empresas
OCEPB – Organização das Cooperativas do Estado da Paraíba
PAC – Programa De Aceleração Do Crescimento
PAC-CH – Programa De Aceleração Do Crescimento Cidades Históricas
PBTUR – Empresa Paraibana de Turismo
PIB – Produto Interno Bruto
PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo
PNUD – Programa Das Nações Unidas Para O Desenvolvimento
PROÁLCOOL – Programa Nacional Do Álcool
SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas Da Paraíba
SIMEI – Simples Nacional – Micro Empreendedor Individual
UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I	
DINÂMICAS ECONÔMICAS E DESENVOLVIMENTO EM AREIA.....	21
1.1. ENGENHO A VAPOR (1888-1931).....	27
1.2 USINAS (1932-1993).....	30
1.3 DO FIM DA USINA AO TURISMO: UM PROCESSO DE RECONVERSÃO (1993-ATUALMENTE).....	37
CAPÍTULO II	
DESENHO DO CAMPO, DADOS E ANÁLISES INICIAIS	46
2.1 INDICADORES SOCIOECONÔMICOS	46
2.2 ÍNDICES DE DESENVOLVIMENTO.....	52
2.2.1 Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.....	52
2.3 DEMOGRAFIA.....	55
2.4 ESCOLARIDADE.....	58
CAPÍTULO III	
DINÂMICAS ECONOMICAS E TURISMO.....	61
3.1 A PROMOÇÃO DO TURISMO COMO ALTERNATIVA ECONÔMICA EM AREIA	62
3.2 A PRÁTICA DO TURISMO ENQUANTO ATIVIDADE ECONÔMICA	73
3.3 TURISMO COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICES	105
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA PESQUISA	106
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 1: EMPREENDIMENTOS EPROPRIETÁRIO DE ENGENHO.....	107
APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 2: EMPREENDIMENTOS E PROPRIETÁRIO DE HOTEL/POUSADA/RESTAURANTE	108

APÊNDICE 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTA 3: INSTITUIÇÕES/SEBRAE	109
APÊNDICE 5 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 4: INSTITUIÇÕES	110

INTRODUÇÃO

O *locus* da pesquisa, Areia (PB), em meio a tantas possibilidades, destaca-se principalmente por suas riquezas culturais, como a aparência colonial, o patrimônio histórico e seu pioneirismo em momentos importantes da História do Brasil. Tais aspectos, além de outorgarem a esse município uma trajetória ímpar e de grande valor cultural para a Paraíba, também foram fatores motivadores no desenvolvimento desta pesquisa.

Inicialmente, é necessário entender as modificações econômicas, sociais, políticas, culturais e espaciais ocorridas ao longo dos anos, as quais permeiam a história do *locus*. Para tanto, é importante que façamos um percurso histórico nas dinâmicas econômicas de Areia, o que permitirá a compreensão, por exemplo, das variáveis que compõem a trajetória de sucessos e declínios econômicos deste município.

Criada em um ato de instalação, em 30 de agosto de 1818, Areia, como hoje é denominada, foi a nona vila criada na Paraíba, tornando-se, em pouco tempo, protagonista quando comparada com suas antecessoras. Anteriormente conhecida como Sertão de Bruxaxá, em homenagem aos índios que lá habitavam, já era referência na agricultura e no comércio, atraindo, pelo clima e produtividade da terra, famílias oriundas da capital do Estado e de Pernambuco (ALMEIDA, 1980).

Economicamente, Areia sempre foi norteadada pela agricultura, seja no cultivo do café, do algodão ou do agave. Entretanto, a que lhe proporcionou maior destaque foi o cultivo da cana-de-açúcar, que sempre esteve presente entre os processos econômicos do município, independente da sua posição dentre os produtos mais produzidos no local.

Reconhecida precocemente como referência econômica, certamente por se apresentar melhor estruturada para o processo de produção do algodão, Areia ganhou esse adjetivo em virtude da ascensão da cultura algodoeira, a qual proporcionou avanços na economia não só do município como de sua região, até o momento em que os Estados Unidos retornam ao cenário mundial, impactando na hegemonia algodoeira do brejo, por volta da década de 1970 do século XIX.

Nesse momento, em razão das constantes trocas de atividade econômica, em função das crises apresentadas, deu-se início à diversas dinâmicas de ascensão e declínio dos processos produtivos que movimentavam a economia do município. Por exemplo, como alternativa à queda do algodão, surgiram os primeiros registros de produção da cana-de-

açúcar, que posteriormente foi substituída pelo café e tal dinâmica se estende aos dias mais atuais.

Outro fator de grande interferência econômica, foi a ausência da linha férrea que para Moraes (2008), Areia foi bastante desfavorecida pela sua não inclusão na construção da estrada de ferro, o que prejudicou o escoamento das suas mercadorias e dificultou o acesso à produção, um fato aparentemente contraditório para o papel econômico que ela projetava no Estado naquele momento.

As crises que atingiam a produção agrícola em Areia, para Aquino (1980) se alastravam no comércio e na sociedade, ocasionando, inclusive, êxodos durante décadas e extinguindo algumas instituições formadas durante os períodos de crescimento econômico. Essas dificuldades foram ocasionadas por diversos fatores, tais como: queda de preço do produto no mercado, falta de competitividade devido a volta dos Estados Unidos ao mercado do agave, além de pragas como a que destruiu o cultivo do café e, por fim, a construção da estrada de ferro que limitou de maneira considerável o acesso ao município e, conseqüentemente, o escoamento da produção local.

As frequentes e abruptas mudanças na produção de um produto para outro proporcionaram à economia do município um cenário de instabilidade, cuja perspectiva para a população, nos momentos de crise, era de vulnerabilidade, o que, evidentemente, acarretou em Areia dificuldades sociais e econômicas (ALMEIDA, 1980).

Esse processo de nascimento de uma nova cultura, após o fracasso de outra, que se apresentava sempre de modo bastante promissor como solução pela frustração econômica causada pela crise anterior, se propagou de uma forma quase que inevitável – certamente impulsionada pela fragilidade econômica na qual o município se encontrava.

Concomitantemente aos períodos de crise, sobretudo da cana-de-açúcar, atividade econômica que historicamente foi fomentada pelo Estado, aconteciam intervenções estatais em busca de estabilizar a economia, favorecendo sempre o setor sucroalcooleiro, ora para estabilizar os preços do mercado e para promover a competitividade do produto brasileiro; ora como forma de subsidiar uma alternativa ao combustível para os veículos na época.

Em 1975, um desses períodos de fortalecimento das políticas de aquecimento da cana ao mercado, surgiu o Programa Nacional do Álcool (PROÁLCOOL), certamente um dos principais programas de apoio ao setor já desenvolvido. Entretanto, à medida que os investimentos realizados através dele ficavam escassos a produção da cana-de-açúcar declinava.

O advento do PROÁLCOOL possibilitou a expansão da produção de modo bastante significativo, tanto em relação aos quantitativos produzidos, como em relação à área territorial ocupada com a produção canavieira, proporcionando, inclusive, a abertura de diversas usinas para beneficiamento da cana-de-açúcar produzida.

Certamente, foram as usinas que sofreram o maior impacto quando o PROÁLCOOL começou a perder a abrangência que apresentava nos investimentos para o setor, chegando ao início nos anos 1990 com uma série de endividamentos e levando grande parte desses empreendimentos a declararem falência, dentre eles a Usina Santa Maria, instalada em Areia e uma das grandes promotoras de emprego e renda para o município na época.

Neste período, aconteceu em Areia um movimento de ruptura demasiadamente significativo para a configuração socioespacial que retrataremos ao longo do trabalho. Isto se deu em decorrência da falência da Santa Maria, marcando, sobretudo, a modificação no modelo de produção que foi admitido na sequência, na reconfiguração do uso da terra, das propriedades da Usina, da migração ocasionada pelo desemprego, entre outros.

Todavia, segundo Silva (2011), mesmo com os abalos decorrentes da vulnerabilidade econômica em determinados momentos da história, Areia, nos momentos de ascensão, conseguiu construir um patrimônio arquitetônico que traduzia os períodos de prosperidade e outorgavam ao município um aspecto que a diferenciava de todo o brejo Paraibano.

Além do patrimônio histórico, outros fatores contribuíram para que o município tenha se tornado uma referência em diversos aspectos. Os destaques econômicos, principalmente, e culturais, em determinados períodos podem ser percebidos, por exemplo com a construção do Teatro Minerva, primeiro teatro do Estado da Paraíba, além de ter lançado o primeiro jornal impresso, dentre outros feitos relevantes, seja no âmbito estadual ou nacional.

Além dos fatores citados, outros momentos importantes da história de Areia contribuíram para que essa tenha elementos singulares em relação a outros municípios – fatos que marcaram sua trajetória e ainda estão presentes em alguns elementos locais, conforme os citados por Rojas, Guardia e Nascimento (2014, p. 8):

Areia já foi o maior município do Brejo Paraibano, vindo a assumir expressão econômica durante o século XVIII, através da cultura do algodão. Participou efetivamente de vários episódios revolucionários, como a revolta dos Quebra-Quilos, quando a comunidade manifesta contra a adoção de balanças nas feiras livres.

A reprodução desses elementos históricos e a manutenção das construções realizadas nas épocas de ascensão econômica em Areia, atualmente são utilizadas na busca de benefícios

para o município, principalmente, impulsionados pelo momento econômico vivido, com o fim da Usina Santa Maria, que proporcionou além do alto número de desempregados, a necessidade dos senhores de engenho em reorganizar o uso da cana-de-açúcar produzida, que até então era comercializada com a Usina.

Com a necessidade de buscar alavancar a economia do município, bem como de reestabelecer o capital dos senhores de engenhos, no início dos anos 2000, algumas ações passam a ser realizadas em Areia, buscando o alcance de tais objetivos, é também o momento em que no Brasil, algumas políticas públicas são desenvolvidas com foco no estabelecimento do turismo como ferramenta de desenvolvimento, desde a Criação do Ministério do Turismo.

Nesse cenário Areia passa a trabalhar o projeto de turismo local, principalmente, pelos elementos históricos, arquitetônicos e climáticos que se tornaram fator convidativo para o turismo, uma vez que apresenta especificidades arquitetônicas, evidenciando uma aparência colonial agregada à história do município e dos engenhos ainda existentes, cujas estruturas permanecem instaladas, mesmo não estando em funcionamento.

A partir de então, a economia local, com ênfase para os proprietários de engenhos, passa a reconfigurar este espaço que outrora era utilizado, apenas, para produção dos derivados da cana-de-açúcar. Tal remodelação dá início a um processo aqui entendido como “reconversão produtiva” (MENEZES, MALAGODI e MOREIRA, 2013), quando a partir de uma crise, ocasionada por falha nos investimentos realizados nesta atividade econômica, promove-se uma mudança no modo como este espaço é utilizado.

Nesse processo, os engenhos passam a ser utilizados como roteiro turístico do município de Areia, constituindo uma “reconversão produtiva” no modo como os espaços são utilizados economicamente. Este movimento, configura, ainda, a perspectiva de uma economia criativa, a partir da utilização do espaço ocioso e que se apresenta como inovador, com a promessa de gerar resultados econômicos ao local.

Em paralelo a isso, algumas instituições passaram a fomentar ações de promoção do turismo, dentre elas o Governo Federal, o Governo Estadual, o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da Paraíba (SEBRAE¹), a Prefeitura Municipal de Areia, a Associação de Turismo Rural e Cultural de Areia (ATURA), dentre outras. Essas instituições, ao longo dos anos, apoiaram atividades como: Caminhos dos Engenhos, Caminhos do Frio, Brega Areia,

¹ O SEBRAE é uma instituição privada sem fins lucrativos, parte do Sistema S, criada em 1972 que tem como objetivo promover a competitividade e o desenvolvimento das micro e pequenas empresas brasileiras e fomentar o empreendedorismo no País. Ele atua também com foco no processo de formalização da economia por meio de parcerias com os setores público e privado.

Sons e Sabor, Rota Cultural, dentre outras que buscam mobilizar o interesse turístico voltado para o município.

Diante de tais variáveis, percebe-se que, neste momento, os principais atores políticos e sociais vislumbram a chegada da atividade turística, como sendo uma alternativa aos diversos momentos econômicos existentes na sua história, utilizando desta ferramenta atual como fomento econômico para concretizar mais um projeto de desenvolvimento local – buscando superar os déficits ocasionados pelos declínios anteriores.

A junção desses elementos históricos, econômicos, sociais e culturais torna a investigação dos processos econômicos de Areia uma iniciativa instigante e promissora. Nesse sentido, faz-se necessário buscar respostas à questão que move esta pesquisa: De que forma o turismo foi construído como projeto de desenvolvimento no município de Areia? Para tanto, o trabalho em questão tem o objetivo de realizar uma análise, a partir de uma perspectiva histórica, sobre os processos econômicos do município de Areia e entender como esse processo resultou na chegada do turismo como projeto de desenvolvimento local.

De modo que, ao longo do trabalho, para alcançar o objetivo definido iremos: analisar os processos econômicos existentes no município de Areia; investigar a relação das mudanças de produção em Areia, a partir de uma perspectiva Global x Local; analisar a participação dos atores envolvidos no processo de mudança dos ciclos econômicos e verificar o desenvolvimento do turismo como atividade econômica.

A metodologia de pesquisa adotada se pautou: (1) em uma revisão de literatura que versa sobre as dinâmicas econômicas do município de Areia, que não englobou todos os trabalhos produzidos, mas os mais representativos em relação aos objetivos propostos; (2) na consulta de dados secundários coletados e sistematizados pelos órgãos públicos oficiais, para que fosse possível apresentar como as dinâmicas econômicas de Areia expressaram mudanças econômicas, sociais, políticas; (3) na realização de entrevistas semiestruturadas com agentes públicos e empreendedores locais para se compreender o estabelecimento do turismo como atividade econômica relacionada ao desenvolvimento local e na análise de dados fornecidos por locais visitados no município.

No primeiro capítulo, foi feita uma retomada histórica aos processos produtivos de Areia, a partir de uma de literatura representativa acerca do tema e a consulta a dados secundários coletados e sistematizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Isto é colocado para se compreender como se deu sua formação econômica, social, política e cultural, dialogando com fatores externos que promoveram algumas de suas crises, e construir, a partir desta perspectiva, uma abordagem que permita entender o reflexo das

dinâmicas econômicas no município e como estas interferiram na concepção de Areia hoje. Sobretudo a partir de um processo de reconversão produtiva, apresentado recentemente quando a estrutura de industrialização da cana-de-açúcar passou a ser utilizada como ferramenta de promoção do turismo enquanto atividade econômica local.

No segundo capítulo, apresenta-se um quadro socioeconômico do município de Areia realizado a partir do levantamento de dados secundários extraídos das bases do IBGE, do Núcleo de Inteligência Territorial, do Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, do Dataviva e do Empresômetro. Este detalhamento visa uma complementariedade buscada ao longo do trabalho, especialmente, para se compreender com base nos indicadores analisados, as modificações socioeconômicas a que Areia foi submetida, compreendendo o estágio socioeconômico atual do município, além de permitir visualizar a contribuição que a atividade turística tem apresentado ao local, principalmente do ponto de vista econômico e social.

No terceiro capítulo, foi analisado como as dinâmicas econômicas ocorridas em Areia desembocaram na chegada do turismo como projeto de desenvolvimento local. Para tanto foram realizadas visitas ao município, nos órgãos públicos e nas empresas, para definir possíveis informantes e, posteriormente, foram realizadas 16 entrevistas semiestruturadas, realizadas no período de dezembro de 2016 a fevereiro de 2017, com 1 representante do Sebrae, agentes públicos, empreendedores locais, dentre eles: proprietários de engenhos, de hotéis e de restaurantes e de membros de associações envolvidas com o turismo, identificados ao longo do trabalho pela sequência numérica de 1 a 16. As entrevistas, buscaram ainda avaliar como a crise na produção da cana-de-açúcar, a elaboração e implementação de políticas públicas e os investimentos estatais contribuíram para a tentativa de promoção do turismo como ferramenta de desenvolvimento local. Neste capítulo, é realizada também a análise dos dados colhidos junto ao Museu “Casa Pedro Américo”, um dos principais locais de visitação do município, que proporcionou o estudo do fluxo de turistas em Areia, a procedência e o perfil dos principais períodos de visitação registrados.

CAPÍTULO I

DINÂMICAS ECONÔMICAS E DESENVOLVIMENTO EM AREIA

O primeiro capítulo retoma o processo de formação histórica e econômica do município de Areia, tal procedimento busca analisar historicamente a formação econômica do local, objeto desta pesquisa, levantando informações que serão relevantes para a compreensão do trabalho aqui proposto.

Essa reconstrução contribui para que tenhamos claramente uma ideia de como se deu a estruturação econômica, social, política e cultural e como estes fatos determinam o seu retrato atual, considerando o desenvolvimento como sendo um processo de formação histórica construída a partir de interações econômicas, sociais, políticas e culturais ao longo do tempo – descartando qualquer hipótese de casualidade para esta formação.

Do ponto de vista teórico, a ideia de desenvolvimento de Furtado se adequa aos anseios deste trabalho, sobretudo por afirmar que o crescimento econômico não pode ser confundido com desenvolvimento, e que este só é verdadeiro quando, de fato, existe um projeto social que proporcione a melhoria na qualidade de vida da população. Porém, é importante salientar que para alcançarmos esse nível de maturidade no processo de desenvolvimento é necessário considerarmos a ocorrência de variáveis fundamentais.

Neste aspecto, Furtado (2013) define que o conceito de desenvolvimento tem sido abordado em dois sentidos: no primeiro, como processo de evolução do sistema social de produção, proporcionado pela presença do progresso técnico e da acumulação, que elevam a produtividade; e num segundo sentido, pelo grau de satisfação das necessidades humanas.

No que tange ao processo de acumulação, entendido como estoque de bens de consumo corrente e o progresso técnico, Furtado (2013) analisa o segundo como estando intimamente ligado ao primeiro, visto que, o progresso técnico nada mais é que a condição para promover o contínuo processo de acumulação, que está submetido a uma condição inevitável de saturação, a qual só será superada com a ação deste.

Em outra perspectiva, que diz respeito ao grau de satisfação das necessidades humanas, fica claro que, em determinados aspectos, esse pode ser verificado de modo objetivo, no caso das necessidades básicas como alimentação e vestimenta. Entretanto, surgem aspectos mais subjetivos com relação às “necessidades” na medida em que nos afastamos do plano das necessidades essenciais, cuja referência impescinde de um sistema de valores (FURTADO, 2013).

Diante dos dois sentidos supracitados, definidos por Furtado (2013) podemos inferir que o processo de desenvolvimento econômico fomentado pela acumulação e pelo progresso técnico, é parte estrutural para o que entendemos do autor, como sendo o processo de desenvolvimento: são estes, na verdade, mecanismos que devem ser utilizados para fins de um projeto social, que proporcione avanço na qualidade de vida da população.

Com base nessa perspectiva de desenvolvimento, este trabalho buscará, em sua totalidade, uma reconstrução histórica de Areia, como forma de analisar o modo como ocorreu a sua formação econômica, mesmo que para isso tenhamos que definir de modo superficial que o desenvolvimento aqui analisado é uma construção histórica, sendo basicamente o responsável pela mudança da condição da população que busca uma melhor qualidade de vida.

Em uma abordagem geográfica, para situar o local desta pesquisa, podemos precisar que Areia está localizada na Microrregião do Brejo Paraibano e na Mesorregião Agreste Paraibano, a princípio, favorecida pelo clima e localização. Possui na sua história traços de protagonismo em inúmeros aspectos e conta, atualmente, com aproximadamente 22.940 habitantes em uma área de 266 km² (IBGE, 2016).

A localização de Areia, que outrora foi de fundamental importância para o crescimento econômico e populacional da cidade, atualmente, também influencia na dinâmica socioeconômica do município dada sua proximidade com grandes centros, conforme a Figura 1, estando a 45 km de Campina Grande e a 122 km de João Pessoa, a capital do Estado, além de estar a menos de 100 km de alguns municípios do Rio Grande do Norte, como é o caso de Passe e Fica cuja distância é de 84 km até Areia.

O Município é privilegiado com um clima agradável, onde as temperaturas variam de 15° C a 30° C, proporcionando no inverno um ambiente úmido e uma nebulosidade que o diferencia de outros municípios da região, certamente por estar localizado no topo da serra (SILVA, 2011). Tais fatores climáticos e de localização favoreceram Areia, principalmente, com relação ao seu processo de ocupação inicial quando os primeiros comerciantes passaram a fixar seus negócios em Areia e, posteriormente, para o desenvolvimento das culturas que foram produzidas em todos os processos produtivos.

Sobre sua fundação, Almeida (1980) afirma que não há certeza quanto ao início, entretanto, estima-se que foi no final do século XVII e início do XVIII, por volta do ano de 1700. Além disso, não há registro de uma figura individualmente responsável pelo feito, mas de um conjunto de pessoas provenientes, principalmente, de Mamanguape (PB) e Goiana (PE), que iniciaram a ocupação daquelas terras.

Figura 1 – Localização de Areia



Fonte: IBGE, 2016.

Desde sua fundação, Areia destacou-se como referência no comércio, momento em que se tornou ponto de abastecimento para cidades da Paraíba e de outras Capitanias vizinhas, além de ser rota de passagem entre o Sertão e o Litoral, o que motivou o desenvolvimento de núcleos urbanos na região (MORAES, 2008). Assim, a atividade comercial foi responsável por impulsionar a ocupação inicial do território que fez parte da construção do município.

Respalhada pelos motivos acima descritos, durante muito tempo Areia foi protagonista e liderou o desenvolvimento econômico do Brejo, como polo daquela região, municípios como Bananeiras, Guarabira, Cuité, Alagoa Grande, Pilões, Serraria e Pedra Lavrada já fizeram parte do território de Areia que, aos poucos, foi sendo fragmentada e perdendo área territorial (ALMEIDA, 1980).

Além da representatividade adquirida pela atividade comercial no início da ocupação do município, outros períodos são analisados por Moraes (2008) que dividiu o intervalo entre os séculos XVIII e XX, em quatro importantes momentos do seu processo de crescimento: (1) os primórdios da ocupação do sítio, no século XVIII; (2) a intensificação da ocupação do Sertão de Bruxaxá e consolidação do traçado, que se processaram na primeira metade do século XIX; (3) o auge do desenvolvimento econômico e urbano, na segunda metade dos anos 1800; (4) E, a partir de meados do século XX, a decadência econômica, após ter ficado à margem dos trajetos ferroviários implantados no estado da Paraíba.

Essa divisão proposta por Moraes (2008) contribui para uma visão linear de alguns acontecimentos relevantes ocorridos no processo de formação de Areia, entretanto, é apenas

complementar, se considerarmos as nuances que permeiam essa construção, seja do ponto de vista histórico, econômico, político, social e/ou cultural.

Ao longo dos processos, principalmente econômicos, ocorridos em Areia, observamos que a trajetória percorrida por este município está alinhada de forma muito próxima com o processo de composição de toda a região do Brejo da Paraíba, sobretudo nos aspectos produtivos.

Sobre esse processo de formação do espaço no Brejo, Moreira e Targino (1997), consideram que o cultivo da cana-de-açúcar se desenvolveu desde cedo de forma paralela à agricultura alimentar, através da produção de açúcar mascavo. Ainda de acordo com os autores, uma sucessão de culturas marca a trajetória de construção do espaço, originando os ciclos econômicos do brejo.

Economicamente, Areia foi estruturada pela agricultura, em certa medida de modo muito frágil, haja vista que a mesma a fez percorrer por diversas culturas na seguinte ordem: algodão, cana, agave e pecuária. Assim, esteve sempre vulnerável ao mercado, o que lhe proporcionava a cada processo produtivo um período de decadência e desgaste, deixando sempre a expectativa de um recomeço, a cada novo produto que surgia (AQUINO, 1980).

Por volta do final do século XVIII, Areia dava sinais de desenvolvimento econômico, impulsionada pela agricultura e o comércio, conforme destacado:

Expandia-se o desenvolvimento das atividades já iniciadas, tanto na agricultura como no comércio. Famílias da capital e de Pernambuco ali se estabeleciam, atraídas pela fama do clima e feracidade da terra. As vias de comunicação melhoravam, facilitando o escoamento dos produtos, crescia a população, o comércio tomava impulso, o povoado mudava de aspecto, dava mostras de crescimento, já possuía Igreja, só faltava o pároco (ALMEIDA, 1980, p. 8).

Corroborando o que é mencionado por Moraes (2008), que o comércio foi determinante para que Areia se transformasse num polo atrativo a novos investimentos, motivado pela economia e pelas rotas de passagens, que realçavam o seu potencial enquanto espaço urbano incentivando a permanência dos comerciantes.

Em uma análise histórica, Silva (2011) afirma que Areia foi reconhecida no século XIX como polo econômico do Brejo paraibano, proporcionado pelo sucesso da cultura do algodão. Cultura essa que foi a primeira grande propulsora de desenvolvimento econômico para o município e região, que para Lima e Mello (2009) fortaleceu a produção de alimentos pela sua condição de poder ser plantado associado a produtos tradicionais na região do brejo, como o feijão, o milho e a fava.

O algodão passa a ter destaque na Paraíba, no final do século XVIII, em virtude do aumento da sua demanda no mercado internacional e do afastamento dos Estados Unidos da produção algodoeira no âmbito mundial, ultrapassando os números de exportação do açúcar, que até então era a principal fonte de riqueza local. O período de produção do algodão contribuiu para o povoamento da região do brejo, iniciando as primeiras atividades comerciais naquele espaço ocupado, principalmente, por famílias que detinham a produção algodoeira (MOREIRA e TARGINO, 1997).

No que tange as relações de trabalho à da época, é oportuno destacar que a mão de obra escrava foi a primeira a ser utilizada na produção do algodão. Porém, pelo fato de estar em pequeno número na região, esta mão de obra foi sendo substituída por trabalhadores livres e, posteriormente à abolição, os moradores e parceiros passaram a desenvolver tal atividade. Este caso é mais recorrente nas grandes e médias propriedades (LIMA e MELLO, 2009).

Sobre o desempenho desta cultura, Almeida (1980) dizia ser o algodão a base da vida econômica de todo o Brejo, sendo Areia, naquele momento, o local melhor estruturado, do ponto de vista dos aparelhos utilizados, para manter um alto nível de produção do algodão. Entretanto, mesmo com todos os fatores positivos, a produção algodoeira ora era atingida pela ocasião das chuvas excessivas, friagem e pragas; ora pela interferência dos Estados Unidos, proporcionada pelo seu retorno à produção, junto ao mercado internacional. Foram principalmente esses os fatores que contribuíram para inserir a crise econômica do algodão no processo produtivo em questão.

Com a queda da produção hegemônica do algodão ocorrida até a década de 1970 do século XIX, ocasionada pelos motivos acima descritos, deu-se início a um novo processo produtivo em Areia, certamente aquele cuja contribuição foi determinante para a construção do espaço que se observa hoje no município.

Assim, como alternativas à queda do algodão, em meados de 1870, surgiam os primeiros registros de produção da cana-de-açúcar, que já compunha o cenário produtivo da região, juntamente com a agricultura alimentar. Essa dinâmica de declínio e o surgimento de uma nova atividade se estendem até os dias mais atuais, sempre com a produção de cana-de-açúcar presente nesses períodos, ora como protagonista, ora em segundo plano, mas nunca substituída em sua totalidade.

Essa insustentabilidade dos processos produtivos foi de crises que, para Aquino (1980), atingiam a produção agrícola em Areia e, conseqüentemente, se alastravam no comércio e na sociedade em geral. Essas crises foram ocasionadas por diversos fatores, tais como: a queda de preço do produto no mercado, pragas e a construção da estrada de ferro,

determinante para afastar de Areia o fluxo de comércio pujante ali e até então presente. Estes fatos refletiam, de uma maneira geral, o retrato econômico existente no Brasil e no mundo.

Neste mesmo período– final do século XIX– estava sendo iniciada a construção da linha férrea. Devido a questões políticas, Areia não foi contemplada com parte do traçado dessa linha, o que lhe proporcionou dificuldades com relação a outros centros que foram beneficiados com a possibilidade de um melhor escoamento da produção (MORAES, 2008).

Para Almeida (1978), a linha férrea era responsável pelo desenvolvimento econômico por onde passava, porém, de modo limitado pela sua pouca abrangência. Foi assim com Alagoa Grande, quando contemplada, e com Campina Grande mais tarde. O efeito inverso se deu com Mamanguape e Areia, excluídas do traçado, conforme trecho:

Areia, a mais próspera cidade do interior, definiu por causa do isolamento e mais se abateu quando a estrada de ferro lhe fez o cerco total. Um ramal chegava perto de suas ilhargas, em Alagoa Grande, outro contornava por Pilar, Itabaiana e Campina Grande, outro por Guarabira, Borborema e Bananeiras. Assim cercada por um sinal de ferro enlanguesceu como cidade morta (ALMEIDA, 1978, p. 170-171).

A ausência da linha férrea em Areia passa a interferir diretamente na dinâmica econômica do município, seja pela dificuldade de comunicação e escoamento da produção local, seja pela sua existência em locais cujas produções concorriam com os produtos areiense, promovendo ao município uma vulnerabilidade considerável.

Mesmo com as dificuldades impostas pela falta de comunicação proporcionada pela ausência da linha férrea, a produção de cana-de-açúcar prosseguiu. Essa cultura, que já figurava no litoral há tempos, foi beneficiada em Areia, por alguns fatores, dentre eles, o clima local, pelo deslocamento de capital restantes da produção do algodão, fato este que configura a manutenção da riqueza com os aristocratas locais, como também pelas estratégias de produção adotadas, sendo comercializada desde a capital até o sertão do estado, inclusive no Rio Grande do Norte (SANTOS, 2014).

O cultivo da cana era realizado tanto por escravos, quanto por homens livres, mesmo estando os escravos em menor número, se comparado ao litoral, representando cerca de 10% da população dos municípios de Areia, Bananeiras e Alagoa Nova, até o processo de abolição, quando o sistema de moradia passa a predominar como relação de trabalho naquele espaço (MOREIRA e TARGINO, 1997).

É importante destacar que as condições de vida desses trabalhadores eram precárias e o trabalho requeria grandes esforços físicos, conforme afirmam Moreira e Targino (1998). Entretanto, mesmo em condições adversas, o trabalho na moenda era o mais procurado pelos trabalhadores, por algumas questões: (1) salário maior que o da mão de obra utilizada nos

canaviais; (2) a produção da rapadura era realizada no período de seca da região e, conseqüentemente, em época de pouca atividade disponível; e, (3) a complementariedade da alimentação que a produção de rapadura proporcionava por dar direito aos trabalhadores a uma pequena quantidade do produto para consumo próprio.

Todavia, as crises na produção da cana-de-açúcar, além de interferirem na mão de obra, sendo diretamente responsáveis pelas modificações no processo de ocupação de espaços como o de Areia, foram também importantes instrumentos na modificação das relações de trabalho, é o que destaca (ANDRANDE, 1986, p. 104 *apud* MOREIRA e TARGINO, 1997, p. 42):

Como os senhores de engenho não podiam adquirir a mão de obra escrava suficiente para atender suas necessidades de braços, devido ao aumento de preço da força de trabalho escrava, passaram a facilitar o estabelecimento de camponeses no interior de suas terras.

De modo que a mão de obra escrava predominou na produção da cana-de-açúcar durante três séculos. Apesar de não ser única, essa relação de trabalho marcou este período até o momento em que foi substituída pelo sistema de moradores, que promoveu uma independência limitada aos agricultores, sempre submetidos ao latifúndio canavieiro (MOREIRA e TARGINO, 1997).

No terceiro quartel do século XIX, Areia contava com aproximadamente 100 engenhos e 1052 escravos, número que, em 1887, baixou para 414 e, em 1888, quando decretada a Abolição da Escravatura, momento em que a mesma já não registrava mais nenhum escravo (ALMEIDA, 1978). Assim, o município que já havia se antecipado na campanha abolicionista se torna o segundo no Brasil a promover a libertação dos seus escravos, antes mesmo da Lei Áurea em 1888.

Logo, com o fim da escravidão o sistema de morador passa a compor as relações de trabalho nos engenhos. Nele o morador passa a residir no engenho, em condições precárias, sendo cada vez mais controlado pelo dono do engenho e pagando pela moradia com dias de trabalho gratuito (SANTOS, 2014). Essa mudança nas relações de trabalho no engenho foram um dos motivadores para a tentativa de modernização do sistema de produção que culminou na criação do Engenho a Vapor, conforme detalhamento no tópico seguinte.

1.1. ENGENHO A VAPOR (1888-1931)

Esse curto intervalo de aproximadamente meia década promoveu em Areia algumas circunstâncias importantes. Basicamente foi o período de início da industrialização do

processo de produção da cana-de-açúcar a partir do engenho a vapor, com tentativas de substituição da cana pela produção do café e pelo agave, ambas tentativas de insucessos.

A partir do modo de produção existente, houve uma tentativa de modernizar a agricultura, especialmente no processo de produção do açúcar, momento no qual surge em Areia, no ano de 1888, o primeiro engenho movido a vapor – uma tentativa de modernização fragilizada, especialmente pela dificuldade financeira dos senhores de engenho em adquirir a maquinaria, mesmo havendo a diversidade do plantio e a utilização de novas técnicas (CAVALCANTE, 2013).

Inicialmente, os engenhos produziam apenas açúcar, todavia os proprietários de engenhos enxergaram na produção da rapadura um processo de fabricação mais rápido, ao passo que esta se tornava mais vendável, tornando-se, assim, o produto de preferência no processo de beneficiamento da cana-de-açúcar (ALMEIDA, 1980).

O processo de produção da rapadura sofreu algumas modificações, mesmo que tímidas, mas que incrementaram de tal modo a produção, que a moenda passou a ser de ferro e os cilindros passaram a ser montados no sentido horizontal. Além disso, houve a substituição do engenho movido à tração animal, pelo engenho a vapor, depois a motor a diesel e, por fim, a motor elétrico (MOREIRA e TARGINO, 1997).

Essa preferência pela rapadura causou certo transtorno, quando o governo decidiu aumentar os impostos sobre o produto, conforme citado:

A Assembleia da Paraíba, desde 1894, havia tributado a rapadura com um imposto de dois mil reis a cada carga para fora do Estado, esse fato fez com que as vendas para o Rio Grande do Norte cessassem. Nesse período, a rapadura passa por um momento de estagnação, muitos senhores de engenho quebraram e ficaram endividados. Além desse fato a produção da rapadura perdeu preço no mercado o que desestabilizou o setor levando a salários baixos e insignificantes margens de lucro para os senhores de engenho (CAVALCANTE, 2013, p. 49).

Além do aumento dos impostos, Moreira e Targino (1997) elencam outros dois motivos que promoveram a crise na produção de cana a partir da última década do século XIX, são eles: (1) a aparição do sertão como concorrente, quando este passa a produzir rapadura a partir da construção dos açudes naquela região, deixando de consumir os produtos do brejo; e (2) a “gomose”, doença que afetou os canaviais e os destruiu quase que completamente, obrigando os engenhos a pararem a produção e, conseqüentemente, levando os donos de engenho a se endividarem, gerando o fim deste período de produção da cana-de-açúcar.

Tais problemas induziram os produtores a adotarem, mesmo que de maneira tardia, a cultura do café, por volta da segunda metade do século XIX. Esta cultura foi devastada em menos de cinco anos por uma das maiores pragas já vistas na região, fato esse que afetou a economia, inclusive a do estado, e provocou um processo semelhante de declínio, trazendo de volta, por alguns instantes, a produção da cana-de-açúcar, que não tardou em ser substituída pelo agave (ALMEIDA, 1980).

O café, mesmo sendo beneficiado pelas condições climáticas e pelo solo parcialmente favorável ao seu cultivo, obteve um curto período de sucesso em decorrência do *Cerococus Parahybensis*, praga que destruiu os cafezais em menos de cinco anos e cujo combate nunca foi alcançado (MOREIRA e TARGINO, 1998). Por sua vez, em substituição ao café, foi iniciada a produção do Agave, que até então se mostrava promissora, tornando o município competitivo ao conseguir alavancar a sua economia, porém sofrendo com a retração da economia mundial já na segunda metade do século XX, quando a produção do agave perde espaço e é retomada a produção da cana-de-açúcar (SILVA, 2011).

Mesmo com a ocorrência dos períodos em que predominava a produção do café e do agave, são os momentos da produção da cana-de-açúcar que merecem uma atenção especial por terem sido protagonistas econômicos da história de Areia. Assim, é possível enxergar, sob uma ótica, seja positiva ou negativa, a colaboração efetiva para a construção de um patrimônio arquitetônico, para geração de conflitos, modificações no sistema de trabalho e manutenção do interesse dos senhores de engenho que repassaram seu capital para outras gerações refletindo diretamente na Areia que se apresenta atualmente.

Vale salientar que, de maneira bastante significativa, a cultura da cana também está presente na ocupação do território brasileiro e contribuiu diretamente para a afirmação da colonização portuguesa, proporcionando, segundo Barbosa (2014), a fixação, domínio, lucro, estabilidade econômica e permanência destes, interferindo, junto com a pecuária, no retrato do Brasil que observamos hoje, e em Areia esses fatos não se distanciam.

Assim, outras modificações importantes, provocadas pelas crises na produção da cana-de-açúcar, partem do próprio modo como essa produção estava organizada. A produção de cana-de-açúcar esteve dividida em três momentos: Engenho, Engenho Central e Usina (BARBOSA, 2010). Engenho, inicialmente, é definido por Ferreira (2009) como pequenas propriedades instaladas próximas aos vales e riachos, a fim de contribuir na irrigação da produção e localizavam-se próximas umas das outras. Para Barbosa (2010), o engenho tinha como base industrial o processamento da cana-de-açúcar e estava baseado no trabalho escravo e no latifúndio, sendo base econômica e social na época.

Por sua vez, o Engenho Central mantinha seu funcionamento voltado para a produção de açúcar, limitado à atividade de transformação da matéria prima e não desenvolvia atividades agrícolas, gerado como uma tentativa de amenizar a crise no setor cuja dificuldade estava indicada como sendo no processo de industrialização (MOREIRA e TARGINO, 1997).

A introdução do Engenho Central representava uma série de mudanças no setor canavieiro, já que o cultivo da cana e o processo de industrialização agora compunham espaços distintos. Neste sentido, podemos observar que:

Com os Engenhos Centrais, ao mesmo tempo em que se preservava a estrutura fundiária tradicional, introduzia-se modificações econômicas importantes, relativas ao aumento da produtividade e da rentabilidade, bem como proporcionava-se a concentração da atividade fabril nas mãos de um número relativamente pequeno de grandes produtores (MOREIRA e TARGINO, 1997, p. 56).

A ideia de organização através do Engenho Central não obteve sucesso, basicamente por quatro aspectos: (1) os senhores de engenhos estavam resistentes à ideia de se limitarem ao papel de fornecedores de cana para o engenho central; (2) mau uso dos recursos públicos destinados ao subsídio desta mudança; (3) fornecimento da cana de modo irregular; e (4) descontrole nos preços do açúcar (MOREIRA e TARGINO, 1997).

Assim como os Engenhos Centrais foram concebidos, a partir de subsídios do governo para amenizar a crise no setor, nasce também o projeto das Usinas. Fato que, para Moreira e Targino (1997), transformou a substituição dos engenhos por Usinas em um processo lento e desigual, haja vista que sua ideia não foi concebida a partir de uma necessidade do mercado, mas de mais uma tentativa de beneficiar um setor incapaz de sobreviver de modo autônomo, como será detalhado no próximo tópico.

1.2 USINAS (1932-1993)

O período delimitado nesse tópico corresponde, principalmente, ao surgimento e declínio da Usina, período de destaque para a Usina Santa Maria, situada em Areia e protagonista das modificações econômicas e sociais que serão analisadas a partir de então.

Desse modo, com relação à estrutura das Usinas, Barbosa (2010) observa que estes são empreendimentos de fabricação que também possuem atividade agrícola, passando a transformar o açúcar mascavo em centrifugado, a partir de inovações tecnológicas.

Tais modificações na organização do modo de produção se deram, principalmente, em momentos de crise e como consequência de alguns aspectos, seja pela modificação na

relação de trabalho, seja pela inserção de tecnologia ou pela interferência do Estado, de modo que, para Moreira e Targino (1997), sempre mantinham a concentração da produção nas mãos dos senhores de engenho e dos lavradores de cana.

Essa concentração certamente está relacionada aos benefícios concedidos ao setor sucroalcooleiro desde a época de Getúlio Vargas, através da proposta de utilização do álcool como aditivo ao combustível, agregada à criação do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) em 1933, como também por outras intervenções na política de preço e exportação do açúcar (FIGUEREDO, 2006).

Fatos como os relatados acima, motivam discussões que asseguram a existência de uma grande dependência da indústria da cana-de-açúcar com relação aos benefícios proporcionados pelo Estado por muitos anos, considerando que os períodos de auge deste setor sempre estiveram atrelados à intervenção estatal e que o efeito, proporcionalmente inverso, ocorre quando há ausência destas intervenções.

Neste sentido, a cana-de-açúcar volta a ser protagonista da economia a partir da interferência do Estado, através da criação do PROÁLCOOL, em 1975, que buscava diminuir a dependência do Brasil no que se refere à importação de combustível e que possibilitou a abertura de inúmeras usinas por todo país para a produção do açúcar. No caso de Areia, a Usina Santa Maria foi responsável por modificar durante algum tempo a configuração socioespacial do município.

Esse caráter paternalista do PROÁLCOOL fica ainda mais evidenciado no processo que antecede a criação do programa, visto como sendo um mecanismo para atender interesses políticos, sem participação popular, escasso de ações que promovessem a inclusão social, cujos objetivos se baseavam na necessidade de crescimento econômico, que pudesse limitar a dependência da economia brasileira ao exterior e composta, basicamente, pela participação de empresários representantes da indústria sucroalcooleira (PEDROTI, 2011).

Esse procedimento pode ser contestado tanto pelo seu caráter pouco democrático e participativo, como também por se limitar basicamente pela defesa de interesses de uma minoria financeiramente favorecida, conforme abaixo:

O processo decisório do Proálcool foi marcado por um sistema de representação de interesses voltado à defesa dos objetivos do grande capital, no qual se identificam práticas de *lobby* e a existência de vínculos horizontais temporários, típicos do modelo dos anéis burocráticos praticados no regime militar de 1964. (SANTOS 1993, p. 149 *apud* PEDROTI, 2011).

Assim, elaborado em tese para subsidiar a substituição do petróleo, em virtude dos seus altos preços, o PROÁLCOOL tem seu desenvolvimento dividido em três etapas. Conforme Carvalho e Carrijo (2007) são as seguintes:

- (1) Focou, no período de 1975 a 1979, no melhor uso dos setores açucareiros já existentes e que estavam ociosos, anexando destilarias às instalações das Usinas, de modo que superou a meta inicialmente estipulada para o ano 1980 de 3,0 bilhões de litros já em 1979;
- (2) Definida como a fase áurea do programa, foi composta nessa etapa pela sua ampliação, nela o foco estava na pesquisa e desenvolvimento tecnológico. O álcool hidratado passou a estar nos automóveis que foram fabricados a partir de 1980, sendo a meta de produção para aquele período de 14 bilhões de litros;
- (3) Marcada pelo fim do subsídio do governo ao setor, motivado pelo acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI) na segunda metade da década de 1980, que impôs uma revisão nas políticas de auxílio do governo, da elevação das dívidas interna e externa, da alta nas taxas de juros, da redução do preço do barril de petróleo, que juntas fizeram da terceira etapa, o período de baixa do PROÁLCOOL.

Temos, portanto, no período de 1975 a 1989, as ações de desenvolvimento e queda do PROÁLCOOL, marcadas, principalmente, pela colaboração assistencialista do governo quando, em 14 anos de subsídios, os produtores não conseguiram se estruturar de modo a prosseguir com êxito sem os benefícios proporcionados pelo financiamento estatal.

Ainda nesse período, em meados da segunda metade da década de 1980, segundo Proença (2012), o governo restringiu significativamente os investimentos buscando reduzir o gasto público e, conseqüentemente, a inflação. Tal fato ocasionou a queda de produção de carros movidos a álcool e, por conseguinte, desaqueceu o cultivo da cana-de-açúcar.

A intervenção do Estado através do PROÁLCOOL foi tão significativa em determinado período que, de acordo com Barbosa (2014), financiou em alguns momentos cerca de 80% da indústria, com juros de 4% ao ano. Além do clima e ambiente propício ao cultivo, os produtores ainda contavam com investimentos, apoio fiscal, tecnologia e expansão da atividade. Podemos observar o reflexo destes incentivos no trecho abaixo:

No início dos anos de 1990, a cana-de-açúcar era responsável por 45,7% da produção agrícola estadual, e a Paraíba era o quarto maior produtor do país, representando 4,8% do total. Toda a expansão canavieira esteve intimamente ligada à iniciativa estatal e, embora a grandiosidade da riqueza produzida no período de expansão com o PROÁLCOOL, não se constatou o melhoramento das condições de vida dos trabalhadores do setor. (BARBOSA, 2014, p. 80).

Assim, mesmo considerando a importância do programa para geração de emprego, por exemplo, é necessário também destacar que a produção sucroalcooleira proporcionou momentos de sazonalidade para os empregos, por concentrar essas demandas com mais ênfase na fase de colheita, alterando a flutuação da renda familiar, o que também provocou migrações durante o ano, além de promover condições de trabalho precárias (CARVALHO E CARRIJO, 2007).

O Estado da Paraíba, quando agraciado pelos investimentos do PROÁLCOOL, teve sua produção de cana-de-açúcar expandida de modo significativo. Neste momento ocorreu o aumento no número de empregos gerados pelo setor e da área utilizada para cultivo da cana, contribuindo diretamente para o aumento da produção no Estado e, conseqüentemente, para o seu desenvolvimento econômico (ALVES, SOUTO e CAVALCANTI, 2016).

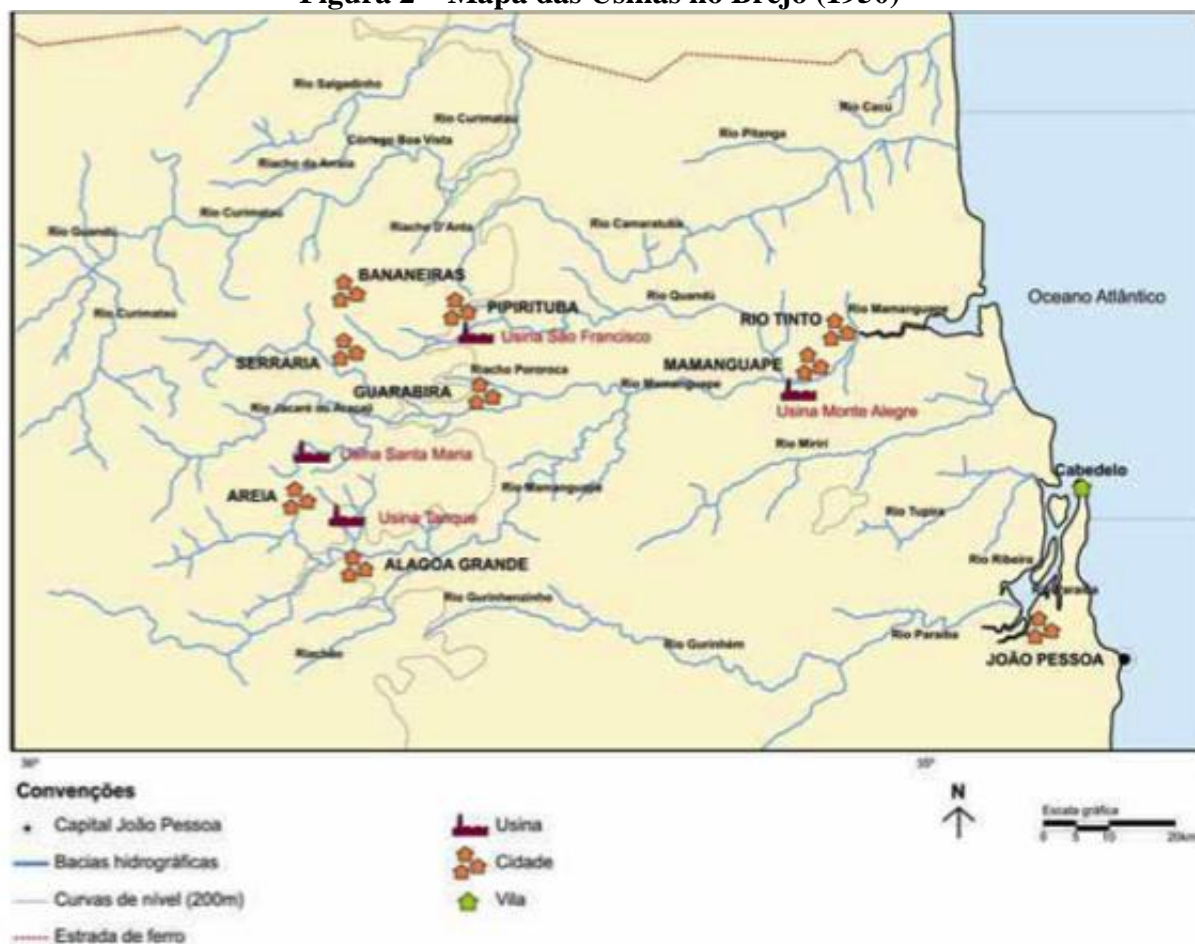
A partir de então, o desenvolvimento paraibano da produção canavieira se deu, sobretudo, em função dos investimentos do governo com o PROÁLCOOL, apresentando crescimento de 113,6% da área em que foi colhida cana, tornando-se a 4ª maior produtora do país e modificando consideravelmente a paisagem da região canavieira no estado, tanto pelo surgimento de novos municípios produtores, quanto pela expansão das áreas de produção já existentes (MOREIRA e TARGINO, 1997).

À época da implantação do Programa, o brejo já contava com duas usinas, a Tanques, localizada em Alagoa Grande e a Santa Maria, em Areia, conforme Figura 2, cuja produção havia sido iniciada em 1932, tendo em 1978, já com recurso do PROÁLCOOL, anexado a destilaria de álcool às suas instalações, fato este que gerou uma nova demanda por cana-de-açúcar, levando os proprietários a suprimirem novas terras ao território da usina a partir do arrendamento de engenhos (MENEZES, MALAGODI e MOREIRA, 2013).

A presença das usinas alterava diversos elementos na configuração do espaço, motivando a movimentação de inúmeros moradores da zona rural para a zona urbana, ocupando espaços de modo aparentemente desorganizado, além de deixarem de ocupar uma área considerável na zona rural e conseqüentemente abandonando as produções ali existentes.

Com relação às modificações na relação de trabalho, temos que moradores eram expulsos das terras e transformados em assalariados da cana-de-açúcar, o senhor de engenho passava a ser fornecedor de cana para as usinas e os empregos tomados pela sazonalidade da produção nas usinas, criando uma conjuntura de conflitos trabalhistas sobre a terra e repercutindo na violência presente no espaço agrário paraibano (BARBOSA, 2014).

Figura 2 – Mapa das Usinas no Brejo (1950)



Fonte: Andrade (1997) *apud* Moraes (2008).

Para Moreira e Targino (2011) esse processo violento de ocupação do brejo ocorreu em três fases paralelamente: (1) a expulsão e a transformação do campesinato em trabalhador; (2) conflitos de terras ocasionados pela resistência de parte dos campesinos; e (3) a organização dos trabalhadores através de movimentos sindicais em busca de melhores condições de trabalho e salário.

É necessário considerar também que, com a chegada da usina, os proprietários de engenhos passaram a direcionar sua matéria prima para sua produção. Este fato os colocou em uma posição de submissão com relação aos preços praticados e proporcionou conflitos na relação entre os senhores de engenho e a Usina Santa Maria, levando os senhores à inclusão da produção do agave nas suas terras junto com a cana (FERREIRA e MOURA FILHA, 2010).

Neste período, as usinas eram vistas como a principal alternativa de desenvolvimento para Areia, sendo o único fator de riqueza para a região, que gerava renda e melhores

condições de sobrevivência aos moradores, além de ser considerado o único meio de promover a permanência da população no município (CAVALCANTE, 2013).

Todavia, para Moreira e Targino (1997), mesmo com o PROÁLCOOL sendo determinante na retomada da produção canavieira, proporcionando números extremamente significativos, a ausência de chuvas no final dos anos de 1980 e início dos anos 1990 comprometeu claramente o volume produzido nas usinas, o que promoveu o endividamento dos seus donos e como consequência a falência da Usina Santa Maria.

É importante destacar que a escassez de chuva colaborou, até certa medida, para a crise do setor sucroalcooleiro na década de 1990. Parte dessa contribuição se deve também ao fim do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), em 1990, que para Alves, Souto e Cavalcanti (2016), compôs o princípio da mudança de comportamento do Estado enquanto interventor, uma vez que passou a diminuir de modo progressivo as políticas assistencialistas de apoio ao setor sucroalcooleiro.

Portanto, dentre outros aspectos, a Usina Santa Maria foi responsável, segundo Moraes (2008), pela ocupação desordenada do espaço urbano de Areia e pela transferência da população da zona rural para zona urbana. Além da queda nos quantitativos sobre o volume de produção e arrecadação, esse momento reflete diretamente na queda do número de habitantes entre os anos de 1950 a 2000, correspondendo a um decréscimo de 24.169 habitantes. Conforme Moraes (2008),

Desta maneira, não se pode encarar Areia somente como produto de uma ocupação casual, mas é necessário avaliar os fatores de sua formação, assim como os encaminhamentos da forma, ditados pelo relevo, pela localização estratégica de alguns elementos urbanos e pelos obstáculos ao crescimento em determinadas direções, a fim de compreender a complexidade de seu processo de desenvolvimento (MORAES, 2008. p. 100).

Ademais, começam a emergir as marcas que a crise do PROÁLCOOL deixaria na Paraíba. Segundo Moreira e Targino (2011), elas eram sentidas, sobretudo, no abatimento da área de cultivo da cana, no fechamento de quase todas as usinas de açúcar e destilarias anexas, da redução de 5/6 para 3/4 meses de colheita da produção – o que proporcionou, consequentemente, a diminuição de oportunidades de emprego – e, por fim, a aparente dificuldade financeira de algumas destilarias autônomas.

Depois de decretada a falência da Usina Santa Maria, que possuía uma considerável dívida trabalhista, os credores desta dívida enfrentaram uma importante batalha, na busca para obter o mínimo de retorno financeiro a partir do patrimônio ainda existente na Usina. Logo, conforme Moreira e Targino (2011), os trabalhadores prejudicados pela crise enfrentada pela

Usina, procuraram, através dos sindicatos e movimento com algumas entidades, se organizar para buscar possíveis soluções para os problemas deixados pelo desemprego e pela insegurança.

O quantitativo é tão significativo que a Santa Maria acumulou no início dos anos 1990 uma dívida de R\$ 24,7 milhões de reais, cifra que lhe dava o posto de 16º maior devedor nos registros do Banco do Brasil, além de uma dívida trabalhista de 5 milhões de dólares (MENEZES, MALAGODI e MOREIRA, 2013). Portanto, com a dimensão do impacto causado pela Usina, é preciso fazer uma reflexão mais abrangente sobre o momento desta queda e questionar a pouca repercussão negativa do fato, visto as consequências gravíssimas da má utilização do recurso público, conforme citado abaixo:

O que chama a atenção, no caso da falência das usinas, é que não houve iniciativas oficiais dos Poderes Executivo, Legislativo ou Judiciário para apurar as responsabilidades no caso da falência de projetos financiados. A repercussão na mídia, na sociedade civil local, denota a percepção do problema como um “fato natural”, ou seja, como um fato econômico da alçada privada dos donos da usina. Mas a falência em si de um empreendimento custeado com recursos públicos não provoca reações de protesto, nem um esforço para cobrar a responsabilidade dos que estavam à frente dos projetos (MENEZES, MALAGODI e MOREIRA, 2013, p. 339).

Além do cenário de endividamento e desemprego proporcionado pela Usina, que forçou um grande número de migração da população em busca de melhores condições, concatenado aos investimentos comprometidos, que foram realizados no setor sucroalcooleiro, já dependente pelo histórico de benefícios dados pelo Estado, torna-se extremamente questionável a efetividade da atuação do governo por meio das políticas públicas como o PROÁLCOOL.

Assim, o impacto da queda da Usina reflete diretamente não só na ocupação do espaço, mas também no modo de produção do município onde, ainda que perdendo espaço para atividades econômicas complementares, a cana-de-açúcar, e mesmo com a fuga do seu protagonismo, nunca deixou de fazer parte do cenário econômico de Areia.

No tópico seguinte, buscaremos entender como as consequências dos fatos já relatados contribuíram para a construção de um processo de reconversão produtiva no modo de produção e do espaço canavieiro, inserindo um novo modo de uso desta ferramenta, a partir da atividade turística nos engenhos.

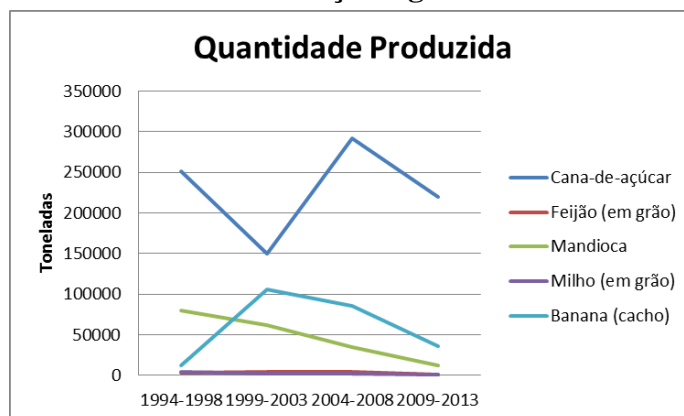
1.3 DO FIM DA USINA AO TURISMO: UM PROCESSO DE RECONVERSÃO (1993-ATUALMENTE)

Como forma de analisar o cenário econômico de Areia após a queda da Usina Santa Maria, sobretudo pelo histórico de contribuição da agricultura, foi realizado um levantamento junto ao IBGE das atividades agrícolas presentes nos últimos 20 anos, no período de 1994 a 2013 no município, extraíndo as cinco primeiras produções em volume e valor monetário.

Assim, percebemos que o produto mais colhido por tonelada em Areia, conforme gráfico 1, entre 1994 a 2013, foi a cana-de-açúcar, que mesmo apresentando uma queda substancial se mantém à frente dos demais, seguida pela banana, em alguns momentos, ou pela mandioca, além do milho e feijão.

A manutenção da cana-de-açúcar, ainda como a atividade agrícola de maior expressão em volume de produção no início dos anos 1990, se dá, sobretudo, pela falta da usina que era a principal compradora da cana produzida, o que obrigou os donos de engenhos a retomarem suas atividades de beneficiamento da cana-de-açúcar como forma de consumirem a sua própria produção canavieira.

Gráfico 1 – Volume de Produção Agrícola de Areia 1994 a 2013



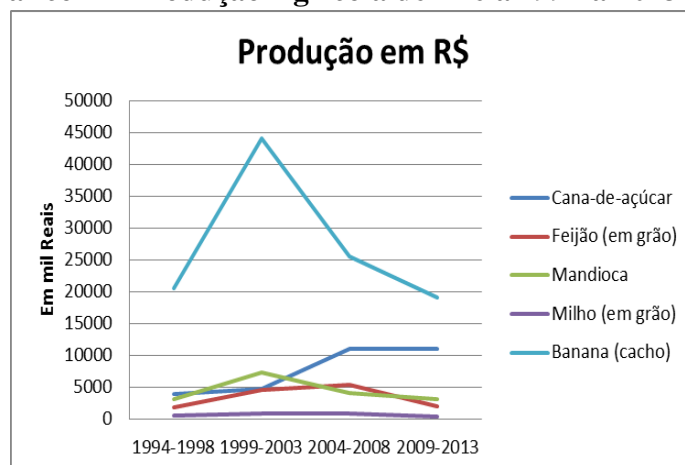
Fonte: IBGE (2016).

Porém, quando analisamos essa produção financeiramente, verificamos que os números alcançados pela cana-de-açúcar são inferiores aos da produção da banana durante todo o recorte de 1994 a 2013. Conforme gráfico 2, mesmo a cana-de-açúcar ainda sendo o produto mais produzido, o valor arrecadado com a produção de banana é muito superior, ainda que este apresente uma queda considerável na última década.

Esta reflexão evidencia que, mesmo com o declínio da Usina Santa Maria, a grande consumidora da cana-de-açúcar produzida na região, a produção sucroalcooleira permanece existindo no cenário do município, embora a banana passe a corresponder ao maior valor

arrecadado com a produção, inclusive pelo fato dos ex-assalariados da usina ocuparem as suas terras, agora como assentados e produtores.

Gráfico 2 – Produção Agrícola de Areia 1994 a 2013 em R\$



Fonte: IBGE (2016).

Por ser esta usina considerada pela população local como sendo a grande geradora de emprego e renda para o município, quando da sua falência, possuía aproximadamente 4.040 empregados (PONTE, 2011). O fim das atividades da Usina passa a impactar significativamente na economia local, haja vista a quantidade de pessoas desempregadas, que migraram para outros locais dentro e fora do estado.

Com a saída da Usina do cenário econômico de Areia, os senhores de engenhos, que até então vendiam sua produção de cana para a Santa Maria, agora retomam o beneficiamento da cana-de-açúcar e iniciam um processo de melhoramento da cachaça, conforme abaixo:

Quando nós criamos esse, esse programa de cachaça aqui em Areia, quando se começou a querer trabalhar com cachaça de qualidade, na década de 90, nós criamos uma associação, e buscamos os melhores consultores do Brasil, trouxemos pra cá, foi aí quando foi criado o Bregareia, tinha um outra finalidade, tinha a parte festiva, mas tinha também uma parte educativa e aí nós tínhamos uma semana de grandes professores, aqui vindos de São Paulo, vindos de Minas, de Minas Gerais e seguimos a cartilha mineira, tivemos muito próximos desses produtores ainda houve um, um contato muito forte entre os produtores daqui, e foi justamente o que deu, nessa, nessa desenvolvimento da produção de cachaça na Paraíba, depois com cada um crescendo e cada um fez a sua marca (ENTREVISTADO 3).

É a partir de então que se percebe em Areia uma necessidade de ocupar a lacuna deixada pela Usina, sobretudo no aspecto econômico. Nesse sentido, entendemos que essa necessidade, aliada ao interesse das elites canavieiras em perpetuarem seu patrimônio, iniciam, juntamente com entes públicos, ações com o objetivo de tornar o município um

espaço turístico, a partir da exploração do patrimônio arquitetônico, dos espaços de engenhos, do clima local e de outros fatores que compõe o cenário de Areia.

O turismo passa então a ocupar o lugar da cana-de-açúcar, como principal atividade econômica, ao menos no discurso dos empresários locais. Isso pode ser percebido no trecho abaixo, que traz a fala de um proprietário de engenho do município, afirmando ser o turismo a única alternativa econômica para Areia:

Eu acho que Areia justamente só tem a oferecer turismo, para Areia são essas duas atividades e aí continua a cachaça e a rapadura dentro do processo, porque além do turismo, além dessa coisa, do casario, dessa cidade tombada que é linda que a gente não se cansa de olhar desse clima fabuloso tem essa coisa aqui dos engenhos que são recantos agradabilíssimos onde você pode, degustar uma boa cachaça um boa rapadura, então isso só vem a somar (ENTREVISTADO 3).

Corroborando com essa ideia, Silva (2010) entende que, como consequência indireta, a cultura da cana proporcionou para Areia, mesmo com os abalos decorrentes dos períodos de decadência econômica, momentos de ascensão que proporcionaram a construção de um patrimônio arquitetônico – traduzindo, assim, os períodos de prosperidade.

Portanto, são essas construções dos períodos de ascensão econômica em Areia que hoje trazem alternativas para o município a partir da ideia de torná-lo atrativo para a atividade turística. De acordo com Silva (2011), esse potencial histórico é um diferencial no local e vem sendo valorizado pelos órgãos federais através de ações de conservação e da promoção de atividades turísticas.

Esses fatores, dentre outros, são citados no trecho retirado do Portal Reno Turismo que ressalta alguns aspectos que motivam o turista a conhecer Areia, enfatizando os elementos históricos, arquitetônicos, climáticos, de localização, entre outros, já destacados neste trabalho. Vejamos:

Duas cidades são visitadas no roteiro “O Caminho dos Engenhos” são elas Areia e Alagoa Grande. A primeira respira tradições, esta a 618m acima do nível do mar e temperatura que pode chegar a 10° em determinados períodos do ano. Além de se destacar pela sua história no período da escravidão, possui o primeiro teatro da Paraíba 1859 (Teatro Minerva), também tem grande relevância no cenário cultural com os seus filhos ilustres o pintor Pedro Américo e o escritor José Américo de Almeida. A visita ao museu da rapadura e o museu regional de Areia, faz parte do tour cultural da cidade. No passeio aos engenhos, o visitante tem a oportunidade de conhecer como é feita a produção da cachaça, degustá-la, saborear o famoso sorvete de cachaça e licores da região (PORTAL RENO TURISMO, 2017).

Portanto, com essa visão de reconversão do capital dos engenhos a partir da atividade turística, algumas ações têm sido realizadas no sentido de preservar e valorizar os aspectos históricos do município seja pela representatividade no estado da Paraíba, seja pelo seu

potencial histórico de relevância, cujo valor vem sendo reconhecido pelos programas federais de incentivo a ações de conservação e de fomento às atividades do setor turístico.

Areia foi o primeiro município da Paraíba a ter seu acervo histórico reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), em 06 de novembro 1979, através do Decreto 8.312 e, posteriormente, em 2006, o seu Conjunto Histórico, Urbanístico e Paisagístico foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através do processo 1489 aberto em 2002, totalizando o número de 420 imóveis na área tombada de acordo com informações do IPHAN.

A necessidade de serem mantidas conservadas as construções históricas, ainda presentes no espaço urbano, conferiram à Areia o benefício de ser contemplada com o Programa de Aceleração do Crescimento – Cidades Históricas (PAC-CH) – cujo objetivo é fomentar o desenvolvimento social e econômico das regiões.

No âmbito nacional, ações como essas têm sido realizadas com maior relevância a partir do início da década de 1990, quando da criação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), seguindo pela criação da Política Nacional de Turismo e, mais recentemente, já nos anos 2000, pela criação do Ministério do Turismo e do Plano Nacional do Turismo. Essas ações realizadas nos últimos 15 anos têm sido de extrema relevância e estão contribuindo para o bom funcionamento da atividade turística no país (GALDINO E COSTA, 2011).

Na Paraíba, o Programa de Desenvolvimento do Turismo tem dedicado suas ações com o objetivo de organizar e estruturar o desenvolvimento integrado e sustentável, buscando colaborar com o aumento da competitividade da economia, aumento do capital social e humano, a partir do uso das construções rurais e engenhos para explorar atividades associadas ao turismo (ROJAS, GUARDIA e NASCIMENTO, 2014).

A partir de então é possível verificar a existência de iniciativas que visam descentralizar o turismo paraibano do litoral, com ações que buscam evidenciar o potencial de algumas cidades no interior do estado. O programa Caminhos do Frio, por exemplo, criado em 2007, tendo em seu percurso as cidades de Bananeiras, Alagoa Grande, Serraria, Alagoa Nova, Areia e Pilões é um evento que tem tentado motivar o fluxo de turistas na região, em 2016 ganhou mais dois municípios para o roteiro: Remígio e Solânea.

Ainda em torno dessas ações, foi criado, em 2006, o projeto “Caminhos dos Engenhos”, coordenado pelo SEBRAE. Seu principal objetivo é a inserção dos engenhos em uma rota turística, para a qual os empreendimentos têm se preparado através de algumas ações para a recepção do público de turistas (GUARDIA, 2012).

O Município possui, atualmente, mais de 20 engenhos (GUARDIA, 2012). Desse universo, um total de 6 estão integrados à rota do “Caminhos dos Engenhos”, são eles: Engenho Bujari, Engenho Mineiro, Engenho Triunfo, Engenho Várzea do Coaty, Engenho Vaca Brava e o Engenho Carro, conforme Figura 3.

Figura 3 – Mapa do “Caminhos dos Engenhos” em Areia – PB



Fonte: Adaptado de Guardia (2012).

Segundo Brito (2013), esses engenhos abrem as portas para a visita dos turistas de segunda a domingo para que eles conheçam a história local, o processo de produção e experimentem os produtos ali produzidos. Em um final de semana, esses estabelecimentos chegam a receber até 300 visitantes.

Sobre este processo de chegada do turismo como atividade econômica, Ferreira (2009) destaca que os proprietários de engenho têm investido em alternativas para substituição e/ou complemento da produção da cana-de-açúcar e da rapadura. Essa alternativa é o turismo, que dentre outras formas, surge através de eventos como o mencionado “Caminhos dos Engenhos”.

A Figura 4 retrata esse momento dos engenhos, quando observamos nitidamente uma tentativa de promover o engenho Várzea do Coaty como espaço de visita turística, inclusive oferecendo alimentação aos visitantes, através do restaurante ali presente. Ou seja, há uma repaginação do espaço do engenho como produto para visita turística.

Essa modificação percebida no momento em que os engenhos passam a se estruturar para atender uma demanda turística, é aqui entendida como sendo um processo de reconversão produtiva, visto que a produção da cana-de-açúcar, cuja importância na história de Areia fica evidenciada, se redesenha novamente a fim de proporcionar a reprodução do capital dos senhores de engenho.

Figura 4 – Folder Do Engenho Várzea do Coaty



Fonte: Facebook – ATURA, 2016

Há uma motivação promovida, sobretudo pelo interesse dos proprietários de engenho de reproduzirem o capital, bem como das iniciativas do Estado – através das diversas políticas públicas – para promover o turismo como ferramenta de desenvolvimento local e apoiadas pelo interesse de entidades como o SEBRAE, que busca em Areia a inserção do seu espaço como produto turístico.

No trecho abaixo, que reproduz uma matéria publicada no Portal Paraíba Criativa, fica evidenciado os elementos utilizados em Areia através da criação do “Caminhos dos Engenhos”, para a promoção da atividade turística, cujo interesse de determinadas instituições, somadas à crise econômica existente, busca no turismo uma alternativa de reanimar a economia local.

É um roteiro para quem deseja conhecer os principais engenhos do Brejo elaborado com a parceria entre SEBRAE, PBTUR, prefeituras e donos dos engenhos. O objetivo principal desse roteiro é fortalecer o turismo na região contribuindo para o desenvolvimento econômico. O visitante pode ver tanto engenhos em pleno funcionamento como alguns já extintos. Também há passeios por trilhas ecológicas, com topografias mais acidentadas e repletas da mata atlântica para quem gosta de mais aventura. Participam do projeto 15 engenhos. Em alguns deles, o visitante pode

se hospedar, alimentar-se e participar de trilhas ecológicas. Neles também são vendidos produtos como cachaça, rapadura, doces e até artesanatos. Além de tudo que já foi mencionado anteriormente, o turista vai conhecer os engenhos, suas histórias e todo o processo de fabricação da cachaça e rapadura. Na região também são encontradas algumas cachoeiras nas quais o visitante terá a oportunidade de se refrescar tomando banho. Outro ponto que vale ser destacado são os centros históricos das cidades que fazem parte do roteiro (PARAÍBA CRIATIVA, 2015).

Esse movimento é retratado por meios de comunicação de abrangência nacional, como é o caso do Portal UOL, que noticiou, conforme Figura 5, a rota “Caminhos dos Engenhos”.

Figura 5 – Recorte de Reportagem Sobre o Caminho dos Engenhos

11.07.2012 08h00


Roteiro mistura história e degustação de cachaça pelo interior da Paraíba

f
Eduardo Vessoni
Do UOL, na Paraíba*


p

Os efeitos colaterais são visíveis. Os olhos quase não piscam diante de cada um dos detalhes sobre engenhos e escravidão; o sorriso parece não caber na boca com as deliciosas histórias contadas sobre tempos passados; e o corpo começa a ficar mais relaxado logo após a segunda degustação de cachaça. Esses são alguns dos (agradáveis) sintomas para quem realiza a rota 'Caminhos dos Engenhos', no interior da Paraíba.

Podem parecer histórias de fazendeiro exagerado, mas bem longe da cobiçada costa litorânea paraibana o viajante encontra um inesperado roteiro turístico que inclui visita a antigos engenhos produtores de cachaça, casario histórico bem preservado e um clima de interior com direito até a friozinho serrano.



GANHE MILHAS E PROGRAME SUA PRÓXIMA VIAGEM.
É MAIS FÁCIL
Smiles
Cadastre-se grátis



GANHE MILHAS E VIAJE PARA ONDE QUISER.

Fonte: Portal UOL, 2012.

Portanto, tomando como base o processo de reconversão em Bourdieu (2007), que resulta de uma modificação no sistema das estratégias de reprodução do capital, podendo determinar uma transformação da estrutura patrimonial, buscamos problematizar a reestruturação ocorrida em torno da cana-de-açúcar, enquanto protagonista da reprodução do capital no local desta pesquisa, cuja estrutura de produção vem sendo utilizada como chamariz para atividade turística.

A modificação em torno do modo de acumulação proporcionado pela cana-de-açúcar é central nessa discussão, mesmo entendendo que a cada novo processo produtivo, Areia atravessava um período de reconversão. Todavia, o modo como os engenhos se modificaram para se aventurarem num novo processo econômico, apostando no turismo como atividade econômica, é fundamental para problematizarmos a questão da reconversão produtiva aqui proposta.

Desse modo, o processo de reconversão produtiva para Menezes, Malagodi e Moreira (2013) pode ser diferenciado em dois tipos e possuem efeitos opostos do ponto de vista econômico, social e político, podendo ser: (1) por interesse privado, cujo interesse principal está diretamente ligado à valorização do capital, e (2) quando a reconversão é motivada por fracassos no investimento do capital, direcionado à área com situação crítica e de estagnação.

Logo, temos que a mudança ocorrida durante o processo de produção da cana, a passa por diversos momentos em que o Estado subsidia sua manutenção e com a resistência dos fracassos a cada dinâmica econômica, sugere uma reconversão no processo produtivo da cana-de-açúcar, influenciado pelo segundo fator, cujo investimento de capital fracassou. Assim, temos que a reconversão produtiva:

Remete, portanto, não apenas a uma mudança de tipo de produtos cultivados, de atividades econômicas, mas a uma nova relação social e uma nova relação homem-natureza. Há, portanto, uma nova forma de apropriação dos recursos naturais (MENEZES, MALAGODI e MOREIRA, 2013, p. 333).

Para Vasconcelos (2011), esse processo de modificação do uso da terra é caracterizado como um processo de reconversão produtiva a partir da incorporação de novas formas de produção no seu modo de organização social, transformando o “como”, “o quê”, e “para quem” se produz.

É imprescindível também ressaltar, conforme Menezes, Malagodi e Moreira (2013), que o ambiente de reconversão produtiva é preenchido por tensões proporcionadas pelos diferentes interesses dos atores, em posições de poder também diferenciadas, além de destacar que não existe uma causa única para a sua ocorrência. É, de fato, o reflexo de ações dos setores econômicos dominantes, das redefinições do mercado internacional, do papel das políticas públicas e da força da organização dos trabalhadores.

Portanto, as dinâmicas econômicas de Areia, sobretudo, a modificação na relação com a produção de cana-de-açúcar, a partir da sua desvalorização após a queda da Usina Santa Maria e da modificação proposta por esta no modo de produção, nas relações de trabalho e na configuração do espaço – atrelada à transformação recente dos engenhos, enquanto espaço turístico motiva a ideia de reconversão produtiva, entendendo que existe atualmente em Areia uma transformação no uso deste recurso.

Por fim, nos próximos capítulos, será feita uma abordagem que analisa os dados apresentados por Areia, em algumas perspectivas, dentre elas, as questões demográficas, de escolaridade, das atividades econômicas apresentadas atualmente, a partir da apresentação de

estatísticas de Receita Federal, que serão importantes para uma contextualização do momento econômico e social do município atualmente, e nos últimos anos, contribuindo assim, para uma visão complementar necessária a compreensão deste trabalho.

CAPÍTULO II

DESENHO DO CAMPO, DADOS E ANÁLISES INICIAIS

Esse capítulo pretende apresentar um desenho do município de Areia a partir da análise de dados oficiais extraídos de fontes como: IBGE, Observatório do Desenvolvimento Regional, Núcleo de Inteligência Territorial e Atlas do Desenvolvimento Humano. Estas são plataformas que consolidam os dados do IBGE, dentre outros, que nos possibilitam uma visão macro sobre os índices que figuram em Areia.

Os dados econômicos, sociais, demográficos e educacionais aqui apresentados, possibilitam uma melhor compreensão da formação histórica do município e como os fatos ali ocorridos modificaram o cenário demográfico, por exemplo. Também proporcionam uma perspectiva atual de como Areia se apresenta economicamente e, sobretudo, se de algum modo, o turismo tem interferido nesses índices.

Apenas esses indicadores não são suficientes para traduzir o cenário que encontramos no município. Portanto, são uma maneira de complementar esta pesquisa, de modo que, com as informações de caráter histórico já levantadas e acrescidas do subsídio fornecido pelos dados, podemos desenhar de modo mais assertivo o campo desta pesquisa.

2.1 INDICADORES SOCIOECONÔMICOS

A renda *per capita* é um dos principais indicadores socioeconômicos disponíveis para analisarmos o desempenho de um determinado município. No caso de Areia, este indicador apresentou mudanças significativas no recorte de 1991 a 2010. Conforme observamos na Tabela 1, com relação à renda *per capita*, Areia apresenta índices menores que os do estado da Paraíba em todas as décadas no período analisado, sendo representado em reais, onde verificamos que a maior diferença registrada está nos índices de 2010, quando a renda *per capita* em Areia é menor R\$ 155,02 que a do Estado.

Se considerarmos que no ano de 2010 o salário mínimo era de R\$ 510,00, conforme o Portal Brasil (2016), e a renda *per capita* de Areia era de R\$ 319,92 os rendimentos médios da população só equivaliam a 62,73% do salário mínimo – pouco mais da metade do benefício mensal. Com relação ao percentual de pessoas consideradas extremamente pobres, aquelas cujo rendimento mensal é igual ou inferior a R\$ 70,00 Areia também apresenta os maiores índices quando comparada com a Paraíba.

Tabela 1 – Indicadores de renda Areia x Paraíba

Indicador	1991		2000		2010	
	Areia	Paraíba	Areia	Paraíba	Areia	Paraíba
Renda per capita em R\$	128,02	196,59	179,98	299,09	319,92	474,94
% de extremamente pobres	48,71	41,18	37,89	25,17	17,11	13,39
% de pobres	78,57	68,29	67,78	49,61	36,99	28,93
Índice de Gini	0,57	0,64	0,60	0,63	0,55	0,61

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2016).

Entretanto, é preciso considerar que este indicador apresenta uma queda representativa no período analisado, quando passa de 48,71% para 17,11% da população, uma diferença de 31,60 pontos percentuais, que em números reais corresponde a 7.530 habitantes, considerando a população de 2010, que saíram do estado de extrema pobreza entre 1991 e 2010.

Quando comparada à Paraíba, a evolução de Areia para os índices de pessoas em extrema pobreza é ainda mais significativa, pois, para o mesmo período, o Estado apresentou uma queda de 27,79 pontos percentuais, número menor do que o apresentado por Areia no mesmo período, que foi de 31,60.

Efeito similar acontece com o percentual de pobres, que engloba as pessoas com renda igual ou inferior a R\$ 140,00 mensais. Neste caso, Areia também apresenta índices superiores ao do estado em todos os anos analisados. Entretanto, a modificação ocorrida ao longo dos anos é ainda mais significativa, haja vista que entre o período estudado este percentual apresentou uma queda de 41,58 pontos percentuais, quando caiu de 78,57% apresentado em 1991 para 36,99% registrado em 2010.

Novamente, esta queda é mais significativa no município em termos percentuais para índices de Areia do que a do estado, que apresentou uma defasagem de 39,36 pontos percentuais, saindo de 68,29% da população considerada pobre, em 1991, para 28,93% em 2010.

Com relação ao índice de Gini, definido pelo Atlas do Desenvolvimento Humano (2016) como a medida utilizada para analisar o grau de concentração de renda, no intervalo de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo a 1 maior o nível de concentração de renda e consequentemente de desigualdade.

Nesta perspectiva, observando o intervalo apresentado por Areia, verificamos uma variação no período de 1991 a 2010. Com relação ao ano de 2000, comparado a 1991, ele

apresentou aproximação a 1, saindo de 0,57 para 0,60, ou seja, aumento da concentração de renda e, conseqüentemente, da desigualdade, porém em 2010 houve uma queda no índice, tanto em relação a 2000 quanto a 1991, estando no menor grau já registrado que é de 0,55.

Quando realizamos o comparativo com os índices apresentados pela Paraíba, constatamos que neste caso há uma inversão com relação aos demais indicadores analisados, estando o município de Areia com o índice de Gini menor que o do estado em todas as décadas analisadas, ainda que o estado também tenha apresentado uma queda de 0,64 para 0,61 entre 1991 e 2010, conforme Tabela 1.

Com relação à população economicamente ativa, em Areia no ano de 2010, temos que 60,8% da população compunha esse indicador, sendo um total de 10.181 pessoas, divididas em 57,3% as que estavam ativa e ocupada, correspondendo a 9.138 pessoas e 6,5% as ativas desocupadas de um total de 1.043 pessoas, índice menor que o da Paraíba, complementando o indicador, temos 36,2% de pessoas economicamente inativas que totalizam 5.772 habitantes, na Paraíba esses índices são 59,3%, 8,5% e 32,2% todos acima dos visualizados no Município estudado (ver Tabela 2).

Tabela 2 – Status da população em relação ao trabalho

Composição da população de 18 ou mais anos de idade – 2010		
Indicador	%	Número de habitantes
População economicamente ativa ocupada	57,3	9.138
População economicamente ativa desocupada	6,5	1.043
População economicamente inativa	36,2	5.772

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2016).

O nível escolar da população ocupada está dividido em Fundamental completo e Médio completo, correspondendo a 34,94% e 24,35%, respectivamente, são percentuais que obtiveram uma evolução marcante na última década.

Com relação à distribuição de renda por setor produtivo, temos no quadro que segue a contribuição de cada setor em percentual, cuja análise superficial nos permite avaliar que os setores de Comércio e Serviço e da Indústria apresentaram crescimento no período de 2009 a 2012, enquanto que a Agropecuária e o Setor Público diminuíram o seu percentual de participação.

Entretanto, é importante destacar a alta participação do Setor Público, mesmo havendo decrescido, enquanto fonte de renda de Areia, participando, em 2012, com 52,02% do total da

renda do município. Neste sentido, é importante avaliarmos que esta não é uma tendência, quando comparamos com os índices do estado e do país, quando para o mesmo período eles apresentam 31,68% e 16,60%, respectivamente, sendo o setor de Comércio e Serviço o principal contribuinte em termos percentuais tanto na Paraíba como no Brasil, apresentando 41,98% e 52,06%.

Com as informações extraídas a partir da Tabela 3, podemos realizar algumas análises mais detalhadas com relação às atividades econômicas presentes em Areia, e a contribuição destas para a economia local.

Tabela 3 – Renda por Setor produtivo

Indicador	2009	2010	2011	2012
Agropecuária	8,86	7,71	8,38	5,81
Comércio e Serviço	24,34	24,99	25,45	27,48
Indústria	13,22	13,80	13,99	14,69
Setor Público	53,57	53,50	52,18	52,02

Fonte: Núcleo de Inteligência Territorial (2016).

De acordo com dados do Dataviva (2016), esses mesmos indicadores, em 2014, estão apresentados da seguinte maneira: Administração Pública (Setor Público) corresponde a 65% da fonte de renda do município, seguindo por Comércio e Serviço 22,44%, Indústria 8,8% e Agropecuária 3,2%.

De modo que a Indústria está representada por 6,0% – construção civil, 1,5% – Fabricação de bebidas e destilados, 0,74% – fabricação de produtos de panificação, 0,28% – Fabricação de sorvetes, 0,17% – Fabricação de móveis de madeira, 0,036% – Impressão de materiais para outros usos, 0,033% – Confeção de peças do vestuário e 0,033% – Serviços de usinagem em metais.

Já o setor agropecuário está composto de 1,8% – Cultivo da cana-de-açúcar, 0,77% – Atividade de pós-colheita, 0,27% – Cultivo de Cereais, 0,17% – Criação de bovinos, 0,098 – Cultivo de outras plantas de lavoura temporária, 0,067 – Atividade de apoio à pecuária, 0,034 – Atividade de apoio à agropecuária.

Com relação à participação dos setores da Indústria, Comércio e Serviço e Agropecuária, cujas atividades econômicas estão formalizadas através do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), através de um levantamento realizado com base nesses registros junto a Receita Federal, podemos destacar os seguintes dados: Areia possui atualmente, 838 empresas em atividade; desse total, 776 são micro e pequenas empresas, correspondendo a

92,6%, e estão divididas da seguinte maneira: 60% Sistema Nacional – Micro Empreendedor Individual (SIMEI), 20% são optantes do simples nacional, 19% são micro empresas e 1% corresponde ao número de empresas de pequeno porte, cujo faturamento anual está entre 360 mil e 3,6 milhões.

A finalidade desta análise é, além de obter o perfil das atividades econômicas que estão mais presentes na economia de Areia, entender o perfil destas e, principalmente, se estão relacionadas à área turística. Assim, observamos que das dez atividades com maior número de registro, apenas as de número 3 e 4, serviço de táxi e lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares podem sofrer influência da atividade turística (ver Tabela 4).

Tabela 4 – Ranking das Empresas em Areia por Atividade Econômica

Posição	Atividade Econômica	Quantidade em 25/07/2016	Representação total
1	Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios	54	6,96%
2	Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - minimercados, mercearias e armazéns	52	6,70%
3	Serviço de táxi	41	5,28%
4	Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares	34	4,38%
5	Comércio varejista de artigos de colchoaria	27	3,48%
6	Cabeleireiros	23	2,96%
7	Comércio varejista de bebidas	22	2,84%
8	Comércio varejista de materiais de construção em geral	20	2,58%
9	Restaurantes e similares	16	2,06%
10	Comércio varejista de artigos de armarinho	15	1,93%

Fonte: Empresômetro (2016)

Na mesma base de dados, analisando as atividades como bares e restaurantes, hotéis, pousadas, cuja natureza está diretamente ligada à atividade turística, obtemos os seguintes quantitativos, conforme a Tabela 5. A atividade econômica de hotéis e similares em 2014, de acordo com dados do Dataviva (2016), correspondia a 2,2% dos empregos gerados no município, um total de 35 postos de trabalhos formais, em 3 estabelecimentos, gerando uma média de 12 empregos por estabelecimento, em funções como: camareira, recepcionista, cozinheiros, entre outros.

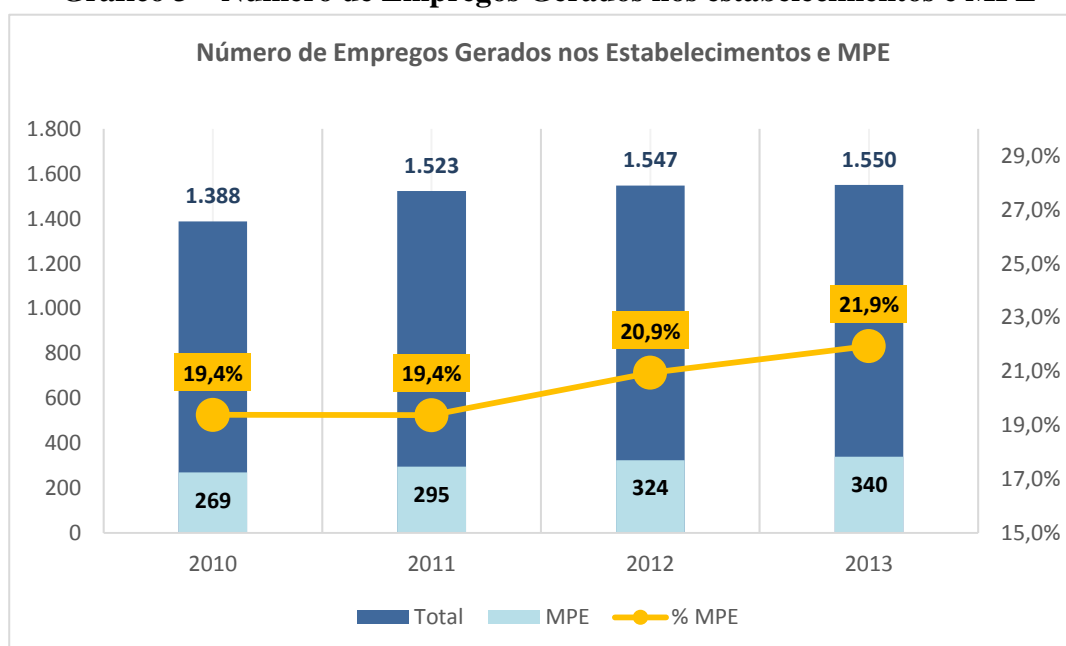
Tabela 5 – Ranking das Empresas em Areia por Atividade Econômica

Posição	Atividade Econômica	Quantidade em 25/07/2016	Representação total
12	Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas	13	1,64%
15	Agências de viagens	09	1,13%
46	Hotéis	04	0,50
50	Comércio varejista de souvenirs, bijuterias e artesanatos	04	0,50
121	Apart-Hotéis	01	0,13
161	Locação de automóveis sem condutor	01	0,13
179	Campings	01	0,13

Fonte: Empresômetro (2016).

Neste cenário, de participação das micro e pequenas empresas temos, de acordo com a Figura 6, que em 2013, quando existiam em Areia 543 micro e pequenas empresas, estas geravam o maior número de empregos já registrados, que era de 340, compondo apenas 21,93% dos empregos gerados por empresas no município. No mesmo período, os demais estabelecimentos geravam 1.550 empregos, também apresentando um crescimento moderado no intervalo de 2010 a 2013 (ver Gráfico 3).

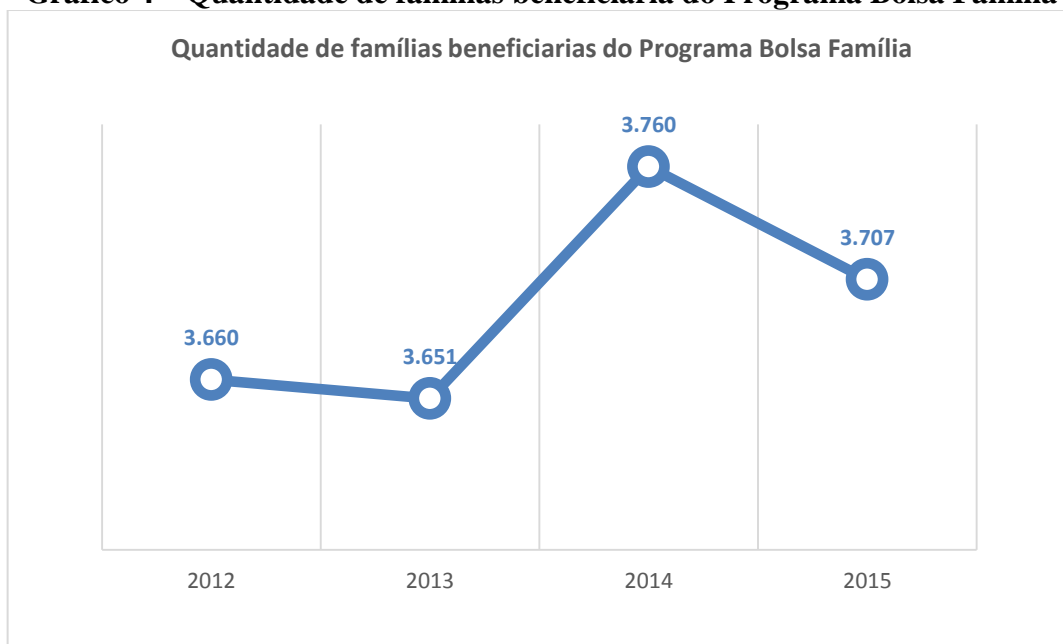
Gráfico 3 – Número de Empregos Gerados nos estabelecimentos e MPE



Fonte: Núcleo de Inteligência Territorial (2016).

No Gráfico 4, temos a participação do Programa Bolsa Família na economia de Areia, através do registro de número de famílias beneficiárias do programa, que atingiu, em 2015, o quantitativo de 3.707 famílias favorecidas. Se em uma situação hipotética considerarmos que cada família é composta por 4 pessoas, teremos um total de 14.828 pessoas atingidas pelo recurso do programa, o que corresponderia a 62,22% da população do município.

Gráfico 4 – Quantidade de famílias beneficiaria do Programa Bolsa Família



Fonte: Núcleo de Inteligência Territorial (2016).

2.2 ÍNDICES DE DESENVOLVIMENTO

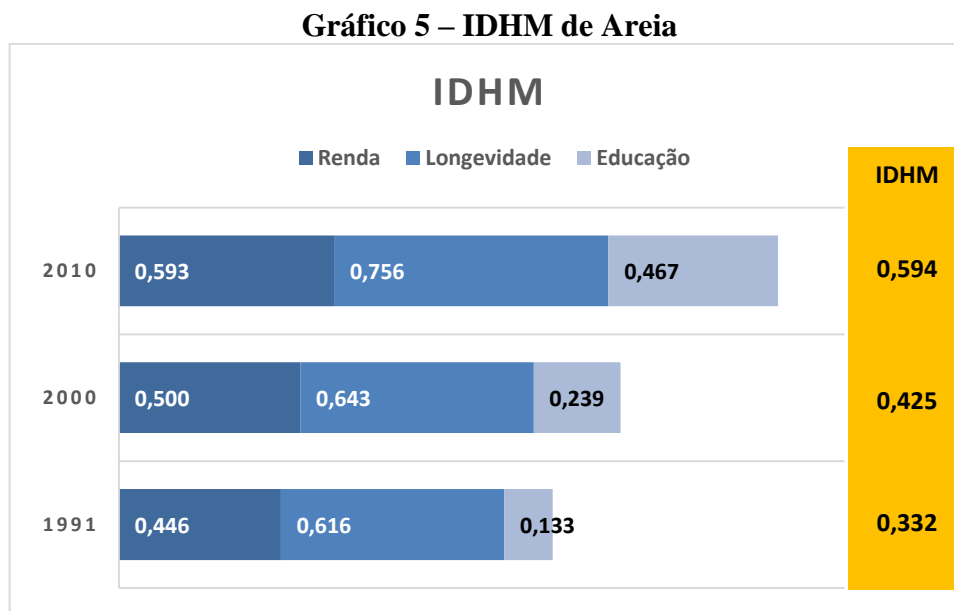
Para além do repasse de quantitativos econômicos, esse tópico tem o objetivo de retratar, em dados, o histórico econômico, social, educacional e populacional de Areia e construir uma perspectiva do Município que nos permita interpretar as diversas faces de sua história ao longo dos anos estudados. Para tanto, analisaremos de modo pouco aprofundado alguns índices, como: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), Produto Interno Bruto (PIB), Dados demográficos, entre outros.

2.2.1 Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é um indicador gerado a partir do somatório de três variáveis de desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. É uma variação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), criado para ser um contraponto em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), utilizado por muito tempo como

medida de desenvolvimento. O IDHM varia de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo a 1 maior o índice desenvolvimento humano (PNUD, 2016).

Em Areia, esse índice é medido desde 1991, sendo que, neste ano, o registro é de IDHM igual a 0,332, o mais baixo já registrado para o município, conforme Gráfico 5:



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2016).

Como observado no Gráfico 5, o IDHM de Areia em 2000 cresceu 28,01% em relação a 1991, já o de 2010 cresceu 39,76% em relação ao de 2000, reduzindo em 70,61% a distância para o limite máximo do índice que é 1. Entretanto o coeficiente apresentado em 2010 ainda proporciona para Areia a permanência na faixa de 0,500 a 0,599 considerada de Desenvolvimento Humano Baixo.

Com relação ao quadro apresentado na Paraíba, que possui desde 2010 um IDHM de 0,658, Areia tem uma defasagem de 9,73% do seu IDHM com relação ao do estado, porém se analisarmos o crescimento do índice em Areia e na Paraíba, com relação a 2000, o primeiro apresentou um crescimento de 9,72 pontos percentuais em relação ao estado que cresceu 30,04%, quando Areia apresentou um crescimento de 39,76%.

É pertinente, neste caso, realizarmos uma análise individual da contribuição de cada uma das variáveis de Desenvolvimento Humano para entender, de fato, qual a contribuição de cada indicador na composição do IDHM de Areia.

De acordo com os dados apresentados, podemos verificar que, atualmente, o indicador da Longevidade é o que possui maior índice, apresentando 0,756, contribuindo com a maior parcela no IDHM, evidenciado na Tabela 6. Em seguida, está o indicador da Renda

com 0,593 e, por fim, a Educação com 0,467. Entretanto, é importante observar que, em termos individuais, o indicador da Educação apresenta o maior crescimento, de 0,334, passando de 0,133 para 0,467, entre 1991 e 2010.

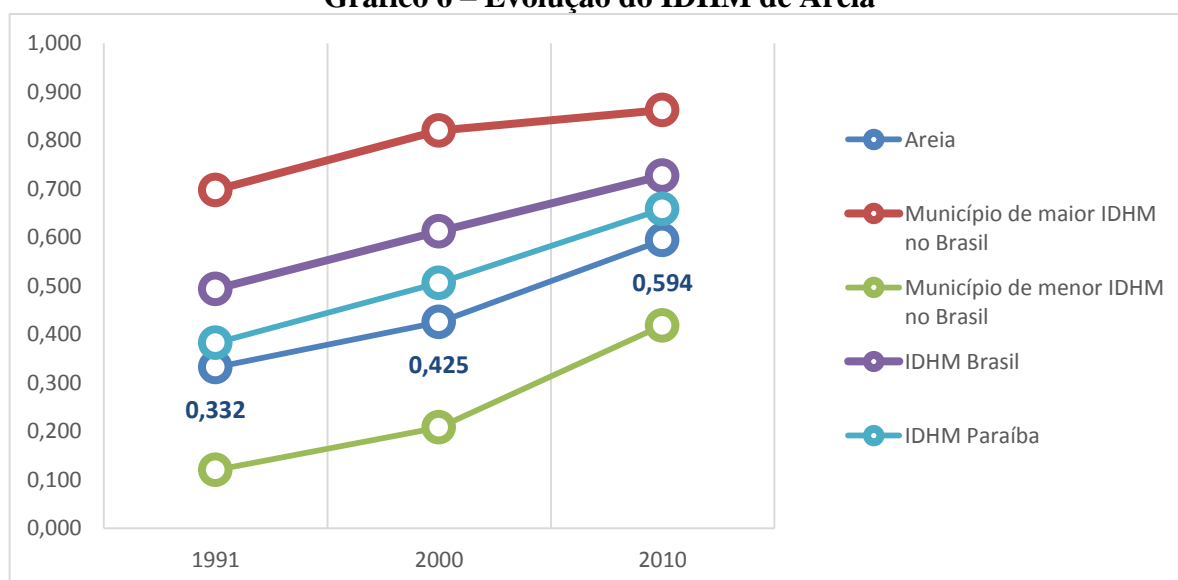
Tabela 6 – IDHM e Componentes Areia

IDHM E COMPONENTES	1991	2000	2010
IDHM Educação	0,133	0,239	0,467
% de 18 anos ou mais com ensino fundamental completo	11,86	16,63	31,09
% de 5 a 6 anos frequentando a escola	25,37	67,42	84,37
% de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental	16,17	27,67	87,29
% de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo	7,99	14,44	31,84
% de 18 a 20 anos com ensino médio completo	6,34	4,99	25,25
IDHM Longevidade	0,616	0,643	0,756
Esperança de vida ao nascer	61,94	63,56	70,34
IDHM Renda	0,446	0,500	0,593
Renda per capita (em R\$)	128,02	179,98	319,92

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2016).

No Gráfico 6, podemos observar a evolução do IDHM de Areia em relação ao mesmo índice apresentado na Paraíba, no Brasil e no mundo, além de um comparativo com os municípios no Brasil com maior e menor IDHM, respectivamente.

Gráfico 6 – Evolução do IDHM de Areia



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2016).

Apesar de apresentar uma evolução em relação ao seu próprio índice, Areia não figura entre os mais altos dentre os comparados. Em termos gerais, o município ocupa a 4284ª

posição no ranking brasileiro que conta com um total de 5.565 municípios, ou seja, está com o IDHM a frente de apenas 1.281 outros municípios.

Com relação a Tabela 7, é importante destacarmos que quando Areia possuía o menor IDHM, no ano de 1991, que era de 0,332, estava melhor colocada tanto no ranking nacional, quanto estadual, era a 3567 em relação aos 5565 municípios do país e a 37ª dos 223 municípios do estado da Paraíba.

Tabela 7 – IDHM de Areia de 1991 a 2010

Ano	Ranking Brasil	IDHM	IDHM Renda	IDHM Longevidade	IDHM Educação	Ranking Paraíba
1991	3567/5565	0,332	0,446	0,616	0,133	37º/223
2000	4353/5565	0,425	0,500	0,643	0,239	83º/223
2010	4284/5565	0,594	0,593	0,756	0,467	83º/223

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2016).

Esta análise nos leva a ponderar que, embora tenha havido um crescimento considerável nos seus índices, Areia passa a ocupar o lugar 4284º no ranking nacional e 83º entre os demais municípios do estado, evidenciando que a cidade de Areia não acompanhou a escala de crescimento das demais localidades nos anos subsequentes, tendo apresentado, em 1991, a sua melhor posição no ranking, quando ocupou o lugar 3567 de um total de 5565 municípios existentes.

2.3 DEMOGRAFIA

Os índices relacionados à população de Areia retratam alguns aspectos relevantes da trajetória do município. Quando realizamos um recorte do período de 1991 a 2010 e comparamos com os mesmos índices do brejo paraibano, da Paraíba e do Brasil, observamos que Areia apresenta um decréscimo considerável do número de habitantes. Esse fato pode ser associado à migração de parte da população para outras regiões em busca de emprego, após a falência da Usina Santa Maria, no ano de 1990.

Na Tabela 8 podemos verificar que no período de 1991 a 2010, Areia apresenta uma queda de -7,96%, que representa o número de 4.301 habitantes a menos, com relação ao primeiro ano da amostra. Fato semelhante ocorre com o Brejo, porém este apresenta um decréscimo de -3,60% da população, menor que o verificado em Areia.

Tabela 8 – População residente Total de 1991 a 2010

Ano	População residente – Total							
	Areia – PB	Variação %	Brejo - PB	Variação %	Paraíba	Variação %	Brasil	Variação %
1991	28.130	-	125.391	-	3.201.114	-	146.825.475	-
2000	26.131	-7,11%	118.979	-5,11%	3.443.825	7,58%	169.799.170	15,65%
2010	23.829	-8,81%	116.488	-2,09%	3.766.528	9,37%	190.755.799	12,34%
Média da variação	-7,96%		-3,60%		8,48%		14,00%	

Fonte: IBGE (2016).

Observando os números extraídos para a Paraíba e o Brasil nos mesmos anos, constatamos que tanto em Areia, quanto na sua Microrregião houve, neste período, um movimento inverso, visto que o estado e o país possuíam neste intervalo um crescimento populacional de 8,48% e 14,00%, respectivamente.

Essa análise torna-se ainda mais impactante quando consideramos que em 1950, segundo Moreira e Moraes (2009), Areia possuía 46.300 habitantes. Nestas condições, a perda populacional de 22.461 munícipes representa um percentual de aproximadamente 50% a menos com relação ao ano de 2010, ficando próximo dos 22.000 habitantes que residiam em Areia nos anos de 1900.

Na Tabela 9, observamos que Areia, apesar de positivo, apresenta um crescimento da população urbana abaixo da média de sua microrregião, do estado da Paraíba e do Brasil durante o período de 1991 a 2010. A variação de crescimento do município em relação ao país no ano de 2000 quando comparado a de 1991, por exemplo, chega a ser de quase 20 pontos percentuais a menos.

Tabela 9 – População residente Urbana de 1991 a 2010

Ano	População residente – Urbana							
	Areia	Variação %	Brejo – PB	Variação %	Paraíba	Variação %	Brasil	Variação %
1991	12.905	-	50.340	-	2.052.066	-	110.990.990	-
2000	13.471	4,38%	55.813	10,87%	2.447.212	19,26%	137.953.959	24,29%
2010	14.598	8,37%	61.804	10,73%	2.838.678	16,00%	160.925.804	16,65%
Média da variação	6,38%		10,80%		17,63%		20,47%	

Fonte: IBGE (2016).

A partir da Tabela 10, podemos fazer uma análise ainda mais específica sobre os detalhes que preenchem o histórico Areiense e, nesta perspectiva, verificamos que o município continua liderando os índices negativos, pois dentre os espaços comparados, ele apresenta uma média de variação de -21,97%, o maior na queda da população rural.

Tabela 10 – População residente Rural de 1991 a 2010

Ano	População residente – Rural							
	Areia – PB	Variação %	Brejo - PB	Variação %	Paraíba	Variação %	Brasil	Variação %
1991	15.225	-	75.051	-	1.149.048	-	35.834.485	-
2000	12.660	-16,85%	63.166	-15,84%	996.613	-13,27%	31.845.211	-11,13%
2010	9.231	-27,09%	54.684	-13,43%	927.850	-6,90%	29.829.995	-6,33%
Média da variação	-21,97		-14,64		-10,08		-8,73	

Fonte: IBGE (2016).

Esse número é ainda mais considerável quando visto o recorte do ano de 2010 com relação a 2000, chegando a apresentar um decréscimo de -27,09%, uma perda de 3.429 habitantes. Quando comparado 2010 a 1991, chega a ser de -39,37%, equivalente a um total de 5.994 habitantes a menos na área rural.

A queda apresentada na população rural, para Targino e Monte (1988), é uma consequência histórica do desenvolvimento socioeconômico, que se dá pela modificação na ocupação do espaço, nas relações de trabalho, pelo excedente de mão de obra ocasionado pelas transformações no modo de produção, além da expulsão proporcionada por áreas estagnadas, que não possuíam condições para absorver tal mão de obra.

Essa trajetória pode ser associada ao caso de Areia, entendendo que até o início dos anos de 1990 muitas pessoas haviam abandonado suas propriedades para trabalhar na Usina, e que por ocasião da sua falência, foram obrigadas a procurar lugar fora do município e até do estado da Paraíba, provocando não somente o êxodo rural, como também a queda no número de habitantes do município, conforme registrado acima.

Essa já era uma tendência observada por Targino e Monte (1988) nas décadas de 1970 e 1980, respectivamente, quando a população rural na Paraíba, pela primeira vez na história, passa a ser menor que a urbana. Contudo, o município de Areia foge da dinâmica apresentada no Brasil e na Paraíba na década de 1990, quando sua população rural ainda se mantinha maior que a urbana. A mesma dinâmica acontece com o Brejo da Paraíba, até 2010,

quando essa apresenta pela primeira vez uma superação do número de residentes urbanos em relação aos rurais, tendo Areia atingido essa marca ainda nos anos 2000.

Segundo Targino e Monte (1988), o fato acima foi proporcionado pelo processo de “modernização conservadora” ocorrida a partir de 1970, quando o avanço da cana-de-açúcar, dentro desse processo, promove a expansão do assalariamento, a retração das relações de trabalho, do aumento do grau de mecanização do processo produtivo, além da intensificação da propriedade fundiária.

2.4 ESCOLARIDADE

Os dados relacionados à escolaridade do município de Areia contribuíram para a análise de alguns aspectos relevantes. Considerando que o município foi pioneiro no ensino superior quando da criação da Escola de Agronomia da Paraíba, em 1936, posteriormente denominada Escola de Agronomia do Nordeste, e correspondendo nos dias atuais ao Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, tornando-se a primeira instituição voltada para o ensino superior na área civil na Paraíba.

Na Tabela 11, podemos constatar que o nível de escolaridade, assim como alguns outros indicadores aqui analisados, obtiveram aumento significativo. Assim, o percentual de crianças entre 5 e 6 anos na escola que já foi de 25,37%, em 1991, chegou a 84,37% em 2010, apresentando uma evolução de 59,0 pontos percentuais no período analisado.

Tabela 11 – Escolaridade

Indicador	1991	2000	2010
% de 5 a 6 anos na escola	25,37	67,42	84,37
% de 11 a 13 anos nos anos finais do fundamental REGULAR SERIADO, ou com fundamental completo	16,17	27,67	87,29
% de 15 a 17 anos com fundamental completo	7,99	14,44	31,84
% de 18 a 20 anos com médio completo	6,34	4,99	25,25

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2016).

Processo semelhante acontece com o percentual de pessoas entre 11 e 13 anos que se encontram nos anos finais do ensino fundamental ou fundamental completo, correspondendo ao índice de 87,29% em 2010. Entretanto, é possível observar que os demais índices que correspondem ao percentual de pessoas entre 15 e 17 anos com fundamental completo e entre 18 e 20 anos com ensino médio completo, apesar de demonstrarem crescimento considerável,

ainda apresenta valores baixíssimo, pois apenas 31,84% e 25,25%, em 2010, possuem ensino fundamental completo e médio completo, respectivamente.

Quando realizamos o estudo da Tabela 12, que diz respeito à escolaridade da população com 25 ou mais anos no período de 1991 a 2010, verificamos que há uma evolução marcante, principalmente nos índices relacionados ao percentual de pessoas com ensino fundamental incompleto e analfabeto, que decresceu de 61,3% em 1991 para 38,9% em 2010.

Tabela 12 – Escolaridade da População Adulta

Indicador	Escolaridade da população de 25 ou mais - 1991	Escolaridade da população de 25 ou mais - 2000	Escolaridade da população de 25 ou mais - 2010
Fundamental incompleto e analfabeto	61,3	49,0	38,9
Fundamental incompleto e alfabetizado	28,5	37,0	35,6
Fundamental completo e médio incompleto	2,97	4,81	7,2
Médio completo e superior incompleto	4,82	6,09	12,3
Superior completo	2,36	3,06	6,0

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2016).

Entretanto, os indicadores analisados se apresentam ainda muito elevados quando comparamos com os índices no país, que para o mesmo período é de 11,82%. Ou seja, Areia está a frente no nível de analfabetos, sendo 27,08 pontos percentuais.

Os demais índices apresentam modificações consideráveis, pois retratam o aumento no número de pessoas alfabetizadas, com ensino fundamental, médio e superior completo, quando comparamos o período de 1991 a 2010. Embora os mesmo índices, comparados aos apresentados pelo Brasil, demonstram uma defasagem relevante do município de Areia, enquanto esse registrou 7,2% de pessoas com fundamental completo, 12,3% com médio completo e 6,0% com ensino superior, os índices nacionais registram para o mesmo período 50,75%, 35,83% e 11,27%, respectivamente.

Outra informação importante nesse contexto, diz respeito aos investimentos realizados em Areia, que foi contemplada por uma importante iniciativa do Governo Federal, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). No Município foram realizadas um total de 17 ações de Infraestrutura social e urbana, subdivididas nas seguintes atividades de construção e/ou reforma:

- (1) 3 – Unidades Básicas de Saúde;
- (2) 1 – Pavimentação;
- (3) 3 – Quadras poliesportivas;

- (4) 2 – Creches e pré-escolas;
- (5) 2 – Relacionadas a recursos hídricos;
- (6) 6 – Saneamento.

Essas ações proporcionaram melhorias na infraestrutura do município, o que interfere diretamente na atividade turística, haja vista que tais iniciativas promovem um ambiente mais propício à visitação, mas, sobretudo, do ponto de vista local, proporcionam melhores condições de moradia aos habitantes de Areia.

De um modo geral, este capítulo permitiu levantar um conjunto de dados que, juntos, contribuem para formularmos uma visão ampla e com diversas perspectivas sobre o município de Areia, para que, de fato, tenhamos os subsídios necessários para discutir o processo de desenvolvimento deste local.

Em contraposição a alguns discursos do potencial econômico que Areia carrega, observamos que o município passa nesse momento por alguns déficits, sobretudo quando analisamos questões como o seu IDHM, que mesmo apresentando um aumento, ainda se mostra abaixo do esperado, tanto em relação a sua microrregião, como no estado e no Brasil.

No que tange às questões demográficas, a queda no número de habitantes do município de Areia é sintomática. Como já tratado anteriormente, a falência da Usina Santa Maria tem uma grande parcela de contribuição, seja no momento em que pessoas saíam da zona rural para cidade a fim de trabalhar na Usina, seja quando ficaram desempregadas e recorreram à ida para outras regiões em busca de emprego.

A mesma dinâmica é apresentada em relação aos índices educacionais, de emprego e renda, que sempre apresentaram um crescimento no período analisado. Contudo, em nenhum desses indicadores analisados Areia apresenta um desempenho além dos seus referenciais comparativos, a saber: sua microrregião, estado e país, respectivamente.

Realizar uma análise de modo isolado dos dados, não é suficiente para traduzir o quadro socioeconômico do município. Porém, quando iniciamos este processo primeiramente por uma reconstrução histórica a partir da análise dos diversos momentos econômicos e concatenamos aos indicadores aqui apresentados potencializamos a possibilidade de uma análise assertiva e pertinente sobre o processo de desenvolvimento de Areia.

O próximo capítulo irá possibilitar a construção de uma perspectiva baseada nas informações coletadas *in loco*, que serão construídas e analisadas para contribuir com o alcance dos objetivos deste trabalho e, conseqüentemente, a sua conclusão – após a realização das três etapas aqui previstas: construção teórica, coleta dos dados secundários e do trabalho de campo.

CAPÍTULO III DINÂMICAS ECONOMICAS E TURISMO

Este capítulo é formulado a partir da análise do conjunto de informações, obtidas na etapa do trabalho de campo, através de entrevistas e/ou dos dados repassados pelas instituições (SEBRAE e associações) e demais locais visitados, cuja apreciação criteriosa nos permitiu a complementariedade buscada neste trabalho.

Ao final do capítulo, a pretensão é que possamos responder como o turismo se tornou uma alternativa diante das crises econômicas anteriores, como também entender em que medida o turismo tem participado no desenvolvimento socioeconômico do município de Areia e em quais circunstâncias isso acontece.

Esse processo permitirá, ainda, definirmos como o turismo se constituiu enquanto atividade econômica, quais atividades são desenvolvidas a partir da prática turística, que tipo de turismo se apresenta, defini-lo seja enquanto turismo rural ou turismo cultural – dentre outras possibilidades, além de caracterizar as pessoas que estão envolvidas nesse processo.

Para obter tais resultados foram entrevistados atores das esferas institucionais, tais como: Prefeitura Municipal, SEBRAE, Associações, Instituições Financeiras, dentre outros. Tais atores responderam questões relativas a como se concebeu o turismo enquanto atividade econômica, as ações iniciais para fomentar essa iniciativa – se houveram – e quais políticas públicas foram criadas com objetivo de contribuir com a atividade turística, a participação das instituições e da sociedade nessas ações, além de entender como cada instituição tem participado de modo individual.

Esse processo de escuta também foi realizado com outros atores, como: empresários e empreendedores, de modo que possa ficar evidenciado nas suas perspectivas, o envolvimento e a contribuição do turismo nas suas atividades comerciais. Para isso, foram questionados, por exemplo, sobre o volume de negócios gerado através do fluxo de turistas no município, além de entender se, do ponto de vista do empresário, as instituições têm participado e/ou promovido ações de fomento a esta atividade.

A visita ao local da pesquisa, além dos momentos de entrevistas e observação do campo, também foi um momento para o levantamento de outros dados, disponibilizados pelas instituições visitadas. Tais dados nos permitiram a realização de análise objetiva acerca de determinados aspectos. Um exemplo disto é que junto aos locais de visita turística foi possível definir, a partir de registros próprios de visita, a região de origem dos visitantes, o

fluxo de visitantes por período, de modo que ao final pudemos ter um perfil dos visitantes do município.

3.1 A PROMOÇÃO DO TURISMO COMO ALTERNATIVA ECONÔMICA EM AREIA

Esta etapa se inicia investigando como o turismo surgiu em Areia, por entender que a resposta a essa questão é central para o trabalho devido a sua relação direta com os aspectos apresentados nos capítulos anteriores. A partir de uma análise histórica e econômica do município, foi sinalizada a falta de casualidade no surgimento do turismo como projeto de desenvolvimento para Areia.

É importante observar que não há um marco temporal no início da promoção do turismo enquanto atividade econômica em Areia, por um conjunto de fatores que proporcionou esse aparecimento. No trecho desta entrevista, fica destacada a fragilidade econômica que o município vivia em decorrência da falência da Usina Santa Maria:

Areia vinha de um processo de falência total né, porque Areia ela tem ciclos econômicos bem interessantes, ela passa por ciclos vai pra o auge e vai para o fundo do poço, então Areia tem esses ciclos assim incríveis né. É com a implantação da Usina Santa Maria aqui, que era uma usina de açúcar que a gente tinha aqui na cidade, os engenhos de Areia eles pararam de produzir, a gente tinha numa certa época, a gente tinha cento e poucos engenhos tá, e eles pararam de produzir, passaram a plantar apenas cana-de-açúcar para fornecer para a Usina, aí a Usina faliu, todos os engenhos faliram e a cidade faliu, isso na década de 80, os engenhos estavam todos em fogo morto, estavam com a cana plantada mas não tinha a quem vender (ENTREVISTADO 4).

Essas ações ganham destaque no início dos anos 2000 e visavam valorizar os elementos existentes em Areia, que serviriam de promoção ao turismo, como é o caso do patrimônio arquitetônico, da estrutura dos engenhos, dos elementos históricos e da própria cachaça que passa por melhorias no seu processo de produção, conforme trecho:

No começo dos anos 2000, 2002 a gente começou a trabalhar nos engenhos, a retomada dos engenhos, começaram a produzir de novo, cachaça rapadura e produzir principalmente a cachaça artesanal de qualidade, a gente começou a produzir isso, a gente tinha o produto mas ele não era conhecido, a gente não tinha como vender, então assim no momento em que apareceu uma possibilidade de se trabalhar com o turismo né, de receber turistas nos engenhos, divulgar seu produto, vender seu produto, os donos de engenhos que tinham visão eles se interessaram (ENTREVISTADO 4).

Na sequência, o entrevistado 9 expõe a ideia de que o turismo em Areia não é algo recente, pois o mesmo entende, que há alguns anos já se observava a existência de turistas no município, conforme fala:

Nós temos uma grande frequência já há anos, devido aos ciclos da cana-de-açúcar, que Areia praticamente por muito tempo viveu dessa cultura, e Areia hoje ela ainda movimenta muito no turismo (...) mas o turismo de Areia ele vem predominante há anos, não só nos anos 2000, porque eu era criança e já via com frequência os espetáculos grandiosos até de nível internacional que o nosso teatro minerva recebia devido a ser o primeiro teatro da Paraíba.

Todavia, para respaldar a concepção de que não há casualidade no surgimento do turismo em Areia, observamos na fala abaixo do Entrevistado 8, que existiu no início dos anos 2000 uma iniciativa institucional de inserir o turismo no município, como atividade econômica:

Já comecei em 2000, eu não tinha o olhar de Paraíba para o turismo, mas eu vi que a Ania Ribeiro, ela tinha sido secretária de estado do turismo do Ceará, e fez um trabalho muito bacana e estava saindo com todo esse know hall e estava com a consultoria dela, então eu passei isso para a diretoria do SEBRAE que era o Chico e a gente já trouxe a Ania pelas praias tudo e foi possível fazer essa sensibilização e um contrato com ela, buscou recursos no ministério do turismo que ela conhecia as pessoas, a gente tinha a contrapartida e ela formatou os roteiros temáticos e segmentados da Paraíba e dentro dos roteiros temáticos e segmentados da Paraíba tinha a proposta do caminhos dos engenhos, e isso teve muita sensibilização, eu sei que os dois primeiros anos, foram muito de sensibilização, de cair a ficha para o turismo.

A introdução do turismo como atividade econômica em Areia, apesar de ser impulsionada pelo SEBRAE, tem no Ministério do Turismo um idealizador desta política, conforme podemos verificar:

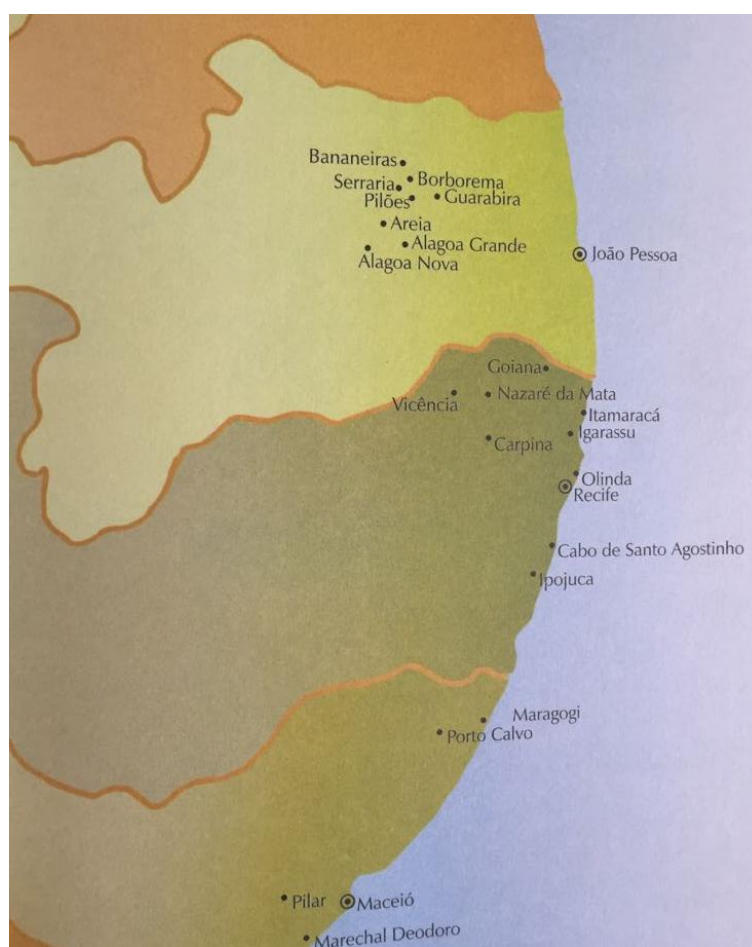
Foi uma época também que o ministério do turismo estava investindo na roteirização e nos roteiros integrados, e a gente de cada estado do Nordeste teve possibilidade de acompanhar a consultoria, para implantar aquele roteiro que naquela época não tinha nem nome, mas era CEPIMA, que era Ceará, Piauí e Maranhão, que hoje é a rota das emoções, então essas primeiras conscientizações, essas primeiras reuniões com a consultoria do ministério do turismo para formatar esse roteiro do turismo integrado de Piauí, Ceará e Maranhão, então daqui da Paraíba fui eu e uma pessoa da PBTUR, e tão logo terminou, eles abriram a oportunidade pra gente identificar as oportunidades de outros roteiros integrados no nordeste, foi quando a gente deu a sugestão do roteiro da civilização do açúcar, que já era uma proposta do SEBRAE Pernambuco, já tinha feito todo um estudo e como Pernambuco também estava indo para essas reuniões, a Izabel, eu , era Pernambuco, Paraíba e Alagoas, ainda ficou faltando Rio Grande do Norte, com o ministério do turismo, ai foi aprovado pra gente trabalhar o roteiro civilização do açúcar, então teve toda uma vivencia, um roteiro de reconhecimento com a pessoa do ministério do turismo, que foi o Wilken Souto, que ainda tá no Ministério do Turismo, ele quem veio acompanhar, e os secretario de turismo desses três estados, o representante do SEBRAE dos três estados, e a gente fez essa rota (ENTREVISTADO 8).

O roteiro da Civilização do Açúcar foi desenvolvido pelo SEBRAE Pernambuco e depois agregado aos estados da Paraíba e Alagoas, cujo objetivo era “explorar” o capital histórico da cana-de-açúcar presente na região, conforme trecho:

Na busca de construir uma proposta para o setor de turismo do Nordeste, o SEBRAE em Pernambuco encontrou importante apelo no cultivo da cana-de-açúcar, traço marcante da economia regional, que traz significativo valor histórico e cultural, a influenciar fortemente a gastronomia, o modo de bem-receber, o artesanato, o turismo e as manifestações religiosas e étnicas (GUERRA, 2007. p.22).

Estavam integrados ao roteiro um total de 21 municípios, situados no Estado da Paraíba (8), Pernambuco (9) e Alagoas (4) locais cuja relação com a cana-de-açúcar está presente na respectiva história, dentre eles Areia, objeto dessa pesquisa.

Figura 6 – Mapa da Rota Civilização do Açúcar



Fonte: A civilização do Açúcar, 2007.

Embora não se tenha um registro exato de quando se iniciaram as atividades turísticas em Areia, com os relatos acima observados, entendemos que mesmo já havendo a presença de turistas no município há alguns anos, é no início dos anos 2000, com a articulação do SEBRAE, que o turismo passa a ser visto como atividade econômica e conseqüentemente, como alternativa à crise ocasionada pela decadência da produção de cana-de-açúcar.

Um fator relevante que fomentou a inserção do turismo foi o tombamento da cidade como Patrimônio Histórico Nacional pelo IPHAN no ano de 2005, cuja importância é citada por um dos entrevistados:

Mas no brejo, Areia hoje é a Campos do Jordão do nordeste, por aí você tira, E por que eu posso falar isso? Porque você veja o seguinte, é a única cidade aqui na região e no brejo paraibano que é Patrimônio Histórico Nacional, e uma cidade para ter o título de Patrimônio Histórico Nacional, que Areia recebeu em 2005, tem que atender aos critérios paisagísticos, arquitetônico e cultural, e na região só Areia atende, então nenhuma outra cidade aqui na região é patrimônio e Areia é, então esse título torna Areia ainda mais atrativo (ENTREVISTADO 2).

Tal fato fica evidenciado quando o entrevistado 8 relata como se deu o início das ações voltadas para o desenvolvimento do turismo no município, com destaque para a resistência de algumas pessoas, conforme abaixo:

As primeiras reuniões em Areia no Teatro Minerva, com os donos de engenhos e sociedade como um todo, era como se eles nem aceitassem a proposta que era dar um atestado de falência da produção de engenho, para abraçar outra atividade, a gente sentiu isso assim nas entrelinhas, mas a coisa foi caminhando.

Essa resistência também é citada por outro entrevistado, que destaca a falta de entendimento da população com relação ao interesse dos turistas em observar determinados aspectos do local visitado:

Para a gente aqui de Areia, para a população de Areia entender que olhar um engenho moendo, olhar os funcionários dos engenhos transportar cana, do partido de cana para dentro do engenho, aquilo era interessante para outras pessoas. Foi difícil, foi difícil as pessoas aqui de Areia entenderem que aquilo tinha interesse para outras pessoas. O que é que o turista vem ver aqui? Ver o burro carregando cana? Do partido pro... o que é que isso tem de interessante? Uma moenda moendo a cana? (ENTREVISTADO 4).

No trecho abaixo, podemos observar que a inserção do turismo como projeto de desenvolvimento de Areia foi “vendida” para a população como uma solução para promover a saída da crise econômica na qual o município se encontrava:

Esses proprietários de engenhos foram os que tiveram visão e entenderam que o turismo seria a solução para tirar a gente do fundo do poço e é realmente, quer dizer o turismo foi a solução para tirar Areia da falência total, hoje a gente vive de turismo, a economia de Areia gira em torno do turismo (ENTREVISTADO 4).

Todavia, no decorrer da implantação deste projeto no município foram realizadas algumas ações por diversas instituições. As mesmas visavam “capacitar” a população em determinados temas que estavam alinhados à questão do turismo, conforme trecho:

Quando começou, como eu já tinha feito parte de uma associação, nós começamos a trazer o pessoal de fora pra dar curso, nós tínhamos acesso a, como era o nome, a o órgão que coordena as cooperativas, OCEPB, a gente tinha acesso então convidava o pessoal vinha aí dava treinamento aqui sobre cooperativismo e associativismo que era o mais importante, e lá eles tinham, Luciana eles tinham uma associação de jovem e nós, aí eu comecei, o SEBRAE a gente começou a trazer o pessoal do SEBRAE exatamente para complementar essa ação, depois vieram outros cursos, com o caminhos do frio, com o festival de Arte, começou a trazer gente e incentivando a, mas sempre foi com gente de fora (ENTREVISTADO 7).

No trecho abaixo fica evidenciado que a iniciativa das ações sempre partiu de instituições externas, com ênfase para o SEBRAE. As capacitações e/ou consultorias eram trazidas seguindo modelos de outros locais para serem replicadas em Areia:

Isso foi através do SEBRAE e do SENAR, o SEBRAE é uma instituição muito forte, muito respeitada e muito seria, aí eles pegam exemplos de outros lugares, aí também eles têm metas para serem realizadas durante todos os anos, aí principalmente na pessoa de Regina Amorim sempre foi amante de Areia e tudo, então, eles sempre mandaram consultoria, mandaram pessoas aqui para nossa região e sempre a gente tem percebido que é, é sempre um incentivo deles para criarem mais coisa (ENTREVISTADO 14).

O foco dessas ações era conjuntamente, desenvolver um roteiro turístico baseado nos “potenciais” do local. No caso de Areia, conforme citado abaixo, a ideia era “explorar” os engenhos, por ser algo já existente no local:

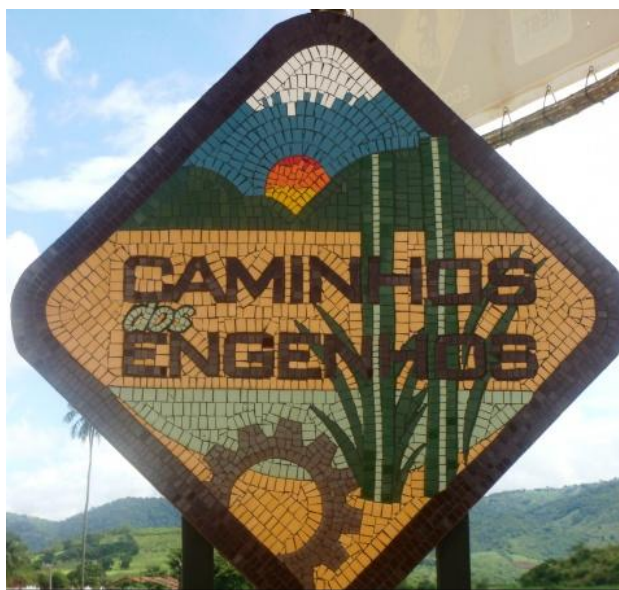
Bom, a gente tinha que aproveitar algo que tivesse no lugar, viu que se tinha assim de muito forte era os engenhos, principalmente cachaça, já tinha também o museu da rapadura, e foi uma sugestão que para gente foi mais fácil (ENTREVISTADO 8).

A concretização desse desejo de explorar o “potencial” dos engenhos em Areia se dá através da criação da rota “Caminhos dos Engenhos”, conforme destacado abaixo:

A rota caminhos dos engenhos é um roteiro do ministério do turismo, então, que foi um desdobramento da rota civilização do açúcar também do ministério do turismo, Areia fazia parte, que essas rotas acabaram, você vai no site do ministério do turismo e não encontra mais esses roteiros, mas Areia fazia parte já desse roteiro da civilização do açúcar, que é Alagoas, Pernambuco e Paraíba e dessa rota da civilização do açúcar saiu essa outra rota que é o caminhos dos engenhos e aí é por estado, a Paraíba tem essa rota aqui em Areia (ENTREVISTADO 4).

A Figura 7 representa a logomarca criada para a sinalização da rota “Caminhos dos Engenhos” na cidade de Areia, bem como nos 6 empreendimentos que compunham o referido roteiro turístico. A criação da logomarca foi parte da estratégia para criar uma identidade visual para a rota, conforme a fala do entrevistado 8, “Dida (SEBRAE) criou a logomarca Caminhos dos Engenhos, o Banco do Nordeste apoiou fazer a plaquinha de cerâmica”.

Figura 7 – Logomarca da Rota “Caminhos dos Engenhos”



Fonte: Portal Brasil Rural, 2017.

Abaixo, na Figura 8, é possível verificar ainda a presença da placa de sinalização da rota “Caminhos dos Engenhos” expostas nos engenhos Várzea do Coaty e Triunfo, respectivamente, como também é possível encontra-la em algumas ruas da cidade.

Figura 8 – Logomarca da Rota “Caminhos dos Engenhos” em Areia



Fonte: Acervo pessoal, 2017

Esse conjunto de ações visava a concretização do projeto de transformar o engenho em um espaço de visitação turística, aqui entendido como o processo de reconversão produtiva, e, conseqüentemente, de desenvolver o turismo em Areia.

O atrativo do engenho era muito sensorial, porque você tinha o cheiro, o gosto, eu tinha alguma afinidade porque eu também estudei em Areia seis anos, desde o quinto ano, então eu tinha essa vivência de engenho e eu achava que era muito bacana de você vivenciar a história dos engenhos, e quando a gente começou a

trabalhar a civilização do açúcar ainda foi melhor porque Pernambuco contratou a fundação Gilberto Freire, pra fazer toda a fundamentação histórica, o levantamento, do ciclo do açúcar, o livro que é a civilização do açúcar (ENTREVISTADO 8).

Na fala abaixo é possível identificar a motivação de tal ação, sobretudo com relação à estratégia para a criação do produto, cuja essência estava na possibilidade de ofertar uma “experiência” ao visitante.

Eu entrava no engenho mineiro aí estava lá os quadros aqui na parede, a outra parede de santo, oratório, tudo isso que tem na história da civilização do açúcar, então é como se fosse uma história viva, que ainda está muito presente lá nos engenhos, e aquela história para você ter um bom produto de turismo você tem que ter um bom atrativo, um bom serviço para fundamentar né, pra realmente satisfazer a necessidade daquele turista (ENTREVISTADO 8).

Parte desta “experiência” é promovida a partir da manutenção dos elementos que compunham a decoração do ambiente na época áurea dos engenhos e, respectivamente, das casas dos senhores de engenhos que hoje são utilizadas para contar a história do empreendimento (ver Figura 9).

Figura 9 – Sala de estar do Engenho Mineiro em Areia



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Essa estratégia de “exploração” do espaço é relatada no trecho abaixo, onde fica mais evidente a estratégia de promover o turismo através da utilização da estrutura dos engenhos. Como é destacada pelo entrevistado, essa promoção passava pela realização de uma “roupagem” no ambiente do engenho, para que o mesmo pudesse receber o turista.

Isso foi um trabalho do SEBRAE, na época com uma parceria pequena, não vou dizer nem que foi significativa, da secretaria de turismo, foi mais um trabalho do SEBRAE junto realmente aos engenhos, porque a gente queria tornar os engenhos um atrativo para os turistas e tinha que se dar uma roupagem que fosse agradável, que fizesse com que o turista quisesse ir lá visitar (ENTREVISTADO 4).

Com relação às ações realizadas junto aos engenhos, para adequar o espaço de beneficiamento da cana-de-açúcar a um ambiente capaz de receber o turista, podemos observar que vários esforços foram realizados, principalmente no sentido de convencer os senhores de engenho a modificar esse espaço, conforme vemos abaixo:

A Sandra a gente também contratou, a gente fez um trabalho de corpo a corpo nos engenhos, até porque o engenho existe, o potencial existe, o atrativo existe, mas é preciso que o dono, popularmente abra as porteiças e queira receber (ENTREVISTADO 8).

Além do processo de sensibilização, realizados através das consultorias e capacitações já mencionadas em outros relatos, foram organizadas também visitas técnicas com os proprietários de engenho para que estes conhecessem projetos semelhantes ao que seria implantado em Areia. Vejamos o trecho:

Quando o SEBRAE se propôs a fazer essa rota aí eles vieram aqui, a gente ainda moía, aí nos levaram para o Rio, a gente passou uma semana lá visitando o circuito do café, viu lá como era (ENTREVISTADO 5).

No trecho abaixo, o entrevistado reafirma algumas ações que foram promovidas ao longo desse processo. Nesse aspecto, é importante destacar a orientação nas consultorias realizadas no local que direcionavam, inclusive, qual a disposição adequada dos objetos no ambiente, algo que, conforme podemos analisar, causava certo conflito junto aos proprietários:

Não, o treinamento foi essas visitas que a gente fez lá, depois passou três dias lá rodando no circuito, e vendo o que a gente tinha, o que podia fazer aqui. O SEBRAE tinha o consultor, vinha aqui, sempre no começo das visitas, sempre tinha alguém, não venha aqui, isso aqui vamos arrumar assim, e lá vai, aí mexia no lado de mamãe, quem não mora na casa, pode arrumar e deixar do jeito que quer, mas quem mora fica mais difícil (ENTREVISTADO 5).

Entretanto, essa proposta de reconversão do espaço do engenho, vai além de uma repaginação na estrutura física do local, pois inclui, dentre outros atrativos, o fornecimento de produtos do próprio engenho para degustação e uma visita guiada com relato sobre a história do engenho, entre outros atrativos:

Mas tem que criar, por exemplo, Maria Julia criou lá no engenho dela, uma condição pra turista, tem uns dois ou três engenhos aqui que dá pra, dá também

para... como Minas Gerais faz, aquela região, e o pessoal sabe disso que há essa possibilidade, Maria Julia ela fatura um bom dinheiro cobrando R\$ 5,00 de cada pessoa e todo mundo paga, chega lá tem cachaça, tem laranja, tem...o pessoal tá indo todo lá, paga R\$ 5,00, sai satisfeito, sai bicado, risos, ainda compra uma cachaça, compra uma lembrancinha daquela, é isso que tem que ter (ENTREVISTADO 7).

Na Figura 10 podemos observar parte do espaço utilizado no Engenho Triunfo para a acomodação dos turistas durante a visita, onde os produtos fornecidos para degustação, tais como: cachaças de diversos sabores, sorvete de cachaça, sucos, água e frutas que ficam ao alcance do visitante.

Figura 10 – Produtos oferecidos ao Turista para Degustação – Engenho Triunfo



Fonte: Acervo pessoal, 2017

Além do ambiente de degustação, parte da estratégia de tornar rentável o turismo no engenho, passa pela comercialização dos produtos em uma loja no próprio engenho. Além dos produtos beneficiados da cana-de-açúcar, são ofertados alguns *suvenires* que estão relacionados ao engenho ou ao município de Areia, conforme a Figura 11, que mostra a loja existente no Engenho Triunfo.

Figura 11 – Loja: Engenho Triunfo



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Embora seja possível identificar no ambiente dos engenhos as modificações que foram realizadas, bem como no discurso de alguns entrevistados, essa prática não foi aplicada de modo uniforme por todos os participantes da rota. É o que observamos no discurso abaixo:

Não, veja eu mudei as máquinas, aquela estrutura que você vê ali de fabricação de rapadura, tá toda modificada, aqueles ambientes ali, você vê aquela parte da fabricação de rapadura se você for em qualquer engenho você vê que aquilo é um ambiente só, então eu separei, eu dividi o ambiente onde tem aquecimento que tem que ser aberto, você tá trabalhando com evaporação, depois o ambiente onde você confecciona rapadura, que é um ambiente ali onde você tem que ter um ambiente melhor com mais higiene pra e o outro ambiente lá onde você desenforma, então aquilo, se você for em qualquer ambiente aquilo é um ambiente só, sem controle, então aquilo foi, eu separei, as moendas são moendas diferentes, isso aqui foram peças das moendas antigas,... dei um acabamento por dentro, mas eu não mexi, eu não mexi na estrutura física, botei piso, botei cerâmica, na destilação também botei granito, mas sem mexer na estrutura física (ENTREVISTADO 3).

Mesmo o proprietário declarando ter realizado modificações no engenho, estas estão muito mais ligadas ao processo de produção em si, do que mesmo a uma modificação no ambiente do engenho para acomodar o turista, como observado no engenho triunfo, por exemplo, que investiu na criação de uma loja nas suas instalações.

Outro entrevistado ressalta o fato destacado acima, de não haver uniformidade na prática de adequação do ambiente do engenho, mesmo o estabelecimento compondo a rota “Caminhos dos Engenhos”, não houve uma adequação do espaço que estivesse diretamente relacionada à recepção de turista no local.

Não, nessa época não, porque eu não tinha condições nenhuma de fazer esse atendimento ao público, eu estava com o engenho todo para ser feito, para ser modernizado e era muita obra e eu achei melhor que não, nesse período que tinha escavações, tinha andaime, não dava certo ter turista ali transitando (ENTREVISTADO 10).

A falta de uniformidade também fica evidenciada com relação ao processo de recepção do turista no local. Na fala abaixo é possível identificar que mesmo o engenho compondo o roteiro turístico em questão, ele não atua com o foco na degustação e comercialização dos produtos, por exemplo:

Recebo muitos, informal, eu não cobro a visita, eu tenho lá duas pessoas que normalmente recepcionam né, e mostram toda a unidade fabril, o engenho antigo né, que é um engenho a vapor, tem história o engenho, ele fala um pouco, mas nada formal, não cobro a visita né (ENTREVISTADO 10).

Esse fato é recorrente na fala de outros entrevistados, corroborando ainda mais a análise de que não existiu uniformidade na adequação do espaço do engenho. Mesmo que simbolicamente, todos estavam aptos a receber o turista, além de não haver padronização no modo como os empreendimentos recepcionam o visitante.

Eu mesmo faço, eu mesmo faço essa apresentação, exatamente, conto um pouco da história de Areia, que a maior parte desses guias que muitas vezes vêm de João Pessoa, só têm o interesse mesmo de, de ganhar dinheiro, aí não sabem, desconhecem a história, aí a gente conta um pouco da história (ENTREVISTADO 3).

Em linhas gerais, as ações desenvolvidas para implementar a rota “Caminhos dos Engenhos”, se limitaram à realização de consultorias e, em alguns casos, a adequação dos espaços físicos dos engenhos. Não há, por exemplo, relatos de que pessoas foram contratadas para atender essa demanda de recepcionar o turista no engenho e/ou para comercializar os produtos, nos locais onde existe essa atividade, criando, assim, novos postos de trabalho.

Com relação às parcerias realizadas para a implementação da rota “Caminhos dos Engenhos”, algumas instituições são citadas, como por exemplo, “o Ministério do Turismo e a PBTUR”, lembrados pelo Entrevistado 4, como também é destacada a atuação do SEBRAE junto aos empreendimentos, conforme trecho:

Olha a gente nunca teve muito parceiro não, mas a gente sempre tinha que contar com a prefeitura né, como parceira, e o governo do estado, mas muito pouco, muito pouco, foi mais o SEBRAE mesmo. A universidade sempre muito fechada pode ser que agora esteja melhor, mas sempre foi muito fechada (ENTREVISTADO 8).

No tópico “a prática do turismo enquanto atividade econômica”, serão observadas as questões relacionadas ao turismo em Areia, analisando o processo de planejamento das ações, como estas foram definidas, bem como a participação dos envolvidos e da população do município como um todo, contribuindo, desse modo, para o entendimento de como se deu a prática do turismo.

3.2 A PRÁTICA DO TURISMO ENQUANTO ATIVIDADE ECONÔMICA

É importante analisar como se deu a definição e o planejamento das ações que foram realizadas ao longo da implementação e da promoção do turismo como projeto de desenvolvimento, principalmente com relação à atuação das instituições e demais atores envolvidos diretamente, como é o caso dos empresários locais.

Neste sentido, em alguns trechos das entrevistas, observamos que não há um processo estruturado e integrado de planejamento das ações que foram/serão executadas. As instituições apesar de, aparentemente, atuarem com o mesmo propósito, não dialogam e não demonstram um planejamento em longo prazo. As ações são, em sua grande maioria, pontuais, de cunho imediatistas, conforme abaixo:

Através das nossas reuniões, nós temos semanalmente toda quarta-feira nossa reunião e ali nós decidimos, nós planejamos e temos as melhores ideias, pronto agora vamos nos preparar estamos terminando janeiro, começando fevereiro, vamos focar no carnaval, e as ideias e como teve uma mudança de gestão nós já estamos planejando com essa nova gestão os vereadores (ENTREVISTADO 3).

A falta de planejamento citada, também fica evidente na fala abaixo, quando o entrevistado deixa claro que os empresários se organizam à medida que vai aparecendo alguma demanda de turista. Vejamos:

Olha, às vezes surgem de última hora, um vai receber um grupo, olha eu estou recebendo um grupo, o que a gente pode fazer, aí já se movimenta e a gente faz alguma coisa, e como a gente já tinha mais ou menos um calendário turístico de eventos a gente só vez incrementar, da mais força pra esse calendário, por exemplo o encontro dos filhos e amigos de areia todo mundo já se movimenta porque sabe que Areia tá cheia, então todo mundo vai se movimentando, desde o pequeno artesão até o maior empresário, ele vai se movimentando pra esse evento (ENTREVISTADO 1).

No trecho abaixo, por exemplo, é possível identificar que mesmo havendo uma definição de um calendário de eventos, o que a princípio configuraria um processo de planejamento, não existia recurso estabelecido para executar as ações planejadas, demonstrando que, de fato, não havia estruturação nesse processo.

Assim, a gente fazia um calendário anual normalmente, esse calendário tinha flexibilização em alguns eventos por condições financeiras, ou patrocinadores, a gente tinha que correr atrás disso, nos deparamos com situações que não tinha como fazer o evento, a gente fazia parceria, procurava (ENTREVISTADO 9).

Outra perspectiva analisada é que as ações também tinham bastante interferência externa. Como é evidenciado na fala abaixo, os parceiros, nesse caso o SEBRAE, delineava e dava a direção das ações que seriam realizadas.

O incentivo maior foi através do SEBRAE quando eles trouxeram, como é que chama...a consultoria de Miriam Rocha, que ela é de Minas Gerais e foi quando ela trouxe essa ideia para a gente da produção associada ao turismo, e ela incentivava tudo, porque produção associada ao turismo é isso é você pegar os saberes, a cultura, tudo que tem um determinado lugar e, vamos dizer assim, colocar em função do turista, então houve um incentivo grande dela, para que grupos surgissem ou se organizassem, houve um incentivo para o nascimento assim de novas pousadas, novos hotéis, ou seja, eu vejo assim como o principal incentivo mesmo e trabalho que foi o pessoa do Sebrae (ENTREVISTADO 14).

Um contraponto a esta tendência de interferência externa no processo de promoção do turismo, certamente foi a criação das associações, ainda que, inicialmente, essa tenha sido uma provocação feita por instituições externas. A Associação dos Amigos de Areia (AMAR), umas das associações criadas nessa época, foi articulada a partir da interação existente entre os participantes de um curso que foi promovido junto ao IPHAN sobre Patrimônio Histórico, conforme é dito no trecho abaixo

A decisão da associação da AMAR foi um resultado do curso e eram pessoas que já sabiam para onde estavam caminhando, tipo uma Lúcia Giovana, um Carlomano que é dono de uma construtora aí, e outras pessoas lá de Areia que participaram, então isso foi uma decisão deles, eles correram atrás, a gente pode ter dado o estímulo, “que bom né que vai acontecer isso”, mas assim eu vejo como um resultado do curso, se o curso não tivesse ido, não tivesse tido esse despertar, ter chegado ao caminho (ENTREVISTADO 8).

Certamente, a principal contribuição desta Associação foi a liderança no processo de tombamento de Areia como Patrimônio Nacional, pois de acordo com o entrevistado 8, “foi a AMAR que cuidou de tornar Areia patrimônio nacional pelo Iphan, não foi o governo municipal”.

Na mesma direção, outra associação criada foi a ATURA, que é composta pelos empresários locais e, de acordo com as palavras abaixo, vem desempenhando um papel importante junto à promoção do turismo:

Você sabe que através de uma associação, unidos somos mais fortes, o grande “x” do turismo chama parceria e inovação, no turismo sem parceria e sem inovação ninguém cresce, ninguém cresce sozinho no turismo e a gente sabendo disso nos unimos e vimos aí o grande pontapé inicial foi criar a associação porque aí tá todo mundo num só sentido, numa só direção em união, em parceria, em inovação, nos dando cada vez mais as mãos e inovando, ou seja, cada estabelecimento inovando, os parceiros e a atura tem de peso que é tanto o fórum de turismo quanto o SEBRAE, tendo as qualificações, os cursos e isso tem sido importante, e agora tem a mídia (ENTREVISTADO 2).

Outra criação importante foi a Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Chã de Jardim (ADESCO), comunidade onde fica localizado o Restaurante “Vó Maria”, empreendimento representado pela Figura 12.

Figura 12 – Restaurante Vó Maria



Fonte: Acervo pessoal, 2017

A criação da Associação foi motivada pelo professor da UFPB em Areia, Carlos Barreto, e visava, sobretudo, a gestão da comunidade que fica às margens da rodovia que dá acesso a Areia, conforme citado abaixo:

Olha vocês podiam fazer uma associação para tomar conta desse patrimônio que vocês tem, que é tão grande”, que era a mata, que era a fabrica, que era a loja de vender artesanato e tudo, e aí ele de tanto insistir trouxe um curso de associativismo pra gente, do SENAR, quando a gente fez o curso de associativismo a gente ficou bem perturbado imaginando que a gente já era uma associação pelo trabalho que a gente fazia né, mas que se a gente se constitui-se mesmo, de direito no cartório, vamos dizer assim, a gente podia crescer muito mais, aí depois do curso de associativismo foi que a gente entendeu né, que podia fazer muito mais coisa pela nossa comunidade, e foi quando a gente montou a associação né, depois do curso, pouco tempo depois a gente montou a associação a ADESCO, Associação para o desenvolvimento Sustentável da Chã de Jardim.

Conforme os casos mencionados, entendemos que o espaço das associações pode representar uma oportunidade da população contribuir e/ou interferir no processo. Entretanto, este espaço não se configura como uma alternativa de participação da população em geral, haja vista que grande parte não está inserida nos núcleos que os compõe, como os empresários que compõe a ATURA. É importante entender como a população foi inserida, ouvida e até mesmo interferiu nas decisões em torno da promoção do turismo.

Neste sentido, é possível destacar algumas entrevistas que definem, basicamente, como a população foi envolvida. Isso se restringe a dois aspectos principais na forma como os entrevistados entendem a interação da população com o processo em questão: (1) os entrevistados entendem que a população se envolveu quando se beneficiou financeiramente,

principalmente, no caso dos empregos gerados e (2) quando participaram de alguma capacitação ou ação para a promoção do turismo, conforme abaixo:

A população se envolve, aqui a gente tem associações de artista de nossa cidade, temos Atura, temos outra associação aqui, que ajudam muito pra gente, porque eles fazem reunião e são articuladores de ir nos pontos e pegar as escolas e pegam as pessoas que veem de fora e ter essa conversa, ter essa apresentação, então assim Areia ganhou muito com relação ao turismo e essas pessoas como elas ganharam, elas ganharam vendo que a necessidade era de se envolver, então a necessidade, antigamente a gente não tinha um espaço do artesão, eles se organizam, estão mais organizados, tá faltando um pouco mais, mas já foi uma alavancada grande, que vendi seu bolo em casa, quem fazia sua produção de boneca em casa, que fazia seu material de MDF em casa, então hoje ele já tem onde fabricar e num local destinado a visitação (ENTREVISTADO 9).

É um processo contínuo na verdade assim a população ela vai se beneficiando, fulano trabalha na pousada, manda o currículo também, a gente contrata outra, manda numa outra, e vai formando uma rede, então quantos empresários hoje não existe na pousada, no hotel, aqui em Areia que trabalham para o turismo e depois quantas pessoas tem seus negócios envolvidos com o turismo, gerando renda, quantos taxistas, pessoas dos transportes, agricultores que vendem seus produtos para os hoteleiros que vão se beneficiando, então a apropriação se dá na minha opinião a partir do momento em que as pessoas se veem beneficiadas positivamente, com essa cadeia produtiva que é o turismo (ENTREVISTADO 13).

É possível identificar nessas falas que os entrevistados entendem que a população, de um modo geral, se envolve na promoção do turismo quando se beneficia diretamente e, quando enxergam uma maneira de se beneficiar através do turismo não por entenderem necessariamente, a importância de contribuírem com as discussões de ações que impactam diretamente no seu dia-a-dia.

A outra perspectiva é a de que a população é envolvida quando participa de alguma capacitação, cujo objetivo é disseminar a importância do turismo para Areia e como os moradores devem se comportar diante do turista, tentando convencer a população de que o turismo é algo positivo e que todos devem contribuir.

Teve muito trabalho com as escolas, até a secretaria de Educação junto com esse projeto lá com a Lúcia, até escolas do meio rural, e independente disso Areia é uma cidade do interior que são algumas famílias né que faz parte da cidade e essas famílias elas tão sempre juntas, então isso proporciona, por exemplo, agora com esse novo governo eles estão tentando fazer a cidade de Areia ser uma cidade florida (ENTREVISTA 8).

Olha, eu ainda acho bem falho assim, a capacitação, porque eu acho que a capacitação ela tem que ser feita todos os dias, essa coisa de que a gente tem que receber bem o turista, que a nossa cidade é uma cidade turística e tal, então existem pessoas que ainda não acreditam nisso, tem pessoas que acham que elas não são beneficiadas por isso ainda, mas a gente tem percebido, foi feito um trabalho um tempo nas escolas, foi uma coisa que ajudou muito, né inclusive foi o pessoal da AMAR que é a Associação dos amigos de Areia, então eles fizeram um trabalho muito bonito nas escolas, de... de ajudar mesmo as pessoas a valorizar um pouco mais da sua cultura, mas a gente perceber as pessoas, quando vem grupos, quando vem reportagem, né, algumas pessoas já se alegram, vamos dizer assim, mas tem muitas pessoas que ainda estão, ainda estão alheias, mas de modo especial eu acho

assim, pela falta de informação, porque a historia de Areia é muito rica, a importância de Areia assim.. até pra historia da Paraíba, até para...até para a historia do Brasil mesmo assim, sabe? Ela é muito interessante, mas assim eu percebo que as pessoas foram envolvidas é sempre tem algum seminário, sempre tem alguma coisa nas escolas né, e também assim, muita gente tem percebido que é um caminho sem volta, que você, ou abre suas portas para o turismo, ou meio que não sei do que vai viver, então Areia tem um potencial muito forte, um potencial que ainda falta explorar bem, muito, muito mesmo (ENTREVISTADO 14).

Ambas as perspectivas evidenciam alguns aspectos. Dentre eles, podemos destacar que as decisões são “facilitadas” devido à proximidade de algumas famílias que, basicamente, representam a sociedade do município. Desse modo, tais famílias possuem interferência nas decisões locais, ficando a cargo do restante da população o envolvimento quando existe um benefício financeiro, promovendo um ambiente sem alternativa para parte da população.

O que eu vejo foi o seguinte, não foi fácil, o pessoal não quis, não acreditava, não tinha e Areia e principalmente depois que ela foi tombada muita gente não está gostando do tombamento, porque há uma fiscalização (ENTREVISTADO 7).

De modo mais objetivo, o entrevistado afirma existir dificuldade em envolver a população. Tal desinteresse, nesse caso, é justificado pelo fato das pessoas não acreditarem que o turismo seria algo viável, ou que viesse beneficiar a população, corroborando o trecho “ainda falta muito envolvimento, ainda falta o povo vestir a camisa do turismo, muitas vezes olha pra gente meio atravessado” (ENTREVISTADO 1).

Além das ações já mencionadas, o processo de promoção do turismo passou também pela realização de diversos eventos, como os Caminhos do Frio, o Bregareia, o Festival de Artes de Areia, entre outros, cujo foco estava, também, na possibilidade de atrair visitantes ao município.

Neste sentido, os entrevistados não demonstram um consenso com relação aos benefícios que a realização dos eventos proporcionaram para o município. Há quem declare que o turismo em Areia independe da existência desses eventos, ao passo que outros reconhecem a importância destes para atrair turistas ao local, conforme abaixo:

Já existe, mas hoje uma das motivações para ir para o interior, seja aqui, seja no brejo, seja no cariri, ainda são os eventos, isso aqui não é algo tão consolidado que você diga eu vou passar um final de semana, então tem que ter algo que contribua para assim, mas a gente vê assim já muito interesse (ENTREVISTADO 8).

Na fala citada acima, observamos que o entrevistado reconhece que no caso de cidades como Areia, a realização de eventos é um mecanismo importante para atrair pessoas ao município, entretanto outras opiniões coletadas contrapõem essa declaração:

Veja esses eventos, existe eventos e eventos, você citou dois o Caminhos do Frio ele é muito positivo, é uma rota cultural, isso traz o público que a gente quer, o público diferenciado, um público exigente que quer comer bem, tomar vinho bom e sabe o que é turismo, esse outro evento mal fadado que você citou aí, que é o Bregareia, isso é um desastre pra cidade, isso num agrega nada para a cidade, nosso público não é esse, quem vem para o Bregareia não se hospeda conosco e nem em outra pousada decente, então no começo era um evento que poderia trazer algum benefício, mas nos últimos ano o benefício que traz é talvez pra quem monta sua barracada lá na rua, mas depois fica a cidade tomada de lixo, então tem que ter muito cuidado com esses eventos, existe eventos e eventos, é claro que um calendário de eventos, bem programado, bem planejando, um calendário definido de qualidade, isso é positivo e nós estamos trabalhando para que tenhamos isso, mas eventos populistas, eventos que não agregam, eventos que só trazem público pra vir aqui a noite, abarrotar a cidade e voltar de madrugada, embriagado, esse tipo de evento não nos faz falta. Independente desses eventos tem turista na cidade, e o nosso publico, falando pela pousada vila real, não é publico de evento, as pessoas vem aqui pra comer bem, para ficar, para descansar, para ler, para se admirar, para ver o por do sol, nós até brincamos muitas vezes que nós conhecemos nosso público pelo andar, entendeu, nenhum cliente nosso vem aqui pra ver uma festa de rua lá em cima, muito raramente eles vão e voltam muito rápido, eles vem pra cá, fazer mesas grandes com amigos, tirar fotos e comer bem (ENTREVISTADO13).

Corroborando o que é dito pelo entrevistado 13, podemos observar na fala abaixo a declaração de que Areia não precisa da existência de eventos para que haja fluxo de turistas no local. Segundo o entrevistado, o fluxo é independente, além de citar um número expressivo verificado nos meses de alta estação, como consequência das paisagens naturais e arquitetônicas, conforme abaixo:

Não, independe, esse mês mesmo de janeiro a gente observou aqui uma média de, eu acho que 60 pessoas ao dia aqui no restaurante, e não tá tendo nenhum evento né, geralmente é 50% aqui o fluxo na semana, é bem baixo na semana, é mais no final de semana e feriado, e a gente tem percebido também, por exemplo, essa ultima administração agora ela foi um desastre com relação ao turismo, é e não faltou visitante aqui, não faltou, então assim, a gente percebe na época do evento aumenta, mas Areia por si só, pela sua história, pelo seu clima, pelos restaurantes, pelos engenhos, pela vegetação também, o fato de ser patrimônio histórico nacional né, isso já atrai as pessoas, o que a gente tem percebido é isso, não há necessidade nenhuma de ter evento né, pra vir gente, as pessoas vem por todas essas coisas que eu já falei. (ENTREVISTADO 14).

A partir do posicionamento do entrevistado 14, destaca-se que os eventos não são o principal atrativo de turistas ao Município. Outros fatores são citados para ilustrar o que pode motivar o fluxo de visitantes como é o caso do clima, da paisagem, entre outros. Esse discurso fica respaldado pelas falas abaixo:

Dois polos que eu considero bastante forte, a própria história, associado a isso a arquitetura, o casario, os museus, então Areia tem muita história, só precisa se apropriar disso e preservar o que tem valor, então esse é o aspecto que traz as pessoas, o aspecto histórico, o segundo aspecto é um conjunto de elementos naturais: o clima ameno, o verde, as montanhas, as cachoeiras, aí depois tem os engenhos, a arquitetura rural, as fabriquetas de cachaça e de rapadura, então são esses elementos, elementos da arquitetura urbana e rural e elementos naturais como

clima, relevo, vegetação, o verde, condição favorável de montanha (ENTREVISTADO 13).

Na Figura abaixo, é possível ilustrar a fala do entrevistado citado anteriormente, que destaca os elementos naturais e os engenhos como atrativos para os turistas que visitam Areia, nesta imagem podemos observar a fachada lateral do Engenho Várzea do Coaty, bem como, parte da paisagem presente no local.

Figura 13 – Fachada – Engenho Várzea do Coaty



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Abaixo, outro entrevistado ressalta os atrativos que tendem a convidar os visitantes ao município, inserindo outro elemento que pode justificar o fluxo turístico. Ele destaca que algumas pessoas também buscam conhecer a história dos empreendimentos, como é o caso do restaurante Vó Maria e da Associação Chã de Jardim, conforme abaixo:

Além do casario tombado como patrimônio histórico nacional, que é um atrativo interessante, outro atrativo que atrai muito as pessoas é essa temperatura né, pela literatura ela varia de 14 a 22 graus, essa vegetação assim, o fato de..., o próprio relevo num é, Areia ela tá no alto de uma serra, então pra onde você olha, vamos dizer assim, você vê coisas bonitas, os engenhos são outro atrativo e o fato, assim, você come bem onde você tem vários atrativos, vamos dizer assim, porque hoje você vir em Areia, você visita a história, você degusta, vamos dizer assim, uma cachaça diferente, um prato diferente, você é convidado a fazer uma oficina né, você aprende a fazer assim, um artesanato né, e uma coisa bem interessante nesses últimos tempos é a história do turismo de experiência né, onde você, por exemplo, escuta histórias, histórias de um empreendedorismo muito forte, onde você saiu do nada e hoje assim, você em um patrimônio, muita gente vem por conta dessas

historias também, isso a gente faz questão de contar, eu mesmo conto a da gente aqui, risos (ENTREVISTADO 14).

Mesmo com alguns fatores positivos citados anteriormente, o processo de implantação do turismo em Areia, e mesmo o desenvolvimento de suas ações, atualmente, é acompanhado por uma série de dificuldades relatadas pelos entrevistados, seja pelas condições naturais, ou, como na maioria das vezes, ligada à gestão pública municipal e/ou estadual, conforme observamos:

Uma das principais dificuldades é a gestão pública que eu espero que essa seja diferente, mas ainda não posso dizer, é muito difícil você trabalhar quando a gestão pública não colabora, não faz a parte dele, como fazer turismo sem segurança? Como fazer turismo sem acesso, como fazer turismo sem sinalização, enfim, sem educação, sem saúde, então isso é o papel do governo, mas até que ponto esse governo municipal tá fazendo seu papel? Ou ainda continua fazendo o clientelismo (ENTREVISTADO 8).

Outra questão mencionada, diz respeito à questão hídrica da região, que tem afetado o município pelo impacto causado mediante a circulação constante de caminhões pipa, utilizados para abastecer as cidades circunvizinhas.

Outra dificuldade que a gente sabe, que não era só de Areia é a questão da água, que isso também é política pública do governo estadual, então como fazer turismo numa cidade que não tem água, que impacto negativo você tem numa cidade onde por dia passa mais de 20 caminhões pipa, pesado naquele calçamento, numas ruas onde foram feitas quando não tinha tanto carro, então isso tá sendo um problema pra cidade, não só pra Areia, ... são questões ambientais que precisam ser priorizadas para que o desenvolvimento regional realmente faça valer, por que só o empresário, não adianta eu ter meu empreendimento, minha pousada aqui bacana e não ter água na cidade, não ter segurança, não ter uma iluminação que preste, não ter uma limpeza pública, que a gente sabe que toda cidade, as vezes a gente tá no corredor turístico e tá o lixo da cidade é quem primeiro recebe a gente, são coisas assim que a gente vê, que não dá pra acontecer. (ENTREVISTADO 8)

Além de citar as dificuldades relacionadas à questão hídrica e a ausência de gestão, seja municipal ou estadual, outros fatores também são tratados pelos entrevistados como dificultosos para o processo. Na fala abaixo podemos destacar dois: um é o caso da ausência de determinadas instituições, além da própria “falta de educação” para o turismo, como já citado em outras falas:

São várias, uma delas que é a maior dificuldade que a gente tem são dificuldades estruturais, por exemplo, gestão pública, isso do estado, do município, isso estava faltando de cuidado, de zelo com a cidade, a cidade suja esburacada, mal cuidada, animais soltos na rua, a população que não contribui e joga lixo em qualquer lugar, são dificuldades muito grande e que o processo é lento e vai mudando a medida que as pessoas se apropriam disso que eu falei, essas são algumas das dificuldades que existem e independem, nos como hoteleiros só podemos cuidar da rua pra dentro, da rua pra fora a gente pode aconselhar, pode contribuir, mas não pode mudar, não

podemos impedir que as pessoas passem na rua buzinando, passem na rua com a moto com o cano furado fazendo o maior barulho do mundo, essas são dificuldades que uma cidade que já absorveu, já se apropriou do turismo, certamente não tem mais, eu diria que a gente tá construindo Areia, nós que decidimos fazer hotelaria na Paraíba e particularmente no interior da Paraíba, nós somos guerreiros, porque a Paraíba nós somos um dos estados sui generis onde o turismo se resume a faixa litorânea, você vai no stand da PBTUR você só ver o mar, a imagem do hotel Tambaú está lá desde o tempo que eu era criança, aquela roda dentro do mar, mas é o que a Paraíba mostra na PBTUR, não mostra isso, hoje tem sido feito um esforço depois de reclames e reclames, particularmente nós hoteleiros de bananeiras e areia e temos que fazer justiça a um parceiro que é o Sebrae, o Sebrae é um parceiro que tem feito muitas coisas pra divulgar isso, para profissionalizar, alguma ações, mas não são ações de governo, são iniciativas privadas, dos empresários e dentro do possível com o apoio do Sebrae (ENTREVISTADO, 13).

Mesmo sendo tratada como uma das dificuldades, algumas instituições desempenharam papel importante durante esse processo e são reconhecidas pelos atores locais, entretanto é possível observar a ausência de outras que possuem papel importante no contexto do turismo e que também são citadas pelos entrevistados, conforme abaixo:

Eu acho que quem menos contribui é a universidade, o SEBRAE foi quem começou quem levantou isso, foi o Sebrae e através do Sebrae a PBTUR também teve que mostrar alguma coisa, agora o poder municipal é que a gente entrega a um que dá um incentivo, outro que vem acaba, aí outro tenta, já tá tudo acabado, como acabaram com filarmônica, com grupo de dança, não tem incentivo, aí tudo isso estava gerando né, gente que dançava, grupo folclórico, aí hoje não sei mais nem como é que está (ENTREVISTADO, 5).

O SEBRAE é uma das instituições mencionadas em quase todas as falas e sempre com uma avaliação positiva, o que não acontece quando os entrevistados se referem à Universidade Federal da Paraíba, que possui um Campus em Areia, além da gestão municipal, muito mencionada também pela ausência e falhas em determinados aspectos.

Em geral, a atuação das instituições, com poucas exceções, é citada como fator que promove dificuldades, principalmente quando a ausência destas interfere diretamente em condições essenciais para a existência do turismo, como é o caso da gestão municipal e as ações de infraestrutura básicas, além das citadas na fala abaixo:

Só tive qualquer apoio do SEBRAE, o SEBRAE é um parceiro, se você precisar de uma informação de uma ajuda no sentido de informação técnica se recorrer o SEBRAE ajuda, orienta, e tem sido presente, a administração municipal falando pelas últimas que passaram, se elas não existissem teria tido um grande benefício para a cidade, não para mim, para a cidade, se não houvesse gestor público a gente teria tomado uma iniciativa, mas havia gestores completamente ausentes, completamente irresponsáveis, que não fizeram nada pela cidade, pelo contrário destruíram o que a cidade tinha, agora nós temos uma nova gestão que a gente espera que faça o caminho inverso, em relação a PBTUR eu sei que existe no estado porque eu tenho visto o nome da PBTUR em alguns eventos que eu tenho ido, por

exemplo fui uma feira turística em São Paulo tinha o nome da PBTUR, mas não tinha uma foto nem de Campina Grande, no stand da PBTUR, a Paraíba se resume a uma zona, uma linha da orla que talvez tenha 300 metros de largura, a PBTUR é João Pessoa, litoral norte, litoral sul, Campina Grande não está no mapa da PBTUR, Areia não está no mapa da PBTUR, o interior não está no mapa da PBTUR, eles tem vergonha, e infelizmente é a conclusão que eu pude chegar e disse isso a um dos diretores, hoje tem Ruth Avelino que é uma pessoa muito séria, muito solícita, eu gosto muito de Ruth, mas a PBTUR continua muito ausente daqui, a gente não tem, eu gostaria de ter um elemento num é, que a gente dissesse a PBTUR fez isso, a PBTUR esteve aqui, não tem, não tem nada aqui em Areia, não estou falando da pousada não, estou falando de Areia. (ENTREVISTADO, 13).

Sobre a Empresa Paraíba de Turismo (PBTUR), não existe um consenso, mas os comentários, em grande parte, apresentam a ausência deste órgão nas ações que envolvem o turismo do município, conforme citado acima. Todavia, a ATURA é mais uma instituição lembrada de maneira positiva, basicamente, pela atuação que vem demonstrando junto ao ambiente turístico em Areia, conforme a entrevista abaixo:

Atura eu posso dizer que é quem nos sustenta e faz com que as coisas aconteçam, na verdade, porque através da nossa reunião, da nossa associação lá a gente consegue indicar, então quem vem a Areia hoje é, ele vai em todos os lugares que tenha sócio da Atura, porque a gente entendeu que o visitante chegando em Areia ele tem que dormir num canto, ele tem que jantar no outro, ele tem que tomar café no outro, ele tem que almoçar no outro, ele tem que comer a sobremesa no outro, porque se assim não fizer, eu concentrar tudo num único lugar esse turismo não é sustentável, porque eu estou ganhando tudo, enquanto meus amigos ó, então, por exemplo, aqui eu não sei se você olhou, mas a gente tem até placa indicando a casa do doce, se você chegar na casa do doce ela tem placa indicando a gente, domingo mesmo uma pessoa disse mesmo assim “vocês não tem sobremesa aqui não?”, eu disse tem, ai ela disse “porque vocês tão mandando ir pra casa do doce”, eu disse mesmo assim “vocês já almoçaram aqui, então eu já estou ganhando, agora é hora deles ganharem também” então a Atura hoje é nossa grande parceira, a gente tá imaginando que com essa gestão agora a prefeitura vai ajudar muito a gente né, com relação a universidade ela faz muito pouco, é uma pena mas, eu não sei dizer o que é, sinceramente, o quê que a universidade faz com relação a turismo, e com relação até a extensão dela própria, é muito ensino e pesquisa, agora a extensão dela é muito falha (ENTREVISTADO, 14).

No tópico “turismo como ferramenta de desenvolvimento”, apresenta-se a análise dos dados, buscando compreender, efetivamente, o que foi modificado em Areia, em termos de infraestrutura e, sobretudo, em benefícios para os moradores, com uma breve observação acerca do fluxo de turista do município.

3.3 TURISMO COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO

O objetivo deste tópico é analisar a contribuição do turismo para o município de Areia, com foco no impacto gerado junto aos empreendimentos visitados, bem como com relação à população de um modo geral. Busca-se identificar, na perspectiva dos entrevistados,

o que foi transformado em Areia e quais os benefícios foram proporcionados aos moradores a partir da inserção desta atividade econômica.

Analisando os discursos, é pertinente destacar que quando se trata do impacto desta atividade para o empreendimento do entrevistado – seja hotel, restaurante ou engenho – em alguns momentos os atores tratam a questão do turismo como algo potencial, que ainda precisa ser “explorado”, o que pressupõe que o turismo ainda não é uma realidade no município enquanto atividade econômica.

Tem um grande potencial, como a gente vê, gente querendo dormir dentro da casa, sem nem ter nenhuma estrutura, que eu não vou botar ar condicionado, não permite, nem um juiz me permite, talvez consiga botar televisão, talvez, mas isso eu vou fazer com o mínimo de mexer na estrutura, não vai ter suíte, o banheiro vai ser banheiro comum, e tem gente que vai pagar o preço de uma suíte, que é um negocio bom, hoje... a vivencia, o turismo vive muito de turismo de vivencia, de ter experiência, de tá na casa grande da fazenda (ENTREVISTADO, 11).

Outro entrevistado, porém, reconhece que o turismo agrega valor à marca dos seus produtos – quando da visita de turistas ao seu empreendimento – mesmo não declarando qual o impacto econômico que esse reconhecimento da marca proporciona para o seu negócio, neste caso, evidencia-se uma interferência muito incipiente do turismo.

O turismo só agrega né, não é que, não é o fato da venda da lojinha, não é a taxa que você cobra, mas sim o impacto que causa a visita né, ele vai ver o empreendimento, ver como é feito e isso agrega valor a minha marca (ENTREVISTADO, 10).

Em contraponto às demais falas, é possível identificar um discurso mais favorável à ideia de que o turismo tem gerado impacto aos empreendimentos do município, ressaltando a interferência dos visitantes na manutenção dos restaurantes locais.

Se não tivesse, não se manteria não, porque nós temos aqui em Areia hoje quantos restaurantes? Se você contar, tem o restaurante do hotel, o restaurante da pousada, Vó Maria na zona rural, tem o restaurante Aroma da Serra, fora os outros, quer dizer uma cidade pequena do tamanho de Areia com 5 ou 6 restaurantes e restaurante que não faz vergonha em canto nenhum não, então se não fosse o pessoa de fora que vem, a gente, nós temos uma clientela, tem da universidade, por exemplo, nessa época o pessoal tá de férias, apesar de ter reiniciado agora, temos uma clientela da universidade, mas na maioria o pessoal vem de fora, cacheiro viajante, esses representantes que vem, porque se não fosse, não, porque tudo isso faz parte e nós temos já uma clientela de Natal, tem gente que vem para Bananeiras e vem aqui em Areia fazer refeições aqui, ou aqui ou em outro restaurante, nós estamos ainda sobrevivendo com aquela, por conta do pessoal de fora (ENTREVISTADO, 7).

A visão de beneficiamento econômico pode ser identificada no próximo trecho, no qual o entrevistado corrobora a opinião de que há uma contribuição do turismo com a economia do município, sobretudo, na geração de empregos direta e indiretamente.

Esse impacto tem crescido, hoje uma das fontes de renda do município é o turismo, quando nós começamos em 2012 a anos atrás, nos fomos a primeira pousada desse porte aqui em Areia a inaugurar então, só tínhamos nós, hoje Areia já tem uma quantidade de leitos bem considerável, umas 3 ou 4 pousadas a mais, hotel que vieram depois, então o turismo tem crescido, ano a ano, falta muito a ser feito de infraestrutura, a própria cidade tem que se apropriar disso e investir em coisas que não depende dos hotéis, ninguém vai para um roteiro pra ficar dentro de um hotel, mas é preciso que o governo faça isso, as estradas, sinalização, infraestrutura que o turismo demanda né, mas tem crescido e isso é uma coisa constante, então o impacto na economia do município hoje é um impacto considerável, basta dizer que a pousada vila real como uma micro empresa nós temos 16 funcionários com carteira assinada, todos trabalhando, são 16 empregos numa cidadezinha como essa, diretos, fora aqueles que a gente compra produtos deles, as frutas, hortaliças orgânicas, que vem como diaristas prestar serviço, que a lavanderia que a gente paga aqui no município que recebe mensalmente de nós uma folha de pagamento importante, nós somos um dos principais clientes da lavanderia, então veja quando emprego isso gera, então a gente tem 16 empregos diretos e uma outra quantidade de empregos indiretos que eu não sei nem mensurar de famílias que se beneficiam com as demandas que a gente gera, sem contar aquelas pessoas que vendem também aos turistas que aqui vem (ENTREVISTADO, 13).

Há, porém, quem discorde do impacto do turismo na geração de emprego em Areia, conforme o Entrevistado 10: “Rapaz, se gerou é muito pouco viu, porque não tem essa ascensão, que outros lugares”. Porém, grande parte dos entrevistados compactua com a opinião de que o turismo tem gerado empregos no município, conforme observado em mais uma fala:

Com certeza, porque só o hotel triunfo por exemplo, aqui a gente consegue manter uns dois meninos que é para cuidar da jardinagem, porque se não tivesse isso a gente não estava tão preocupado, claro, mantinha o mínimo, dá uma geral, tem o tempo colhendo aqui, pega um cavalo, imagina o hotel triunfo, não existia o hotel triunfo, todo aquela estrutura, quantos funcionários tem ali dentro? Por baixo tem uns 60 funcionários ali, ou seja, são 60 empregos, e aqui se um dia virar alguma coisa, tem mais emprego, para o pessoal daqui (ENTREVISTADO, 12).

Citar a geração de emprego é quase uma unanimidade entre os entrevistados, quando perguntados sobre os benefícios promovidos pelo turismo em Areia, ainda que esses empregos sejam informais, conforme declarado abaixo:

Tirar Areia da ociosidade foi grande, a gente assim, você pode ver, hoje pela manhã, há anos atrás na cidade a gente não via um isopor, a gente não via uma tenda com açaí, a gente não via uma tapioca na rua, então esses pequenos eles acharam “ou eu vou fazer, ou eu não vou ganhar nada, a coisa está acontecendo para fulano, então eu vou me adequar a situação e vou tirar proveito disso”, isso que aconteceu e hoje nós temos o emprego informal muito grande em nossa cidade (ENTREVISTADO, 9).

Outra perspectiva que se destaca no trecho abaixo, no qual o entrevistado reconhece não ter dimensão dos benefícios proporcionados por essa atividade econômica em Areia,

inclusive por entender que os que mais se beneficiam são os que estão diretamente envolvidos.

Tem que fazer uma pesquisa viu, acho que os que estão envolvidos estão muito bem obrigado, né, com relação as oportunidades, agora assim os que estão só vendo a coisa acontecer, eu teria que perguntar, porque até aqui em João Pessoa tem gente que se incomoda com o turismo, que acha que está atrapalhando, que era calmo e não está mais, entendeu? Alguma coisa assim, eu não quero dizer que seja assim, mas existe essa possibilidade também (ENTREVISTADO, 8).

Fica evidenciado que apenas a dimensão econômica é levada em consideração pela maioria dos entrevistados. Não há uma preocupação com outros benefícios que poderiam estar sendo promovidos para a população, de uma maneira geral, independente do envolvimento, ou não, com o turismo, principalmente relacionados à infraestrutura.

Logo, em linhas gerais, é possível verificar que prevalece no discurso dos atores o entendimento de que os benefícios e impactos se limitam à questão econômica das pessoas, ao passo que em relação à infraestrutura e, principalmente, às ações que envolvam o coletivo não há ênfase por parte dos entrevistados.

No trecho abaixo, podemos observar um discurso que se diferencia dos demais, uma vez que possui uma preocupação com outros fatores que poderiam ser priorizados a partir da inserção do turismo como atividade econômica, fato que não tem ocorrido. De acordo com o entrevistado:

Para a cidade o que pode acontecer, que eu acho que hoje ainda não acontece muito bem, porque muita gente questiona o tombamento da cidade, o que pode acontecer é exatamente as estruturas públicas da cidade ser melhoradas, que isso a gente sabe que em muitos locais que tem o turismo desenvolvido, isso acontece, os asfalto é uma porcaria, todo ondulado, hoje tá até faltando uns pedaços que a CAGEPA fez, não terminou, você deve até ter passado nuns buracos da CAGEPA, isso se a cidade viver realmente de turismo ou parcialmente, vai ter um calçamento bonitinho, todo pintado, que aqui entra recurso, porque toda hospedagem, não sei se aqui em Areia faz isso, mas toda hospedagem tem uma taxa que é pra pagar a prefeitura pra se destinar aonde tá localizada o estabelecimentos, digamos o IPTU individual de cada pessoa por um dia, que todo local faz isso, não sei se Areia, porque isso normalmente é por lei municipal, mas isso vai trazer recurso, vai trazer opções, porque a gente sofre muito em Areia aqui que tem gente que simplesmente não precisa, ai “não vou abrir hoje”, tem estabelecimento que até eu me admiro que um sanduiche muito bom, mas só abre quando quer, a ele abriu, vamos parar aqui e comer logo que já ele fecha de novo, mas isso vai acontecer, porque opções de bares e restaurantes vai ter mais, porque a pessoa vai pensar “não vai compensar eu abrir um bar, um restaurante porque só é o povo de Areia, o povo de Areia vem aqui, duas, três vezes e não vem mais, não vai compensar manter meu funcionamento, meu funcionário, não vai conseguir manter mais turista, turista vai pedir...vai trazer pequenos problemas que vão trazer soluções, por exemplo, água que não tinha, claro que não vou dizer que é por conta do turismo, chegou a um ponto que Areia estava sem água geral, por exemplo os condomínios que surgiram, tem n condomínios aqui, claro, o condomínio eu confesso que não gosto muito, porque eles não tem estrutura ecológica pra estar onde estão , porque está na beira do principal reservatório da cidade, da barragem Saulo maia, alguns dizem “tem sistema de esgoto”, o sistema de

esgoto é canalizado pra cair dentro da barragem, isso não é sistema de esgoto, isso é tubulação, porra como deixaram um negocio desses acontecer, não era acontecer, em estação de tratamento, vai gastar um pouco mais, vão perder um ou dois lotes.... (ENTREVISTADO, 12)

No discurso acima é necessário analisar algumas questões pertinentes. É evidenciado na fala do entrevistado, que Areia ainda não é um local que “vive” de turismo, por diversos fatores, seja pela ausência da infraestrutura básica que uma cidade turística deve apresentar, de acordo com o mesmo, seja, pelo comportamento de alguns empresários do setor alimentício, neste caso, que se beneficiam diretamente pela presença de visitantes no local, mas que demonstram certo desinteresse até mesmo em abrir o estabelecimento.

Todavia, a próxima fala em destaque contrapõe fortemente a ideia do entrevistado anterior, quando afirma que a inserção do turismo modificou a condição econômica do município, proporcionando uma mudança em um ambiente que estava em crise, em razão da introdução desta “nova” atividade econômica. Vejamos:

A economia principalmente, a gente estava num estado de falência total, porque os engenhos eles eram a economia de Areia, era a partir dos engenhos que o dinheiro transitava, rolava em Areia, quando os proprietários de engenhos faliram, a usina Santa Maria, os proprietários dos engenhos e o Banco do Brasil praticamente faliu, porque essa era a economia de Areia, Areia inteira faliu, entendeu? Com a retomada desses engenhos, com essa retomada não que a gente não tinha, com esse inicio do trabalho com o turismo a economia de Areia criou um novo aspecto, era uma economia nova que a gente não conhecia que agregou o turismo e a cultura, depois vem o tombamento de Areia como patrimônio histórico nacional, então se aliou isso da cultura, e a cultura do açúcar é a nossa cultura, certo? Aí aliou tudo isso e parece que os astros conspiraram e a gente achou o caminho, a gente achou o caminho, né, a as pessoas voltaram a ter uma qualidade de vida financeira, né, boa, sabe? Em comparação ao que estava a 15, 20 anos atrás, mudou tudo, a gente retomou a vida, está crescendo, Areia está crescendo, hoje a gente tem associações turísticas, a gente tem a secretaria de turismo que a gente não tinha (ENTREVISTADO, 4).

Outra perspectiva relacionada às modificações promovidas pelo turismo detalha alguns aspectos a partir dos quais o município evoluiu, ora pela geração de novas alternativas de hospedagem e alimentação ora pelo espaço proporcionado para o aparecimento de novos artistas locais.

Olha, nesses últimos anos o que a gente mais vê é esses atrativos a mais de restaurante, esses atrativos a mais de leitos, de pousadas e o próprio hotel e até mesmo assim, sei lá, a gente, eu fico com pena porque esses últimos quatros anos foram desastrosos, em termos de estrutura a gente não tem muito o que dizer, mas com relação assim a esforços, esforços particulares mesmo, é dos empresários né, então Areia hoje ela é uma cidade que tem como, é... receber as pessoas, digamos assim, e receber bem, que há 10 anos atrás, eu acho que até 8, 7, a gente tinha uma pousada na cidade é muito pouco né, hoje a gente tem varias pousadas, o próprio hotel, a gente tinha antes praticamente restaurante mesmo bom, para as pessoas irem visitar eu acho que só tinha um mesmo, hoje em dia você vê vários restaurantes, na zona rural não tinha nenhum, hoje a gente tem, já tem dois, enfim, então eu acho que

é por aí, é mais ou menos por aí e o surgimento de novos artistas também, hoje a gente tem uma safra por aí, por exemplo, voz e violão, muita gente cantando né, há uns quatro anos atrás tinha, que eu recorde três pessoas, então acabou melhorando bem (ENTREVISTADO, 14).

Os discursos acima apresentam opiniões bastante distintas e representam, em parte, a falta de consenso dos atores em relação ao impacto do turismo em Areia. A análise destes discursos, de modo isolado, não dá conta de responder todas as questões deste trabalho.

Neste sentido, numa tentativa de quantificar a presença de turistas no município, serão analisados alguns dados que expressam o fluxo de visitação em Areia em um período de 12 meses – entre fevereiro de 2016 a janeiro de 2017– possibilitado através da consulta ao registro de visitantes da Casa Pedro Américo, um dos principais pontos de visitação da cidade.

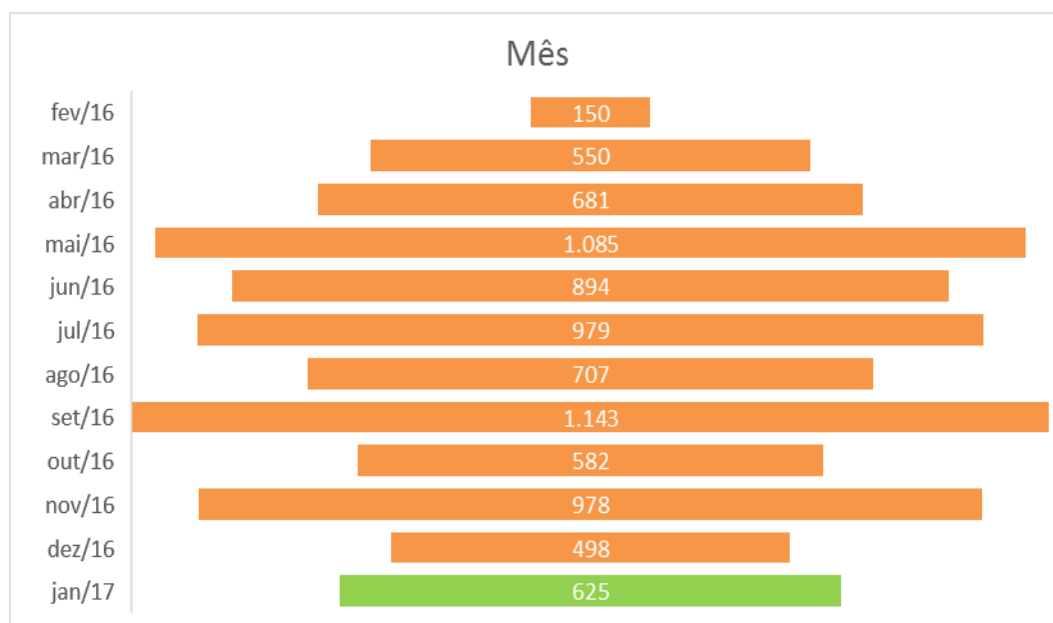
A partir da análise desse registro será possível confrontar e/ou complementar a declaração dos entrevistados com relação à frequência e ao fluxo de visitantes, até porque é possível observar nos quantitativos declarados, o entrevistado 15 estima que está “recebendo em média, 400 a 500 pessoas por semana”.

Hoje aqui a gente tá com, só com o restaurante a nossa media mensal é de 1.800 pessoas que almoçam mensalmente aqui e aí a gente coloca em 2.000 pessoas porque aí vem o povo que vem só para o restaurante e vem visitar e o povo que vem só visitar e não vem para o restaurante, porque tem isso também, a gente tem o povo que vem só para a bodega, bem só comprar o artesanato, tem gente que vem só para as trilhas, mas dificilmente as pessoas vêm, por exemplo, fazer uma trilha e não ficam para almoçar, isso é assim, posso dizer que é assim, muito raro, então a gente fez recentemente o levantamento e a gente colocou essa média de 2.000 visitantes ao mês, agora existe época também que a gente tem o período de junho, o período de caminhos do frio que aí vai, aumenta acho que 50% essa quantidade de visitantes (ENTREVISTADO, 14).

No trecho acima, o entrevistado afirma receber em seu estabelecimento em média 2.000 pessoas por mês. Este número é próximo ao que foi declarado pelo Entrevistado 15, conforme trecho. Todavia, quando analisamos os dados levantados junto ao livro de registro de visitantes da Casa Pedro Américo, verificamos que nenhum mês do período observado atinge as quantidades informadas pelos empresários entrevistados.

Conforme a Gráfico 7, setembro de 2016 foi o mês com o maior número de visitantes no local, totalizando 1.143 pessoas. No período dos 12 meses analisados, são registrados um total de 8.876 visitantes, considerando uma média desse período, teremos 740 turistas visitando Areia mensalmente, o que contabiliza uma média de cerca de 185 pessoas por semana, números bastante distantes do declarado pelos entrevistados.

Gráfico 7 – Fluxo Mensal de Turistas em Areia



Fonte: Livro de visitação da Casa Pedro Américo, 2017.

O discurso abaixo se aproxima mais da realidade verificada nos dados analisados acima, que demonstram uma frequência maior somente em alguns períodos do ano, evidenciando que não existe uma constância mensal no número de visitantes.

Vai depender muito da época, tem época que a gente tem grupo quase todos os dias aqui, não só a aqui como nos outros, grupo especialmente de colégios, grupo de professores, às vezes da que ele chama de melhor idade, que pra mim é a pior idade, melhor idade é a tua, risos, a minha não, aí sempre vem, mas depende muito da época, não tem assim, não é frequente, essa época a coisa diminui muito, às vezes depois quando começa essas festas juninas, não sei agora no período de carnaval com o é que vai ser a semana santa, sempre aparece, mas não tem assim, nesse período até que parou um pouco a frequência (ENTREVISTADO, 7).

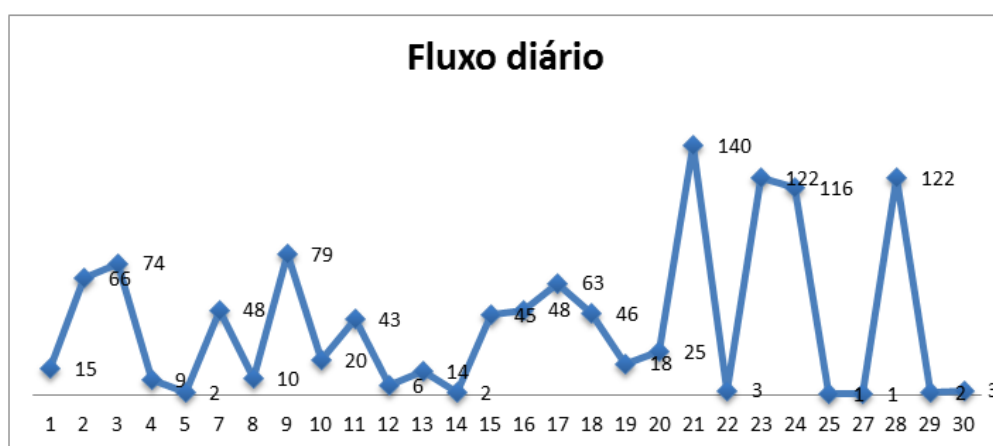
Com relação aos meses de maior frequência de turistas no município, que são setembro com 1.143 e maio com 1.085 – é importante destacar que esses números revelam uma dinâmica de turismo diferenciada, fugindo do padrão de meses de maior visitação, considerados de “alta estação”, que são dezembro, janeiro, fevereiro e julho.

Dos quatro meses considerados de “alta estação”, o que aparece liderando em número de visitantes é julho – com 979 registros – sendo apenas o terceiro mês com maior quantidade de turistas, durante o período analisado. Possivelmente esse fenômeno se explica por dois motivos, o primeiro, certamente, por ser um mês de férias e tido como de grande fluxo de pessoas viajando, e, segundo, por ser o mês da realização do “Caminho do Frio”, evento que, de acordo com os entrevistados promove um aumento no fluxo de visitantes no município.

A gente tem um pico maior nos finais de semana, quase todo final de semana a gente tem uma elevação nesse pico, e na semana a gente tem uma oscilação de altos e baixos, os meses de maior procura são os meses de mais frio, quando chove, a gente tem um tempo aí sem chover, mas quando chove, a partir de março, maio, junho, julho, agosto, são meses de alta estação (ENTREVISTADO, 13).

De acordo com a fala acima, no que se refere ao fluxo de visitação, é possível identificar no Gráfico 8 a quantidade diária de turistas no município, durante o mês de setembro, que foi o de maior visitação.

Gráfico 8 – Fluxo diário no mês de Setembro



Fonte: Livro de visitação da Casa Pedro Américo, 2017.

Essa análise contribui para a compreensão do comportamento do fluxo das visitas ao município, com destaque para o fato de que praticamente em todos os dias do mês existe registro de turista no local, mesmo que em alguns deles seja de apenas uma ou duas pessoas.

Quadro 1 – Número de visitantes diário no mês de setembro

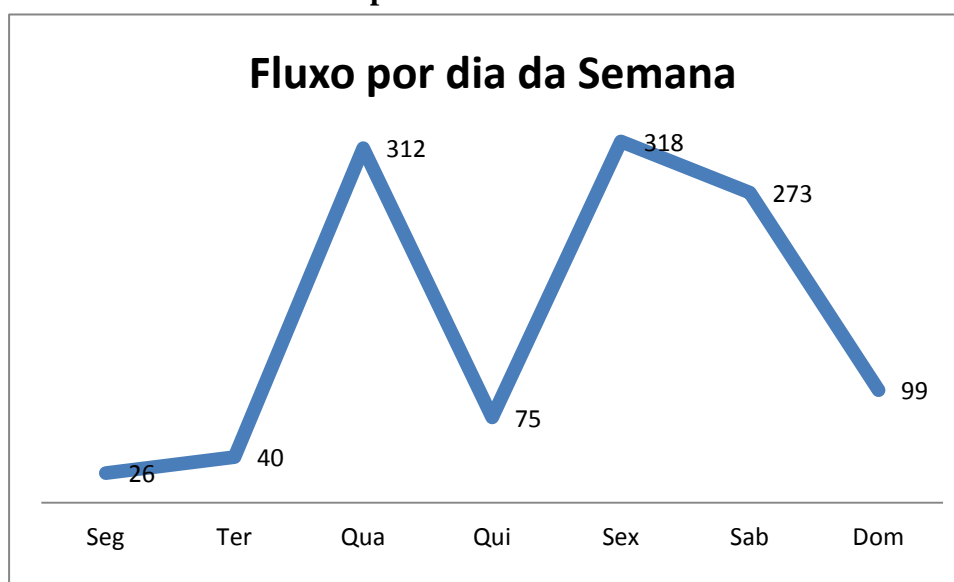
Número de visitante por dia	Mês de Setembro						
	Dia da Semana						
	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab	Dom
			0	15	66	74	9
2	00	48	10	79	20	43	
06	14	02	45	48	63	46	
18	25	140	03	122	116	01	
0	01	122	02	03			

Fonte: Livro de visitação da Casa Pedro Américo, 2017

Observando o quadro acima, que detalha a quantidade de visitação por dia da semana, é importante destacar que o registro do maior número de visitação se dá em uma quarta-feira, com 140 pessoas. Esse número sinaliza, novamente, uma dinâmica diferenciada, haja vista que em um mês de “baixa estação”, cuja expectativa é de pouca atividade turística, como é o caso do mês de setembro, e o alto número de visitas em uma quarta-feira é algo ainda mais fora do esperado.

No Gráfico 9, nós temos a quantidade total de visitas por dia da semana ao longo do mês de setembro. O dado aponta que a sexta-feira é o dia em que há o maior registro de visitas ao local – com 318 registros – seguida pela quarta-feira – com 312 visitantes– fato este que merece destaque, por não apresentar os dias de finais de semana, sábado e domingo, entre os de maior visitação, o que seria o fluxo esperado para um espaço turístico.

Gráfico 9 – Fluxo por dia da semana no mês de setembro



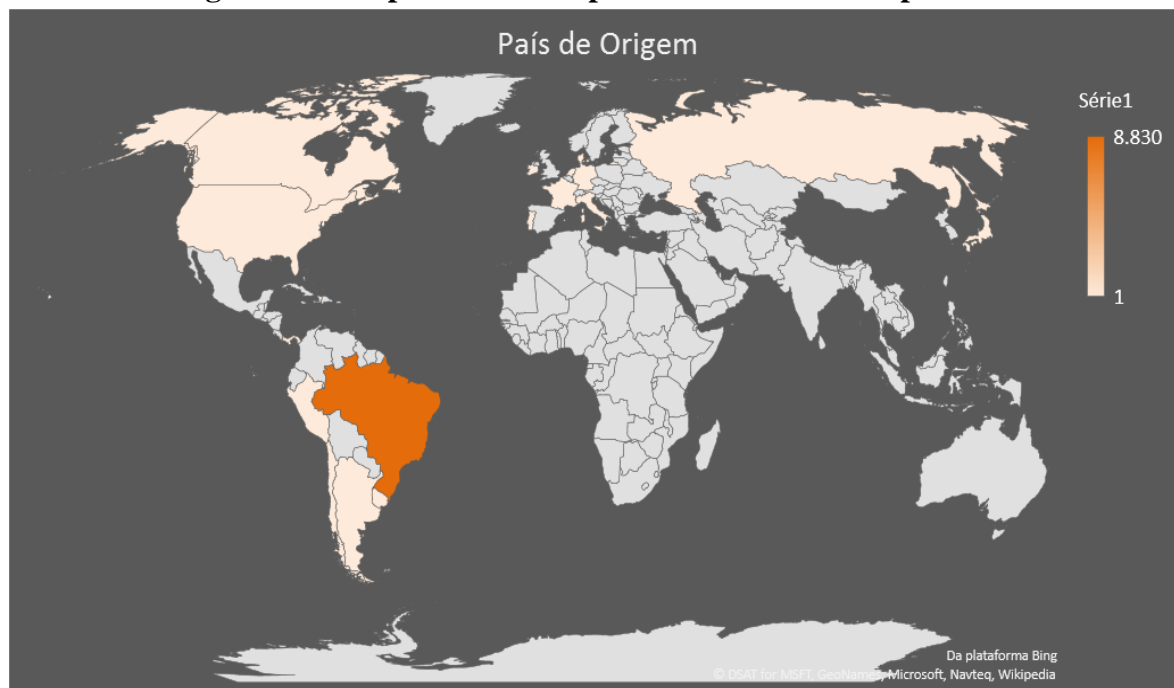
Fonte: Livro de visitação da Casa Pedro Américo, 2017

Além da análise da frequência do fluxo de turistas no local, outro fator relevante a ser destacado, para melhor compreender a dinâmica em Areia e conhecer a origem destes visitantes, e de acordo com o entrevistado citado abaixo a procedência dos turistas que frequentam o município é em grande parte dos estados do Rio Grande do Norte e Pernambuco.

A gente tem muita ligação com o Rio Grande do Norte e com o Pernambuco, geralmente vem grupo de lá para cá e isso aí nem tem período certo, simplesmente eles formam os grupos avisam as pousadas e a gente vê, e os períodos mais cheios é semana santa, carnaval para quem não brinca, pra quem não gosta de carnaval Areia é um paraíso (ENTREVISTADO, 1).

É preciso ampliar esse campo, a partir da observação da origem destes visitantes por país, conforme dados demonstrados na Figura 14, que corresponde a um mapa de calor elaborado para melhor ilustrar a contribuição de cada nação no total de visitantes registrados em Areia durante os meses analisados.

Figura 14 – Mapa de calor da procedência de turista por País



Fonte: Livro de visitação da Casa Pedro Américo, 2017.

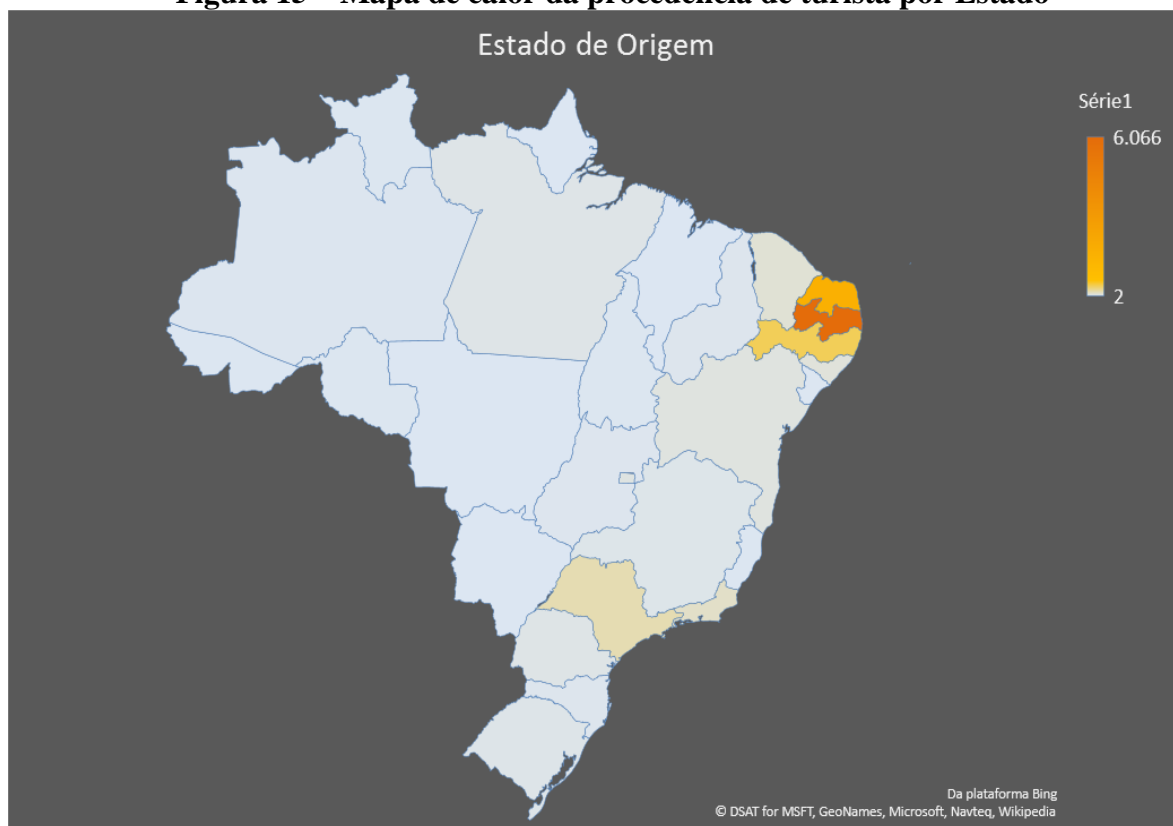
Neste sentido, é importante destacar que, embora haja registro de turistas estrangeiros, provenientes de 19 países, dentre eles, Itália, Estados Unidos, Alemanha, conforme Tabela 13, é do Brasil a predominância de origem desses visitantes, cujos registros totalizam 8.830 pessoas, que corresponde a 99,48% do total de 8.876 visitantes, enquanto que a soma dos outros 18 países equivale a um total de 46 visitantes, no período analisado, cujo percentual é de 0,52%.

Quando analisamos a dinâmica dos 8.830 visitantes em Areia provenientes do Brasil, observamos que a maior concentração da origem destes está em alguns estados do Nordeste, principalmente, na Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, estados com maior proximidade geográfica em relação ao município, conforme apresenta a Figura 15.

Tabela 13 – Quantidade e Percentual de Visitantes por País

Pais de Origem	Quantidade	Percentual
Alemanha	3	0,03%
Argentina	3	0,03%
Brasil	8.830	99,48%
Canadá	2	0,02%
Chile	5	0,06%
Dinamarca	2	0,02%
Estados Unidos	7	0,08%
França	5	0,06%
Haiti	1	0,01%
Holanda	3	0,03%
Inglaterra	2	0,02%
Irlanda	1	0,01%
Itália	4	0,05%
Japão	1	0,01%
Panamá	1	0,01%
Peru	1	0,01%
Portugal	2	0,02%
Rússia	2	0,02%
Uruguai	1	0,01%
Total	8.876	100%

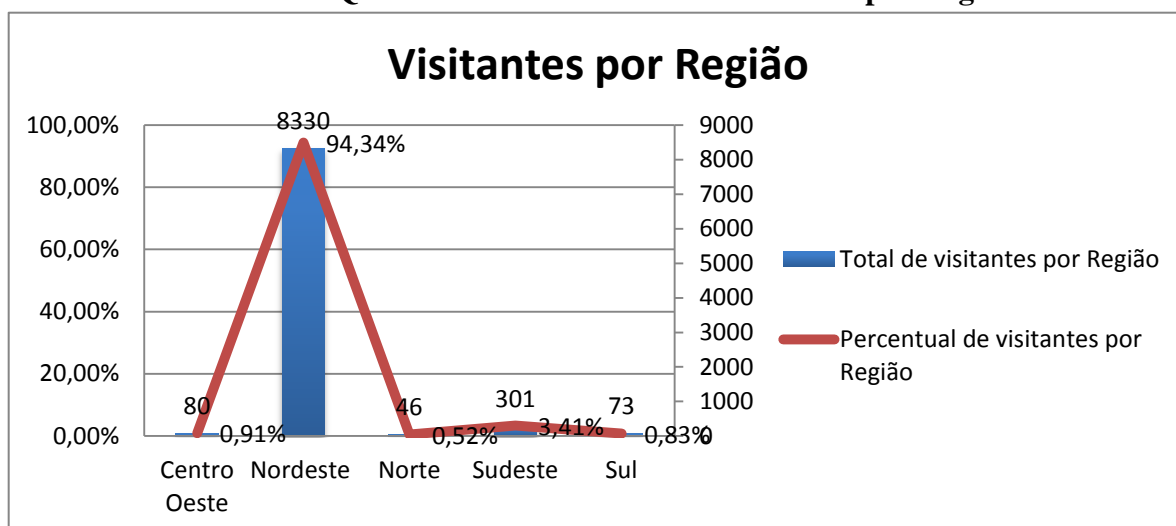
Fonte: Livro de visitação da Casa Pedro Américo, 2017

Figura 15 – Mapa de calor da procedência de turista por Estado

Fonte: Livro de visitação da Casa Pedro Américo, 2017.

Embora tenha recebido visitantes dos 26 estados da federação e do Distrito Federal, é da região Nordeste o maior percentual de turistas presentes em Areia no período analisado, representado por 94,34% do total de visitas recebidas, que corresponde a 8.330 pessoas, seguido por Sudeste com 3,41%, Centro Oeste com 0,91%, Sul com 0,83% e por fim a região Norte que contribui com 0,52% dos visitantes (ver Gráfico 10).

Gráfico 10 – Quantidade e Percentual de Visitantes por Região



Fonte: Livro de visitação da Casa Pedro Américo, 2017.

A análise dos dados relacionados à procedência do turista em Areia, apresentados até então, contribui para algumas reflexões iniciais de que a origem desses visitantes é predominantemente brasileira, com uma contribuição mínima de 0,52% de visitas de estrangeiros. Além de comprovar, com os dados presentes na Figura 15 e no Gráfico 10, que em relação aos visitantes brasileiros, 94,34% são provenientes da região Nordeste e as demais 04 regiões juntas representam apenas 5,66% desse total, enfatizando que esses visitantes têm procedência da própria região em que o município está inserido.

Na Tabela 14 abaixo, está detalhada a representatividade em termos de quantidade e percentuais de cada estado. A partir da análise destes números é necessário destacar que a Paraíba é responsável por 68,70% da origem de visitantes em Areia, seguida por Rio Grande do Norte com 18,88% e Pernambuco com 4,41%, cuja soma dos três estados representa 91,99% dos visitantes de Areia.

Os dados apresentados indicam, novamente, uma regionalização da origem dos turistas em Areia, neste caso fortemente representado pela Paraíba, estado em que o município de Areia está localizado, seguido por Rio Grande do Norte e Pernambuco que são os estados

geograficamente mais próximos ao município, em seguida vem o estado de São Paulo com 163 visitantes, correspondendo a 1,85% do total.

Tabela 14 – Quantidade e Percentual de Visitantes por Estado

Estado	Quantidade	Percentual
Acre	4	0,05%
Alagoas	63	0,71%
Amapá	3	0,03%
Amazonas	10	0,11%
Bahia	49	0,55%
Ceará	76	0,86%
Distrito Federal	45	0,51%
Espirito Santo	5	0,06%
Goiás	12	0,14%
Maranhão	2	0,02%
Mato Grosso	3	0,03%
Mato Grosso do Sul	2	0,02%
Minas Gerais	25	0,28%
Pará	29	0,33%
Paraíba	6066	68,70%
Paraná	32	0,36%
Pernambuco	389	4,41%
Piauí	14	0,16%
Rio de Janeiro	108	1,22%
Rio Grande do Norte	1667	18,88%
Rio Grande do Sul	27	0,31%
Rondônia	6	0,07%
Roraima	6	0,07%
Santa Catarina	14	0,16%
São Paulo	163	1,85%
Sergipe	4	0,05%
Tocantins	6	0,07%
Total Geral	8830	100,00%

Fonte: Livro de visitação da Casa Pedro Américo, 2017

Analisando a procedência dos 6.066 visitantes provenientes da Paraíba, verificamos que pessoas de 144 municípios diferentes do estado, visitaram Areia no período analisado, o que corresponde a pouco mais de 64,5% dos municípios do estado. Dentre estes, organizamos

na tabela que segue os dez municípios com maior número de visitantes em Areia (ver Tabela 15).

Tabela 15 – Municípios da Paraíba com o maior número de visitantes em Areia

Município	Quantidade	Percentual
Areia	613	10,12
Bayeux	97	1,60
Belém	86	1,42
Cabedelo	119	1,97
Campina Grande	1.429	23,60
João Pessoa	1.770	29,23
Nova Palmeira	179	2,96
Patos	144	2,38
Pedro Regis	85	1,40
Picuí	82	1,35
Subtotais	4.604	76,03

Fonte: Livro de visitação da Casa Pedro Américo, 2017.

Dos 6.066 turistas de origem paraibana que visitaram Areia, 76,03% é representado por apenas 10 municípios, conforme observado na Tabela 16, dentre os quais somente João Pessoa e Campina Grande totalizam 52,83% do total de 6.066 visitantes e 69,48% dos 4.604 dentre os relacionados na tabela acima, predominando entres os municípios.

Tabela 16 – Municípios brasileiros com o maior número de visitantes em Areia

Município	Estado	Quantidade	Percentual
Areia	Paraíba	613	6,91
Bayeux	Paraíba	97	1,09
Cabedelo	Paraíba	119	1,34
Campina Grande	Paraíba	1435	16,17
João Pessoa	Paraíba	1771	19,96
Natal	Rio Grande do Norte	1073	12,09
Nova Palmeira	Paraíba	179	2,02
Parnamirim	Rio Grande do Norte	153	1,72
Patos	Paraíba	144	1,62
São Paulo	São Paulo	109	1,23
Subtotais		5.654	64,15

Fonte: Livro de visitação da Casa Pedro Américo, 2017.

Na Tabela 16 temos que os municípios de João Pessoa, Campina Grande e Areia são os três com mais visitantes em Areia, ressaltando que pelo fato dos dados serem provenientes da Casa Pedro Américo, os próprios moradores quando visitam o estabelecimento registram assinatura no referido livro e que a contabilização dessas visitas representa 6,91% do total de visitantes registrados.

Todavia, quando analisamos a procedência dos visitantes de todos os municípios brasileiros, conforme Tabela 4, temos uma participação efetiva do município de Natal, localizado no Rio Grande do Norte com 1.073 visitas, que somadas às quantidades de João Pessoa e Campina Grande resulta em um total de 4.279 visitantes, correspondendo a 48,22% do total de visitas registradas em Areia no período analisado.

Por fim, dentre as informações coletadas a partir da análise dos dados referentes ao livro de visitação da Casa Pedro Américo, algumas questões importantes podem ser pontuadas, Dentre elas:

- ✓ O fluxo de visitação no município se dá predominantemente nos meses considerados de baixa estação, que são setembro e maio;
- ✓ Os dias com maior fluxo de visitação são a sexta e quarta-feira, respectivamente;
- ✓ Há pouca inserção de turista estrangeiro em Areia, durante o período analisado, com o Brasil representando 99,48% do total de visitas;
- ✓ 94,34 % são de visitantes de origem dos estados do Nordeste;
- ✓ Dos estados de origem dos visitantes, 68,70% são da Paraíba e que se considerados os três estados com maior representatividade temos uma concentração de 91,99% dos visitantes sendo da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, respectivamente.
- ✓ João Pessoa, Campina Grande e Areia são os municípios da Paraíba com maior registro de visitação;
- ✓ Em relação aos municípios brasileiros, João Pessoa e Campina Grande seguem sendo os dois com maior número de pessoas em Areia, seguidos por Natal.

De maneira geral, os dados apresentados sinalizam uma dinâmica singular de turismo no município, principalmente pela natureza do fluxo semanal se concentrar na sexta e quarta-feira, respectivamente, como também pelo fator regional e estadual estarem representados em números tão significativos, predominando o Nordeste, a Paraíba e João Pessoa, região, estado e município que se consolidam como principais contribuintes para os registros de visitação em Areia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho buscou, ao longo dos três capítulos, alcançar os objetivos propostos a partir da complementariedade da discussão teórica proporcionada no primeiro capítulo, realizando uma reconstrução histórica econômica sobre Areia; no segundo capítulo, a partir do levantamento de dados econômicos, sociais, educacionais e, por fim, no terceiro capítulo onde são analisados os dados coletados na pesquisa de campo.

Portando, a retomada histórica nos permitiu entender os elementos que influenciaram Areia, por exemplo, na configuração econômica, social, cultural, demográfica e até mesmo geográfica que observamos hoje, disponíveis no município e, principalmente, nos inteira, quanto à condição econômica e social de Areia até o início dos anos 1990, momento de transição entre o declínio da cana-de-açúcar e o surgimento do turismo.

Nesse sentido, a análise dos dados, no capítulo 2, para o resultado da pesquisa é fundamental. Todavia, não se pode desconsiderar o quadro social e econômico que os dados refletem, sinalizando, por exemplo, mudanças importantes, principalmente ao longo do período de 1991 a 2010, quando Areia registra uma perda significativa na sua população, mas, também, quando da evolução de alguns de seus indicadores, como foi o caso do IDHM, dos indicativos de renda, escolaridade, entre outros.

Contudo, o crescimento desses indicadores não proporcionaram grandes modificações em Areia, principalmente, por que esta foi uma dinâmica também apresentada na microrregião do brejo paraibano, na Paraíba e no Brasil, mesmo que em determinados momentos o município tenha apresentado crescimento acima dos demais referenciais, mas em nenhum momento chega a superar os indicadores apresentados por estes.

São os elementos construídos nos capítulos iniciais que nos permite compreender que a promoção do turismo foi impulsionada em Areia a partir da sucessão de alguns fatores. Em alguma medida tais fatores apresentam certa casualidade, entretanto, a iniciativa de fomentar o turismo enquanto atividade econômica não surge dessa casualidade, mas do interesse de instituições em um momento de fragilidade econômica do município.

Esses dois elementos, fragilidade econômica e o interesse institucional, passam a ser centrais na discussão de que o turismo surge em Areia enquanto alternativa aos diversos processos econômicos existentes até então, por entender que o momento econômico foi o fator motivador, inclusive enquanto argumento para sustentar a proposta de que o turismo seria a solução para a crise vivida em Areia no final dos anos 2000.

Este argumento é utilizado fortemente, como fica evidente nas discussões analisadas no terceiro capítulo, por instituições como o SEBRAE, que liderou, com o apoio de outras, o processo de promoção do turismo, fomentado por um discurso de solução econômica a partir da “exploração” dos potenciais existentes no município tais como: patrimônio histórico, clima, a estrutura remanescente dos engenhos que contam a história do município, com ênfase para os processos da cana-de-açúcar.

A prática desse discurso já motivou o aparecimento de outros elementos, que interagem diretamente como a dinâmica do turismo no município. É o caso do tombamento do patrimônio arquitetônico, que após a iniciativa de uma associação local alcançou o título de Patrimônio Histórico Nacional através do IPHAN, no ano de 2005.

Essa iniciativa de conservação do patrimônio histórico através do IPHAN é exemplo de muitas das ações que têm sido realizadas para fomentar a ideia de turismo enquanto ferramenta de desenvolvimento, tendo o Ministério do Turismo como protagonista desse movimento, inclusive promovendo uma série de iniciativas para descentralizar o processo e intervir em determinados espaços, cuja prática turística não era tão recorrente, uma intervenção sintomática foi a criação de roteiros turístico no Nordeste, como foi o caso da Rota da Civilização do Açúcar que posteriormente gerou o “Caminhos dos Engenhos”, produto analisado neste trabalho.

Além dessa, outras ações foram sendo executadas com o foco na promoção do turismo, conforme já analisado no Capítulo 2. No entanto, é necessário discutirmos os interesses presentes nesse processo, desde a sua concepção, enquanto alternativa econômica, até os dias mais atuais, que delineiam a permanência de algumas estruturas de poder, como é o caso da manutenção dos senhores de engenho enquanto promotores do desenvolvimento de Areia, neste caso, pela articulação e interação na promoção do turismo.

Essa dinâmica de manutenção da figura dos senhores de engenho apresentada, nos demonstra que não houve envolvimento das pessoas. De modo geral, elas não decidiram sobre questões que impactam o seu dia a dia e, aparentam ser apenas instrumento para alcançar os resultados esperados, por um grupo limitado de pessoas, nesse processo de promoção do turismo.

Outro fator que merece destaque, é que, embora esse processo tenha sido pensado por uma determinada instituição, inclusive com a proposta de aplicar em Areia determinados modelos já existentes, há uma demonstração recorrente de falta de alinhamento nas ações que foram realizadas, não apresentando uniformidade, como foi o caso da padronização dos engenhos e da própria participação destes, não havendo um processo de escuta da sociedade,

mesmo que minimamente, para entender se de fato a promoção do turismo e todo esse aparato criando em torno desse projeto era uma expectativa da população, inclusive discutindo os impactos que seriam causados no local.

Diante dos elementos expostos, fica evidente que o turismo em Areia surgiu a partir da iniciativa de uma determinada instituição, neste caso o SEBRAE, motivada pelo ambiente econômico existente no município por volta dos anos 2000, cuja situação alicerçava um discurso de alternativa econômica.

Quando analisamos os impactos do turismo, a partir da perspectiva dos entrevistados, observamos que, em geral, os discursos se resumem a enfatizar a geração de emprego. Pouca ênfase é dada para a infraestrutura que deveria ter sido desenvolvida no município, que mesmo sendo motivada em função do turista, traria benefícios comuns a população local, porém as críticas à gestão municipal, principalmente, determinam a falta de interferência junto aos problemas estruturais do município.

Mesmo com o reconhecimento por parte de alguns entrevistados, que afirmam ser a geração de emprego, o grande benefício gerado pelo turismo, pela participação dos estabelecimentos comerciais no percentual de empregos gerados, aumentando pouco mais de 2% entre os anos de 2010 a 2013. O que fica evidenciado, na verdade, é que para a população em geral, há uma tendência em promover a informalidade, ou mesmo a ideia de que as pessoas precisam aproveitar para criarem seu próprio negócio, como foi destacado em determinados discursos.

Além da ausência de sinais evidentes do benefício proporcionado pelo turismo, em Areia, outro fator que diferencia essa dinâmica no município é a análise do fluxo de turistas realizada no Capítulo 3. Com os dados apresentados, algumas questões importantes são verificadas:

- (1) A frequência de visitantes declara pelos entrevistados, não condiz com a análise feita a partir do registro de visitas a Casa Pedro Américo, onde se verifica que no mês de maior visitação, Areia recebeu o número muito abaixo do informado nas entrevistas;
- (2) Areia não apresenta um fluxo de visitação nos finais de semana e no mês de analisado, os dias com maior frequência são, sexta e quarta-feira;
- (3) 99,48% dos visitantes presentes em Areia ao longo dos últimos meses são de origem brasileira. Desses, 94,34% são do Nordeste e 68,70% tem origem na Paraíba, onde as cidades com maior representação são João Pessoa e Campina Grande que juntas somam 36,13% dos turistas em Areia nesse período.

Portanto, os dados analisados nos permitem compreender que o turismo sugerido em Areia, como promotor de desenvolvimento, possui, na verdade, elementos que o torna ainda muito incipiente. Os dados, e alguns discursos investigados, demonstram que essa ideia de promover o turismo como solução para o desenvolvimento do município é um discurso de poucos e para poucos. Não há consenso entre os empresários que, aparentemente, são os maiores beneficiários dessa prática, de que o turismo é sim responsável por dinamizar a economia do município atualmente.

É possível verificar que ao longo dos anos, alguns aspectos foram modificados. Novos restaurantes foram criados, além de hotéis e outros atrativos, todavia, o fluxo de turistas no município não traduz que essa demanda tenha sido, de fato, a partir da necessidade de uma alta procura por turismo no local, indica muito mais a manutenção de alguns empresários que permanecem como detentores das decisões e reproduzindo o seu capital.

Não é o foco deste trabalho determinar se existe ou não desenvolvimento no município de Areia, a partir da inserção do turismo como alternativa na busca desse desenvolvimento, por mais que os elementos aqui apresentados possam dar conta de responder essa questão, porém, é importante destacar que não há nesse processo, registros de que esse projeto buscou a melhoria da qualidade de vida da população e a ampliação da sua capacidade, elementos buscados na ideia de desenvolvimento adotada neste trabalho.

Por fim, sobre o processo de reconversão produtiva promovido em Areia, quando da reorganização dos engenhos, desde as modificações na estrutura local, até a criação de um ambiente voltado para o turista, por mais que a execução desse processo não tenha sido traduzida em resultados às expectativas prometidas no discurso inicial, é necessário destacar que esta reconversão foi concretizada e em certa medida, ao menos para determinados atores, tem trazido êxito na tentativa de reproduzir o capital dos senhores de engenhos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, H. **História da Paraíba**. João Pessoa. Editora Universitária UFPB, 1978.
- ALMEIDA, H. **Brejo de Areia**. 2ed. João Pessoa. Editora Universitária UFPB, 1980.
- ALVES, J. S.; SOUTO, K. C.; CAVALCANTI, G. A. **A agroindústria canavieira da Paraíba na década de 90: o contexto da crise e suas implicações no emprego do setor sucroalcooleiro**. Disponível em < <http://www.sober.org.br/palestra/5/569.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2016.
- ANDRADE, M. C. **A terra e o homem do Nordeste**. São Paulo, Ed. Atlas, 1986.
- ANDRADE, M. C. **O rio Mamanguape**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1997. [fac-similar da publicação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais].
- AQUINO, A. Ascensão e declínio de uma cidade. In: ALMEIDA, H. **Brejo de Areia**. 2 ed. João Pessoa. Editora Universitária UFPB, 1980, p. VII-IX.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Areia, PB**. Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/areia_pb>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- BARBOSA, J. L. A. **Engenho de Cana de açúcar na Paraíba: por uma Sociologia da Cachaça**. Campina Grande. EDUEPB, 2014.
- BARBOSA, E.; KIYOTANI, I. B.; PAES, T. A. As políticas públicas do turismo rural em Areia/PB - 2014. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 9, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ECA, 2014.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007. 560p.
- BRASILEIRO, M. D. S. Desenvolvimento e turismo: para além do paradigma econômico. In: BRASILEIRO, M. D. S.; MEDINA, J. C. C.; CORIOLANO, L. N. **Turismo, cultura e desenvolvimento**. Campina Grande: EDUPB, 2012. p. 75-98.
- BRITO, P. **Paraíba investe na Economia Criativa para alavancar o turismo**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2013/08/paraiba-investe-na-economia-criativa-para-alavancar-o-turismo.html>>. Acesso em: 25 out. 2014.
- CARVALHO, S. P.; CARRIJO, E. L. O. A produção de álcool: do Proálcool ao contexto atual. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, XLV, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2007. p.
- CAVALCANTE, E. D. **A cachaça e o desenvolvimento turístico: Uma análise das representações do espaço e dos atores envolvidos na atividade turística no Brejo Paraibano**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.
- DATAVIVA. **Areia-PB**. Disponível em <<http://www.dataviva.info/pt/location/2pb000002/undefined>>. Acesso em: 28 ago. 2016
- FERREIRA, A. C. A. A situação dos engenhos de cachaça e rapadura o município de Areia/PB. In: Simpósio Nacional de História, XXV, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-8.

FERREIRA, A. C. A.; MOURA FILHA, M. B. B. L. A importância da paisagem cultural de Areia e seus engenhos de cachaça e rapadura para o desenvolvimento histórico e cultural do município. In: Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, 1º, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2010. p. 1-17.

FIGUEREDO, S. F. **O carro a álcool: uma experiência de políticas públicas para a inovação no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FURTADO, C. O desenvolvimento do ponto de vista interdisciplinar. In: **Essencial Celso Furtado**. 1ed. São Paulo. Penguin Companhia, 2013. p. 197-235.

FURTADO, C. Acumulação e Criatividade. In: **Essencial Celso Furtado**. 1ed. São Paulo. Penguin Companhia, 2013. p. 461-472.

GALDINO, L. C. F.; COSTA, M. L. A análise das principais políticas públicas de turismo no Brasil, dá década de 1990 à atualidade. Observatório de Inovação do Turismo, Rio de Janeiro, v. VI, n. 4, p. 1-24, 2011.

GUARDIA, M. S. A. B. **Diagnostico da estrutura física de engenhos da microrregião do brejo paraibano para exploração turística**. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) – Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.

IBGE. **Indicadores Sociais Municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo demográfico**. 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/indicadores_sociais_municipais_tab_uf_zip.shtm>. Acesso em: 10 jan. 2016.

IPHAEP. **Municípios com Centro Históricos Tombados**. 2016. Disponível em <<http://paraiba.pb.gov.br/iphaep/municipios-com-centros-historicos-tombados/>> . Acesso em: 15 nov. 2016.

IPHAN. **Areia (PB)**. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/347/>> . Acessado em: 15 nov. 2016.

LIMA, F. S.; MELLO, F. S. Espaço agrário e pequena produção do brejo paraibano: o caso da floricultura na comunidade Avarzeado. In: Encontro Nacional de Geografia Agrária, XIX, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FFLCH, 2009, p. 1-21.

MACHADO, J. **Projetos em Areia, na Paraíba, incentivam o empreendedorismo: Comunidade Chã de Jardim se destaca no Brejo pela criatividade. Espírito de empreendedorismo é 'feito' até da palha seca da bananeira**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2013/01/projetos-em-areia-na-paraiba-incentivam-o-empendedorismo.html>>. Acesso em: 25 out. 2014.

MADEIRA, M. G. **Economia Criativa: Implicações e desafio para a política externa brasileira**. Brasília. FUNAG, 2014.

MENEZES, M.; MALAGODI, E.; MOREIRA, E. R. Da usina ao assentamento: os dilemas da reconversão produtiva no Brejo Paraibano. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 332-358, 2013.

MORAES, C. G. M. S. M. **Areia – Paraíba: Morfologia e Desenvolvimento Urbano (Séculos XVII, XIX E XX)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MORAES, C. G. M. S. M; MOREIRA, F. D.; **O desenvolvimento urbano de Areia/PB: contribuição aos estudos de morfologia e historia urbana no Brasil.** Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 133.153, 2009.

MOREIRA, E. **Evolução do processo de produção do espaço paraibano.** João Pessoa, Cadernos do NDIHR, n. 23. 1990.

MOREIRA E.; TARGINO, I. **Capítulos da Geografia Agrária da Paraíba.** João Pessoa. Editora Universitária UFPB, 1997.

MOREIRA, E.; TARGINO, I. **Espaço, capital e trabalho no campo paraibano.** ANPEGE, Bento Gonçalves, v. 7, n. 1, p. 147-160, out. 2011.

NIT. **Areia – PB.** Disponível em < <http://www.nit.sebrae.com.br/Relatorio>> Acesso em: 28 jun. 2016.

PANIS, M. **Turismo, patrimônio cultural e desenvolvimento local – O Distrito de Rincão da Cruz no Município de Pelotas/RS.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

PEDROTI, P. M. **Entre a estrutura institucional e a conjuntura política: O programa nacional de produção e uso do Biodiesel (PNPB) e a combinação inclusão social - participação.** Tese (Doutorando em Administração Pública e o Governo) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2011.

PNUD. **O que é IDHM.** Disponível em: <http://www.pnud.org.br/idh/IDHM.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDHM>. Acesso em: 11 jul. 2016.

PORTAL BRASIL. **Salário Mínimo Brasileiro de 2010.** Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/salariominimo_2010.htm>. Acesso em: 23 jul. 2016.

PORTAL BRASIL RURAL. **Vivendo Experiências.** Disponível em: < http://www.brasilrural.tur.br/destino_detalhe.asp?ID=7 >. Acesso em: 15 fev. 2017.

PORTAL CORREIO. **Projeto de turismo alcança 200 famílias na Paraíba com investimentos de R\$ 62,6.** Disponível em: <<http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/economia/turismo/2014/07/25/NWS,243717,10,188,NOTICIAS,2190-PROJETO-TURISMO-ALCANCA-200-FAMILIAS-PARAIBA-INVESTIMENTOS-MIL.aspx>>. Acesso em: 25 out. 2014.

PORTAL PARAÍBA CRIATIVA. **Caminhos dos Engenhos.** Disponível em: <<http://www.paraibacriativa.com.br/artista/caminhos-dos-engenhos/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

PORTAL RENO TURISMO. **Caminho dos Engenhos.** Disponível em: < <http://www.renoturismo.com.br/caminho-engenhos-turismo-paraiba-passeios.php>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

PORTAL UOL. **Roteiro mistura historia e degustação de cachaça pelo interior da Paraíba.** Disponível em:< <https://viagem.uol.com.br/noticias/2012/07/11/roteiro-caminhos-dos-engenhos-mistura-historia-e-degustacao-de-cachaca-pelo-interior-da-paraiba.htm#fotoNav=30>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

PROENÇA, E. R. **Concentração, integração horizontal e vertical das usinas canavieiras.** Tese (Doutorado em Agronomia) – Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira – Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2012.

QUINTAS, F. (Org). **A civilização do açúcar**. Recife: Sebrae, Fundação Gilberto Freyre, 2007. 208p.

ROJAS, M. T.; GUARDIA, M. S; NASCIMENTO, J. W. O ambiente construído dos engenhos no município de Areia (PB): um estudo para o agroturismo. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1-18, abr. 2014

SANTOS, M. H. C. **Políticas e política de uma energia alternativa: o caso do Próalcool**. Rio de Janeiro, ANPOCS, Notrya, 1993.

SANTOS, M. R. F. **Análise Social e Econômica dos Assentamentos Rurais do Município de Areia-PB**. Dissertação (Mestrado em Administração e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2014.

SANTOS-DUISEMBER, E. Economia Criativa: Uma opção de desenvolvimento viável? In: REIS, A. C. F., **Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010. p. 52-73.

SEBRAE. O que é o Sebrae. Disponível em <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/o_que_fazemos> Acesso em: 23 mai. 2017.

SILVA, L. G. **Patrimônio histórico e desenvolvimento turístico**: representações e ações dos agentes na reconstrução de Areia. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

TARGINO, I.; MONTE, F. F. R. Evolução recente da mobilidade da população paraibana. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, IV, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1988. p. 269-297.

UFPB. **Histórico**. Disponível em <<http://www.cca.ufpb.br/cca/contents/paginas/institucional/sobre-cca/historico>> Acesso em: 20 jul. 2010.

UNCTAD. **Relatório de economia criativa 2010: economia criativa uma opção de desenvolvimento**. Brasília, Secretaria da Economia Criativa/Mic; São Paulo: Itaú Cultural, 2012. 424p.

VASCONCELOS, J. O. **Diversificação da produção em assentamentos rurais na zona da mata de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA PESQUISA

	Local	Atividade de Campo			
		Entrevista	Documentos	Fotografias	Observação
Empreendimentos	Engenho Triunfo	x	x	x	x
	Engenho Carro	x	x	x	x
	Engenho Várzea do Coaty	x	x	x	x
	Engenho Bujari	x	x	x	x
	Engenho Mineiro	x	x	x	x
	Engenho Vaca Brava	x	x	x	x
	Restaurante Vó Maria	x	x	x	-
	Restaurante Bambu Brasil	x	x	x	-
	Restaurante O Barretão	x	x	x	-
	Hotel Triunfo				
	Pousada Aconchegart	x	x	x	-
	Pousada Vila Real	x	x	x	-
Instituições	Secretaria de Turismo de Areia	x	x	-	-
	SEBRAE	x	x	-	-
	Atura	x	x	-	-
	Museu	-	x	x	x
	Casarão	-	x	x	x

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 1: EMPREENDIMENTOS E PROPRIETÁRIO DE ENGENHO

1. Fale um pouco sobre a história do Engenho (como foi fundado, proprietários);
2. O que você pensa sobre a cana-de-açúcar enquanto atividade econômica em Areia?
3. As dificuldades da atividade canavieira?
4. Qual a sua relação com a cana-de-açúcar?
5. Como o Engenho se integrou ao “Caminhos dos Engenhos”?
6. Quais ações foram realizadas para que o “Caminhos dos Engenhos” acontecesse?
7. Qual investimento foi feito pelo engenho? Houve mudança na estrutura? Treinamentos? Contratações de novas pessoas?
8. Depois desse projeto o engenho continuou recebendo turistas?
9. Com qual frequência?
10. Qual o impacto do turismo para os seus negócios?
11. Você enxerga o turismo como algo positivo para Areia?
12. Tem gerado emprego?
13. Quais os benefícios para os moradores?
14. Quais os atrativos para o turista?
15. Como é a atuação das instituições?

APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 2: EMPREENDIMENTOS E PROPRIETÁRIO DE HOTEL/POUSADA/RESTAURANTE

1. Fale um pouco sobre a história do restaurante/hotel
2. Qual o impacto do turismo para o seu negócio?
3. Você enxerga o turismo como algo positivo para Areia?
4. Como contribuiu/contribui para o desenvolvimento do turismo?
5. Como a população foi envolvida?
6. Como foram/são definidas ações (programas/projetos) que foram e serão realizadas?
7. Qual a frequência de visitantes?
8. O turismo em Areia depende da existência de eventos realizados pela prefeitura ou associação?
9. Tem gerado emprego?
10. Quais os benefícios para os moradores?
11. Quais os atrativos para o turista?
12. O que mudou em Areia com a chegada do turismo?
13. As dificuldades da atividade do restaurante/hotel?
14. As dificuldades da atividade do turismo em Areia?
15. Qual o planejamento para os próximos anos?
16. Como é a atuação das instituições?

APÊNDICE 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTA 3: INSTITUIÇÕES/SEBRAE

1. Como o turismo surgiu em Areia?
2. Quais ações foram desenvolvidas para criar e fomentar?
3. Você enxerga o turismo como algo positivo para Areia?
4. Como o Sebrae contribui/contribuiu?
5. Como a população foi envolvida?
6. Como foram definidas ações (programas/projetos) que foram e serão realizadas?
7. Qual o objetivo do Caminhos dos Engenhos?
8. Como os engenhos foram selecionados?
9. Qual o engajamento dos proprietários?
10. Quais os parceiros?
11. Quais os benefícios para os moradores?
12. Quais os atrativos (turista)?
13. O que mudou em Areia com a chegada do turismo?
14. O turismo em Areia depende da existência de eventos realizados pela prefeitura ou associação?
15. Depende do apoio do Sebrae?
16. As dificuldades da atividade Do turismo em Areia?
17. Qual o planejamento para os próximos anos?
18. Como é a atuação das instituições?
19. Ações que são realizadas hoje?

APÊNDICE 5 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 4: INSTITUIÇÕES

01. Como o turismo surgiu em Areia?
02. Quais ações foram desenvolvidas para criar e fomentar?
03. Você enxerga o turismo como algo positivo para Areia?
04. Como a população foi envolvida?
05. Como foram definidas ações (programas/projetos) que foram e serão realizadas?
06. Qual o objetivo do Caminhos dos Engenhos?
07. Como os engenhos foram selecionados?
08. Qual o engajamento dos proprietários?
09. Quais os parceiros?
10. Quais os benefícios para os moradores?
11. Quais os atrativos para o turista?
12. O que mudou em Areia com a chegada do turismo?
13. O turismo em Areia depende da existência de eventos realizados pela prefeitura ou associação?
14. As dificuldades da atividade do turismo em Areia?
15. Qual o planejamento para os próximos anos?
16. Como é a atuação das instituições?